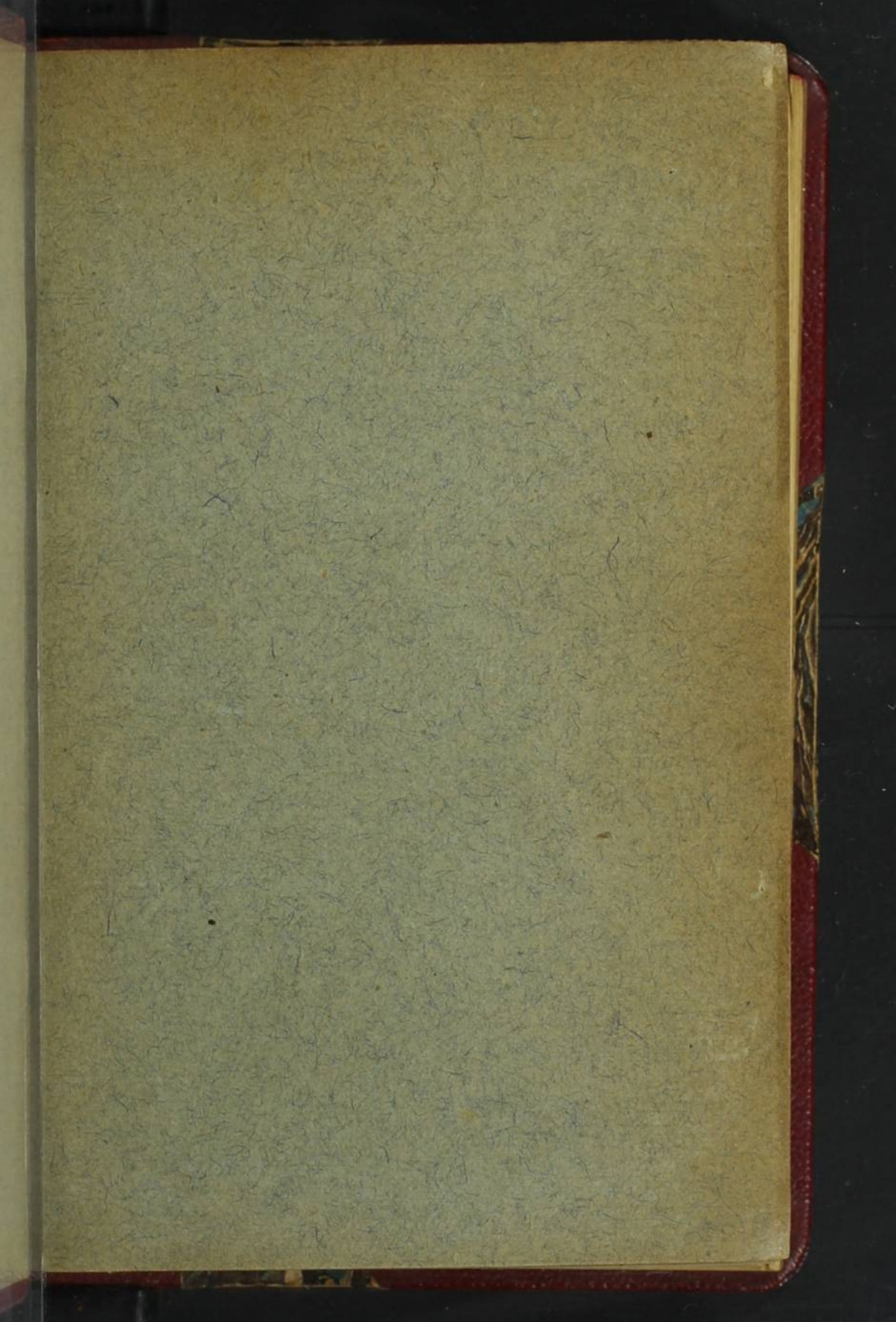




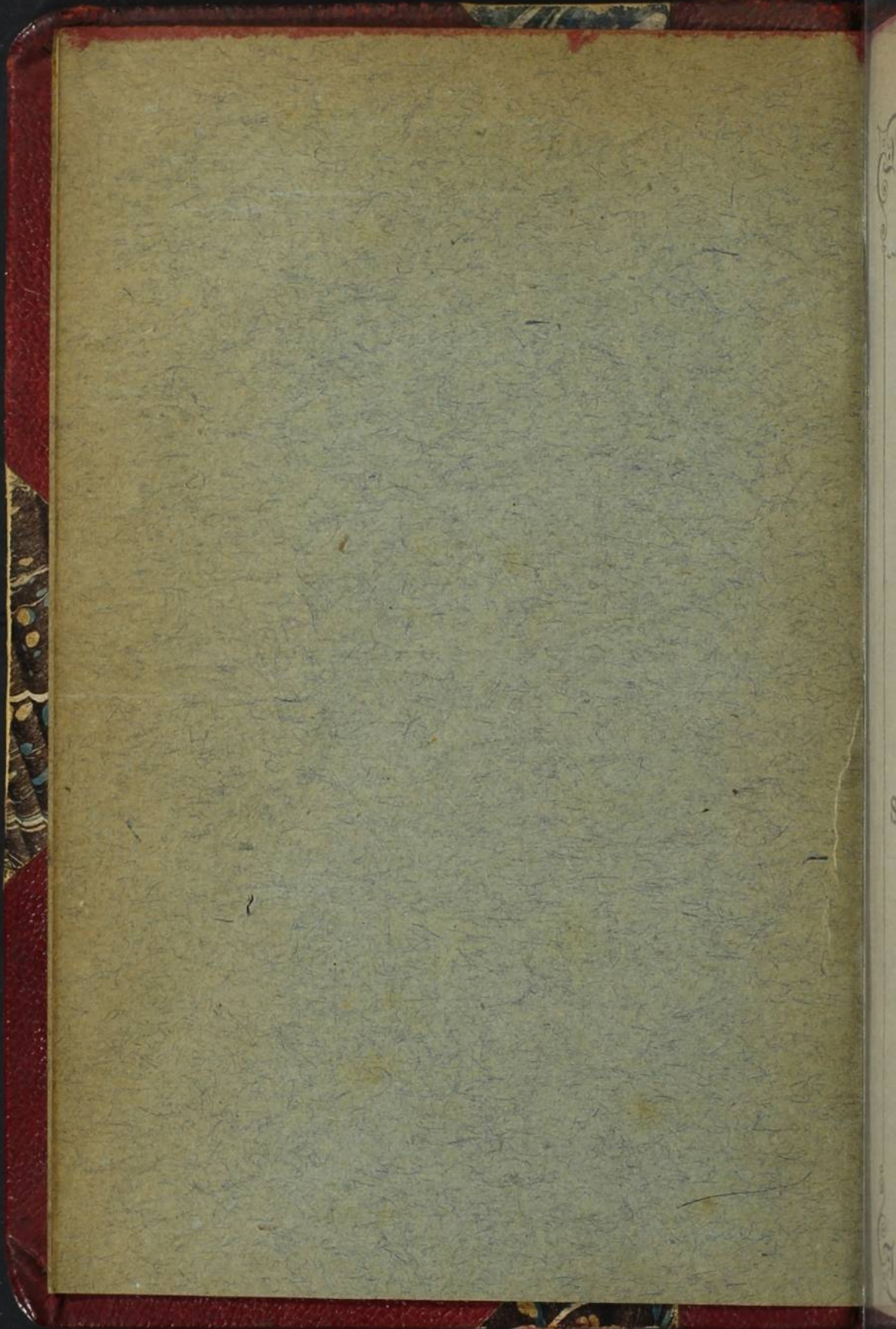
TYPOGRAPHIA, ENCADERNAÇÃO  
E DOURAÇÃO

WERNER, LIMA & Cia.

R. Possidonio Ignacio, 4-A  
S. PAULO









BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA  
Collecção in-16 a 1\$000 o volume brochado

ALFREDO DE MUSSET

PEDRO E CAMILLA

CONTO

MIMI PINSON

PERFIL DE COSTUREIRA

TRADUCCÃO

DE

SALVADOR DE MENDONÇA



RIO DE JANEIRO

**B. L. Garnier**

Livreiro-editor do Instituto Historico

65 RUA DO OUVIDOR 65

PORTO : Ernesto Chardron | BRAGA : Eugenio Chardron

*Mimi Pinson*



# OBRAS que se achão á venda nesta livraria

## Moreira de Azevedo

- Komens do Passado, chronica dos Seculos XVIII e XIX 1 v.  
in-8° enc. 3\$000, broc. . . . . 2\$000
- Kosaico Brasileiro ou collecção de ditos, respostas, pensamentos,  
epigrammas, poesias, ancedotas, curiosidades e factos his-  
toricos de brasileiros illustres, 1 v. in-8° enc. . . . 3\$000
- Criminosos celebres, episodios historicos, Pedro Hespanhol,  
Vasco de Moraes, Os salteadores da Caqueirada, 1 v.  
in-8°, enc. 3\$000, broc. . . . . 2\$000
- Os Francezes no Rio de Janeiro, romance historico, 1 v. in-8°,  
enc. 3\$000, broc. . . . . 2\$000
- Lourenço de Mendonça, romance historico, 1 vol. in-8°, enc.  
3\$000, broc. . . . . 2\$000
- Curiosidades — Noticias e variedades historicas brasileiras,  
1 v. in-8°, enc. 3\$000, broc. . . . . 2\$000

## Machado de Assis

- Historias da meia-noite, 1 v. in-8°, enc. 3\$000, broc. . . . 2\$000
- Contos Fluminensees, contendo: Miss Dolar, Luiz Soares,  
A mulher de preto, O segredo de Augusta, Confissão  
de uma viuva moça, Frei Simão, Linha recta e Linha  
curva. 1 v. enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Resurreição, romance 1 v. in-8°, enc. 3\$, broc. . . . . 2\$000
- Crysalidas, poesias, com um prefacio do Dr. Caetano Fil-  
gueiras, 1 v. enc. 3\$000, broc. . . . . 2\$000
- Phalenas, poesias, contendo: Varia. Lyra chineza, Uma  
ode de Anachreonte, Pallida Elvira, 1 v. enc. . . . 3\$000

## Bernardo Guimarães

- Escrava Isaura, 1 v. in-8°, enc. 3\$000, broc. . . . . 2\$000
- O indio Affonso, seguido de Á MORTE DE GONCALVES  
DIAS, 1 v. in-12. enc. 1\$600, broc. . . . . 1\$000
- Seminarista, romance brasileiro, 1 v. in-8°, enc. 3\$000,  
broc. . . . . 2\$000
- Historias e tradições da provincia de Minas-Geraes, A cabeça de  
Tira-Dentes, A filha do fazendeiro, Jupira, 1 v. in-8°  
enc., 3\$000, broc. . . . . 3\$000
- o Garimpeiro, romance, 1 v. in-8°, enc. 3\$, broc. . . . . 2\$000
- o Ermitão do Muquem ou a historia da fundação da romaria  
de Muquem, na provincia de Goyaz, romance de cos-  
tumes nacionaes, 1 v. enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Lendas e romances, Uma historia de Quilombolas, A gar-  
ganta do inferno, A dansa dos ossos, 1 v. enc. 3\$000,  
broc. . . . . 2\$000
- Poesias completas, Cantos da solidão, 1 v. in-4° enc. . . . 6\$000



*hav*  
*m*

**PEDRO E CAMILLA**

CONTO

POR

ALFREDO DE MUSSET

---

TRADUCCÃO

DE

**SALVADOR DE MENDONÇA**

---

**RIO DE JANEIRO**

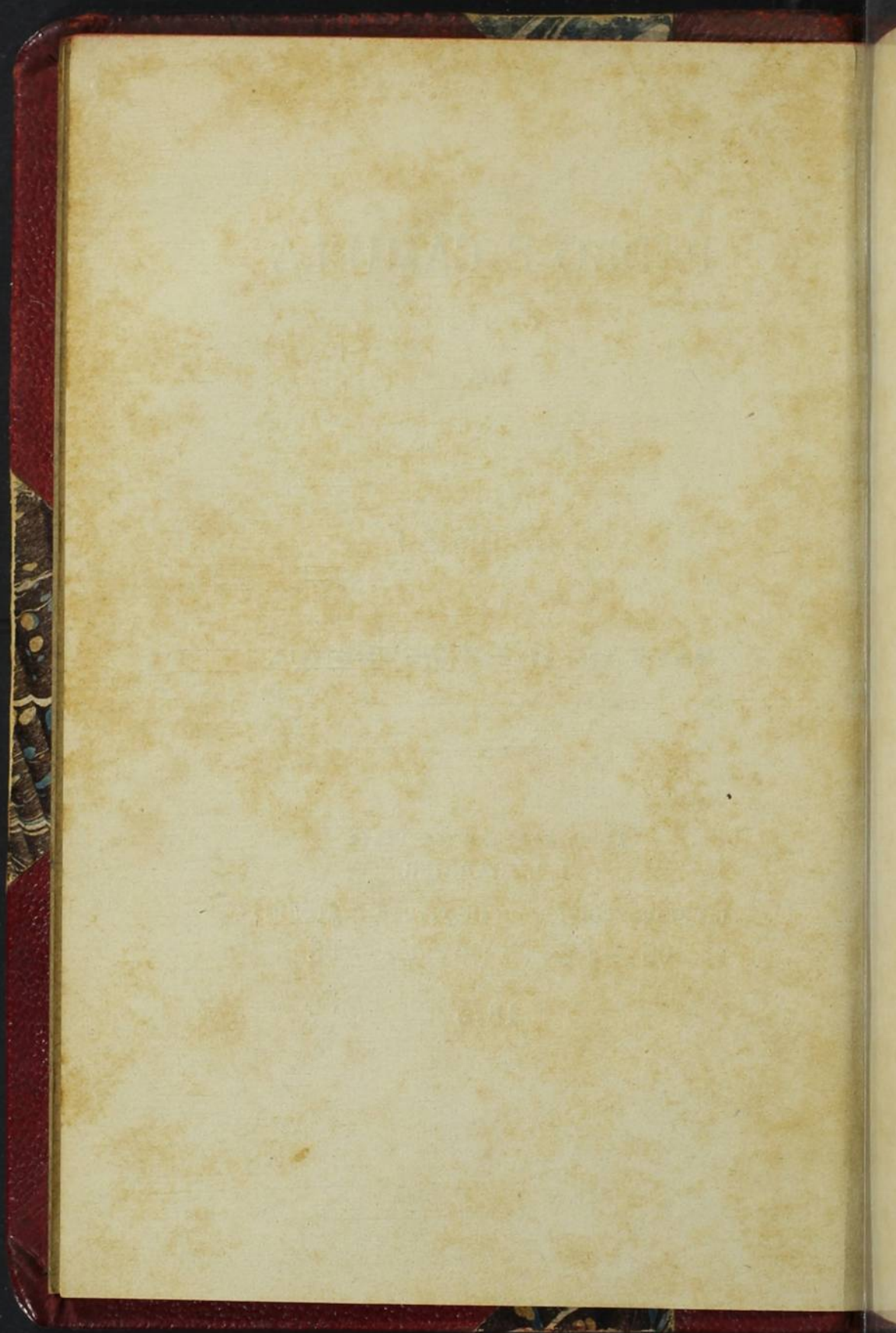
**R. L. GARNIER**

LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO HISTORICO

65 — Rua do Ouvidor — 65

—  
1875







# PEDRO E CAMILLA

## I.

O cavalheiro d'Arcis, official de cavallaria, deixára o serviço em 1760. Posto que fosse moço ainda, e a fortuna lhe permitisse apparecer vantajosamente na côrte, cedo cançára-se da vida de rapaz e dos prazeres de Pariz. Retirou-se para uma linda casa de campo, perto de Mans. Ahi, no fim da pouco tempo, a solidão, que a principio fôra-lhe agradavel, tornou-se-lhe difficil. Sentio que não podia romper assim de uma vez com os habitos de sua mocidade. Não se arrependeu de haver deixado a grande sociedade, mas não podendo re-



solter-se a viver só, tomou a deliberação de casar-se, e com uma mulher que, si possível fosse, compartilhasse o seu gosto pelo repouso e pela vida sedentaria que estava decidido a levar.

Não queria que a mulher fosse bonita; não a queria feia, tão pouco; desejava que tivesse instrucção e intelligencia, com o menos espirito possível; o que procurava principalmente, era um genio alegre e sempre o mesmo, o que considerava como as primeiras virtudes em uma mulher.

A filha de um negociante retirado, que morava na vizinhança, agradou-lhe. Como o cavalheiro não dependia de ninguem, não o deteve a consideração da distancia que ia de um fidalgo á filha de um commerciante. Dirigio á familia um pedido que foi pressurosamente acolhido. Levou a requestal-a alguns mezes, e effectuou-se o casamento.

Nunca uma alliança contrahio-se sob melhores e mais felizes auspicios. A' pro-

porção que melhor foi conhecendo a mulher, o cavalheiro descobrio nella novas virtudes e uma doçura de genio inalteravel. Ella, pelo seu lado, tomou-se de extremo amor pelo marido. Não vivia senão nelle, não pensava senão em agradar-lhe, e, muito ao envez de lamentar os prazeres de sua idade que lhe sacrificava, desejava que toda a sua vida pudesse passar-se em uma solidão que, de dia para dia, se lhe tornava mais cara.

Essa solidão não era entretanto completa. Algumas viagens á cidade, a visita regular de alguns amigos, vinham divertir-a de quando em quando. O cavalheiro não recusava vêr frequentemente os parentes da mulher, de sorte que a esta parecia-lhe que não tinha deixado a casa paterna. Sahia muitas vezes dos braços do marido para voltar aos de sua mãe, e gozava assim de um beneficio que a Providencia a bem poucos concede, pois é raro que uma nova felicidade não destrua uma felicidade antiga.



O Sr. d'Arcis não tinha menos amabilidade e bondade que a mulher ; mas as paixões de sua mocidade, a experiencia que parecia ter adquirido das cousas do mundo, tornavam-no ás vezes melancolico. Cecilia (assim chamava-se a senhora d'Arcis) respeitava religiosamente esses momentos de tristeza. Posto que não nutrisse a tal respeito nem reflexão nem calculo, todavia o coração facilmente lhe aconselhava que se não queixasse dessas ligeiras nuvens que destroem tudo quando se lhes dá attenção, e que nada valem quando se deixam passar.

A familia de Cecilia era composta de boa gente, commerciantes enriquecidos pelo trabalho, e cuja velhice era, por assim dizer, um perpetuo domingo. O cavalheiro gostava dessa alegria do repouso, comprada pela actividade, e de bom grado entrava nella. Cansado dos costumes de Versailles, e até dos serões de Mile. Grinault, comprazia-se nesses modos um tanto rudes, mas francos e novos para elle. Cecilia tinha

um tio, excellente homem, melhor conviva ainda, o qual chamava-se Geraldo. Fôra mestre pedreiro, depois tornára-se a pouco e pouco architecto; em tudo isso gastára umas dezenas de mil libras de rendas. A casa do cavalheiro era muito do seu gosto, e era sempre bem recebido ahi, posto que chegasse ás vezes coberto de calça e de pó; dois, apesar dos annos e das suas dezenas de mil libras, não se podia ter que não subisse aos telhados e não manejasse a trolha. Quando bebia alguns goles de champagne, por força discursava á sobremesa: « O senhor é feliz, meu sobrinho, dizia muitas vezes ao cavalheiro, é rico, é moço, tem uma bôa mulherzinha, uma casa que não é mal construida; nada lhe falta, não ha que se lhe diga; não tem do que se queixar. Digo-lhe e repito que é feliz.»

Um dia, Cecilia, ouvindo estas palavras, e inclinando-se para o marido, perguntou-lhe:

— Não é que ha nisso um fundo da ver-



dade, uma vez que deixas que assim t'ò digam em face?

A senhora d'Arcis, no fim de algum tempo, reconheceu que estava pejada. Havia atraz da casa um outeirinho do qual avistava-se toda a propriedade.

Os dous esposos iam lá passeiar frequentes vezes. Uma tarde em que estavam sentados na relva, Cecilia disse :

— Não contrariaste meu tio, outro dia. Achas entretanto que elle tivesse inteiramente razão? E's perfeitamente feliz?

— Tanto quanto um homem o póde ser, respondeu o cavalheiro, e nada vejo que pudesse augmentar a minha felicidade.

— Pois eu então sou mais ambiciosa que tu, replicou Cecilia, pois facil me fôra citar-te alguma cousa que nos falta aqui, e que nos é absolutamente necessaria.

O cavalheiro julgou que se tratava de alguma ninharia, e que ella estava procurando um rodeio para confiar-lhe um capricho de mulher. Fez, gracejando, mil

conjecturas, e a cada pergunta redobravam os risos de Cecilia. Brincando assim, haviam-se levantado e desciam o outeiro. O Sr. d'Arcis apressou o passo, e, impellido pelo rapido declive, ia arrastar a mulher, quando esta parou, e, apoiando-se no hombro do cavalleiro, disse-lhe :

— Toma cuidado, meu amigo, não me façás andar tão depressa. Muito longe procuravas aquillo por que eu te perguntava ; temol-o aqui comigo mesma.

Quasi todas as suas conversações, a partir desse dia, não tiveram outro assumpto; não fallavam sinão do filho, dos cuidados que precisavam dar-lhe, do modo por que o educariam, dos projectos que formavam já para o seu futuro. O cavalleiro quiz que a mulher tomasse todas as precauções possíveis para conservar o thesouro que trazia. Redobrou para ella de attenções e de amor ; e todo o tempo que durou a gravidez de Cecilia foi uma longa e deliciosa ebriedade, cheia das mais doces esperanças.



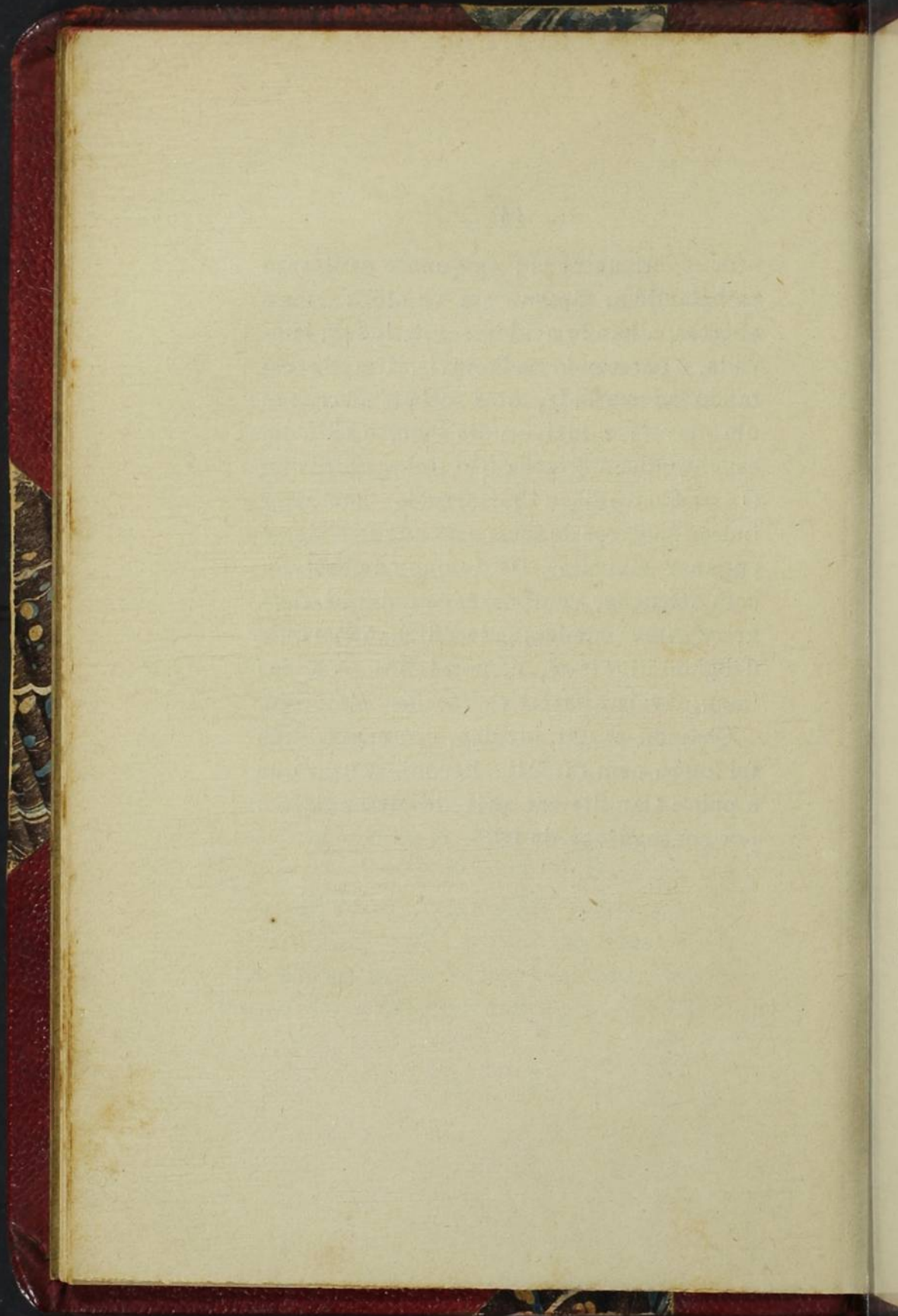
O termo fixado pela natureza chegou ; nasceu uma criança, bella como a luz do dia. Era uma menina ; puzeram-lhe por nome Camilla. Apezar do uzo geral e contra a propria opinião dos medicos, Cecilia quiz amamental-a ella mesma. O seu orgulho materno estava tão lisongeadado com a belleza da filha, que foi impossivel separal-a della ; é certo que muito pouco recém-nascidos se tinham visto com feições tão regulares e distinctas ; os olhos principalmente, quando abriam-se á luz, brilharam com um fulgor extraordinario. Cecilia, que tinha sido educada n'um convento, era extremamente pia. Os seus primeiros passos, mal pôde levantar-se, foram para ir á igreja agradecer a Deus.

Entretanto, a creança começou a tomar forças e a desenvolver-se. A' proporção que ia crescendo, mettia susto a estranha immobillidade que guardava. Parecia que nenhum barulho a impressionava ; era insensível a essas mil fallas que as mãis di-

zem ás criancinhas ; emquanto cantavam embalando-a, ficava com os olhos fixos e abertos, olhando avidamente a luz da lampada, e parecendo nada ouvir. Um dia, estando adormecida, uma criada derrubou um movel ; a mãe acudio logo, e vio com espanto que a criança não tinha acordado. O cavalheiro ficou horrorisado com esses indicios, claros de mais para que se pudesse enganar com elles. Desde que os observou com attenção, comprehendeu a que desgraça estava condemnada a filha. A mãe quiz debalde illudir-se, e, por todos os meios imaginaveis, affastar os receios do marido.

Chamou-se um medico, e o exame não foi longo nem difficil. Reconheceu-se que a pobre Camilla era privada da audiçõ e por consequente da falla.





## II

O primeiro cuidado da mãe foi perguntar si o mal era sem remedio, e responderam-lhe que havia exemplos de cura. Durante um anno, apezar da evidencia, ainda ella conservou alguma esperanza; mas baldaram-se todos os recursos da arte, e, depois de havêl-os exgotado, forçoso foi por fim renunciar a elles.

Infelizmente nessa epocha, em que tantos preconceitos foram destruidos e substituidos, um havia desapiedado contra as pobres creaturas chamadas surdos-mudos. Nobres espiritos, sabios distinctos ou ho-



mens sómente levados por um sentimento caridoso, haviam, é certo, protestado contra essa barbaridade. Foi um frade hespanhol, cousa estranha! quem primeiro, no seculo dezeseis, concebeu e ensaiou o trabalho, julgado então impossivel, de ensinar aos mudos a fallar sem palavra.

O seu exemplo fôra seguido na Italia, na Inglaterra e em França, por diversas vezes. Bonnet, Wallis, Bulwer, Van Helmont, haviam publicado obras importantes, mas o resultado ficara-lhes muito á quem da intenção; algum bem se operára aqui e acolá, sem que o mundo soubesse, quasi ao acaso, sem fructo algum. Em toda a parte, até em Pariz, no seio da mais adiantada civilisação, os surdos-mudos eram considerados como uma especie de seres á parte, marcados com o estygma da cólera celeste. Privados da palavra; recusavam-lhes o pensamento. O claustro para os que nasciam ricos, o abandono para os pobres, tal era a sua sorte; inspiravam mais horror que compaixão.

O cavalheiro foi cahindo a pouco e pouco no mais profundo desgosto. Passava a maior parte do dia, só, encerrado no seu gabinete, ou passeiava pelos bosques. Quando via a mulher, esforçava-se por apparentar tranquillidade, e tentava consolal-a, mas debalde. A senhora de Arcis, pelo seu lado, não estava menos triste. Uma desgraça merecida póde fazer derramar lagrimas, quasi sempre tardias e inuteis; mas uma desgraça sem motivo, acaba brunha a razão, desalentando a piedade.

Os dous recentes esposos, feitos para se amarem, e que se amavam, começaram assim a vêr-se com embaraço e a evitarem-se nessas mesmas alamedas em que a pouco vinham fallar de uma esperança tão proxima, tão tranquillã e tão pura. O cavalheiro, exilando-se voluntariamente na sua casa de campo, não pensára sinão no repouso; a felicidade ahi como que o sorprendêra. A Sra. d'Arcis apenas tinha feito um casamento acertado; viera o amor, era



reciproco. Um obstaculo terrivel subitamente se punha de permeio entre elles, e esse obstaculo era precisamente o proprio objecto que devêra ser um laço sagrado.

O que causou esta separação repentina e tacita, mais terrivel que um divorcio, e mais cruel do que uma morte lenta, foi que a mãe, apesar da desgraça, amava apaixonadamente a criança, ao passo que o cavalheiro, por mais que fizesse, apesar de sua paciencia e bondade, não podia superar o horror que lhe inspirava essa maldição de Deus cahida sobre elle.

— Pois odiarei minha filha? Perguntava muitas vezes comsigo nos seus passeios solitarios. Que culpa tem ella de que a tenha ferido a colera do céo? Não seria meu unico dever lastimal-a, procurar suavisar a magua de minha mulher, occultar o que soffro, velar por minha filha? Que triste vida a espera, si eu, que sou seu pai, a abandono? o que será della? Deus manda-m'a assim; o meu dever é resiguar-me.

Quem cuidará della? Quem a educará? Quem a protegerá? Só tem no mundo a mim e á mãe; não achará marido, e não ha de ter nunca irmão nem irmã; basta uma desgraçada de mais no mundo. Sob pena de ser um desalmado, devo consagrar minha vida a tornar-lhe supportavel a sua.

Assim pensava o cavalheiro, depois entrava em casa na firme intenção de cumprir os seus deveres de pai e de marido; achava a filha nos braços da mulher, ajoelhava-se diante dellas, tomava as mãos de Cecilia nas suas: tinham-lhe fallado, dizia, de um medico celebre, que ia mandar chamar; nada estava ainda decidido; tinha-se visto curas maravilhosas. Assim fallando, levantava a filha pelos braços e fazia-a passeiar pelo quarto; mas, apesar seu, terribes pensamentos o assaltavam; a idéa do futuro, a vista desse silencio, desse ente incompleto, cujos sentidos estavam fechados, a reprovação, a repugnancia, a piedade, o desprezo do mundo, o acabou-



nhavam. Empallidecia, tremiam-lhe as mãos; tornava a entregar a criança á mãe, e voltava-se para esconder as lagrimas.

Nesses momentos é que a Sra. d'Arcis apertava a filha ao peito com uma como que ternura desesperada, e esse olhar cheio, que tem o amor materno, o mais violento e altivo de todos. Nunca soltava uma queixa; retirava-se para a sua camara, punha Camilla no berço, e levava horas inteiras, muda como ella, a contemplal-a.

Essa como que exaltação sombria e apaixonada tornou-se tão forte, que não era raro vêr a Sra. d'Arcis passar dias inteiros sem proferir uma syllaba. Debalde dirigiam-lhe a palavra. Dir-se-hia que queria saber por experiencia propria o que era essa noite do espirito em que devia viver a filha.

Fallava por signaes á criança e era a unica que sabia fazer-se comprehender. As outras pessoas de casa, o proprio cavalheiro, pareciam estranhos á Camilla. A mãe da

Sra. d'Arcis, mulher de espirito bastante vulgar, quasi que não vinha ao Cardal, (assim chamava-se a terra do cavalheiro) sinão para deplorar a desgraça succedida ao genro e á sua querida Cecilia. Julgando dar mostras de sensibilidade, apiedava-se a cada momento da triste sorte da pobre, criança um dia e escapou-lhe dizer:

— Melhor fôra para ella não ter nascido.

— O que teria então feito a senhora si eu fosse assim? replicou Cecilia quasi com voz colerica.

O tio Geraldo, o mestre pedreiro, não achava grande mal em ser muda a sobrinha.

— Tive, dizia elle, uma mulher tão falladeira, que tudo no mundo, seja lá o que fôr, me parece preferivel a isso. Esta pequena póde ter a certeza de nunca dizer más palavras, nem ouvil-as, de não impacientar a casa inteira, cantando velhos trechos de opera, que são todos iguaes; não ha de ser bulhenta, não dirá injurias ás criadas, como minha mulher não se dispen-



sava de fazer : não acordará quando o marido tossir, ou quando levantar-se antes della para dirigir os seus trabalhadores ; não sonhará alto, será discreta ; terá boa vista, porque os surdos a têm ; saberá fazer uma conta, ainda quando tenha de contar pelos dedos, e pagar, si tiver dinheiro, mas sem altercar como os proprietarios a proposito da minima construcção ; saberá de sciencia propria uma cousa muito boa e que ordinariamente só com muita difficuldade se aprende : que melhor é fazer que dizer : si tiver o coração no seu lugar, ha de se vêr sem que ella precise de adocicar a linguagem. Não rirá em uma conversação, é certo ; mas não ouvirá, ao jantar, os desmancha-prazeres que deitam phrases ; ha de ser bonita, ha de ter espirito, não fará barulho ; não será obrigada, como um cego, a ter um cão para passeiar. Palavra que, si eu fosse rapaz, casava-me muito bem com ella quando crescesse ; e hoje que estou velho e sem filhos, tomava-a

de muito boa vontade para minha casa para criá-la, si por acaso aqui se desgostassem della.

Quando o tio Geraldo dizia destas cousas, um pouco de alegria approximava por instantes o Sr. d'Arcis da mulher. Não podiam deixar de sorrir os dous com aquella boa alma um tanto brusca, mas respeitavel e principalmente bemfazeja, que não queria encher o mal em parte alguma. Mas o mal alli estava; todo o resto da familia olhava com olhos assustados e curiosos essa desgraça, que era uma raridade. Quando vinham de carro do váu de Mauny, esses honrados individuos punham-se em circulo antes do jantar, tratando de vêr e de raciocinar, examinando tudo como quem muito se interessava, compondo uma physionomia adequada, consultando-se baixinho para saberem o que dizer, tentando ás vezes distrahir o pensamento commum, com alguma succulenta observação acerca de qualquer ninharia.



A mãe conservava-se diante delles, com a filha nos joelhos, com o collo descoberto, e algumas gottas de leite a escorrerem ainda. Si Raphael fosse da familia, a Virgem da Cadeira pudera ter uma irmã; a Sra. d'Arcis não dava por isso, e tanto mais bella ficava.



### III

A menina crescia; a natureza desempenhava tristemente o seu papel, mas desempenhava-o fielmente. Camilla só tinha os olhos para servirem-lhe a alma; os seus primeiros gestos foram, como tinham sido os seus primeiros olhares, dirigidos para a luz. O mais pallido raio de sol causava-lhe transportes de alegria.

Quando começou a ter-se em pé e andar, entrou a examinar e a tocar com extrema curiosidade todos os objectos que a cercavam, com uma delicadeza em que a um tempo havia receio e prazer, que



participava da vivacidade da criança e já também do pudor da mulher. O seu primeiro impeto era de correr para tudo o que lhe era novo, como para arrebatá-lo e apoderar-se delle; mas voltava quasi sempre do meio do caminho, olhando para a mãe, como que para consultá-la. Parecia-se então com o arminho, que, dizem que pára e deixa de seguir o caminho encetado quando vê que um pouco de lama ou de saibro podia macular-lhe o pello.

Algumas crianças da vizinhança vinham brincar com Camilla no jardim. Era uma cousa estranha o modo por que ella as via fallar. Essas crianças, pouco mais ou menos da sua idade, tentavam, já se vê, repetir palavras estropiadas pelas amas, e procuravam, abrindo os labios, exercer a sua intelligencia por meio de um som que apenas parecia um movimento á pobre menina. Muitas vezes, para mostrar que tinha comprehendido, ella estendia as mãos para as companheirinhas, as quaes, pelo seu

lado, recuavam assustadas diante dessa outra expressão do seu proprio pensamento.

A Sra. d'Arcis não deixava a filha. Observava com anciedade as menores accções, os menores signaes de vida de Camilla. Si houvera adivinhado que o abbade de l'Epée ia breve apparecer e trazer a luz a esse mundo de trevas, que alegria não fôra a sua! Mas nada podia fazer, e permanecia impotente contra esse mal do acaso, que ia ser destruido pela coragem e pela piedade de um homem. E' singular que um padre veja mais nisso do que uma mãe, e que o espirito, que discerne, ache o que falta ao coração, que soffre.

Quando as amiguinhas de Camilla chegaram á idade de receber as primeiras instrucções de uma professora, a pobre menina começou a testemunhar grande tristeza por não lhe fazerem o mesmo que ás outras. Havia em casa de um vizinho uma velha mestra ingleza que com muita difficuldade ensinava um menino a soletrar e



tratava-o severamente. Camilla assistia á lição; olhava com espanto para o camaradinha, acompanhando com os olhos os seus esforços, e como que procurando auxiliá-lo; chorava quando com elle ralhavam.

As lições de musica foram-lhe motivo de um pezar muito maior. De pé, ao lado do piano, apertava e magoava os dedinhos olhando para a mestra com os seus grandes olhos, que eram mui negros e formosos. Parecia perguntar o que estavam alli fazendo, e batia ás vezes no teclado de um modo a um tempo meigo e irritado.

A impressão que os seres ou os objectos exteriores produziam nas outras crianças não parecia sorprendel-a. Observava as cousas e lembrava-se dellas como os outros. Mas quando os via mostrarem-se apontando com o dedo, esses mesmos objectos e trocaram entre si esse movimento dos labios que lhe era inintelligivel, então recommecava a sua tristeza. Retirava-se para um canto, e, com uma pedra ou com um

pedaço de pão traçava quasi machinalmente na arêa algumas letras maiusculas que tinha visto os outros estudando e que ficava a contemplar attentamente.

A oração da Ave-Maria, que o vizinho ensinava regularmente aos filhos todas as noites, era para Camilla um enigma que se parecia com um mysterio. Ajoelhava-se com as amigas e punha as mãos sem saber por quê. O cavalheiro via nisso uma profanação.

— Tire dahi essa menina, dizia ; poupem-me essa macaquice.

— Deixe-se estar, que eu me incumbo de pedir perdão a Deus, respondeu-lhe uma vez a mãe.

Camilla, cedo deu indicios dessa singularissima faculdade a que os escossezes chamam a dupla vista, que os partidarios do magnetismo sustentam que se deve admittir, e que os medicos, as mais das vezes, collocam no numero das molestias. A menina surda-muda presentia a aproximação das pessoas a quem estimava, e ia muitas



vezes ao encontro dellas, sem que nada a tivesse avisado de semelhante chegada.

Não só as outras crianças não se approximavam della sem certo temor, mas até a evitavam ás vezes com ar de desprezo. Acontecia que uma dellas, com essa falta de compaixão de que falla Lafontaine, lá vinha fallar-lhe muito tempo encarando bem nella e rindo-se, e pedindo-lhe que respondesse. Esses brinquedos de criança, que serão dançados emquanto houver pernas infantis, olhava-os Camilla no passeio, já quasi mocinha, e quando vinha o sabido estribilho :

Andareis, andareis,  
Que daqui não sahireis...

sózinha, á distancia, apoiada em um banco, ella acompanhava o compasso, meneando a linda cabeça, sem pensar em juntar-se ao grupo, mas tão triste e galante que mettia pena.

Um dos maiores trabalhos que empre-

hendeu esse espirito maltratado foi querer fazer contas com uma menina vizinha que aprendia arithmetica. Tratava-se de um calculo muito facil e curto. A vizinha debatia-se entre algumas cifras um tanto emmaranhadas. A somma não chegava a mais de doze ou quinze unidades. A vizinha contava pelos dedos. Camilla, comprehendendo que a outra estava errando, e querendo ajudal-a, estendeu as mãos abertas. Tambem ella tinha recebido as noções primarias e mais simples, sabia que dous e dous fazem quatro. Um animal intelligente, um passaro mesmo, conta, lá de um modo ou de outro, que não sabemos, até dous ou tres. Dizem que uma pêga chegou a contar até cinco. Camilla, si assim era, podia contar até mais.

As suas mãos iam sómente até dez. Conservava-as abertas diante da amiguinha com um modo tão cheio de boa vontade, que dir-se-hia um homem de bem que não póde pagar.



Cedo revela-se a faceirice nas mulheres: Camilla não dava della o minimo indicio.

— Mas é triste que uma menina não comprehenda cousa alguma ! dizia o cavalheiro.

Ouvindo semelhantes palavras a Sra. d'Arcis sorria tristemente.

— No entanto é bem bonita ! dizia ao marido ; e ao mesmo tempo, com toda a meiguice, empurrava um pouco Camilla para fazel-a andar diante do pai, para que este lhe visse melhor o talhe, que começava a formar-se, e o seu andar ainda de criança, que era encantador.

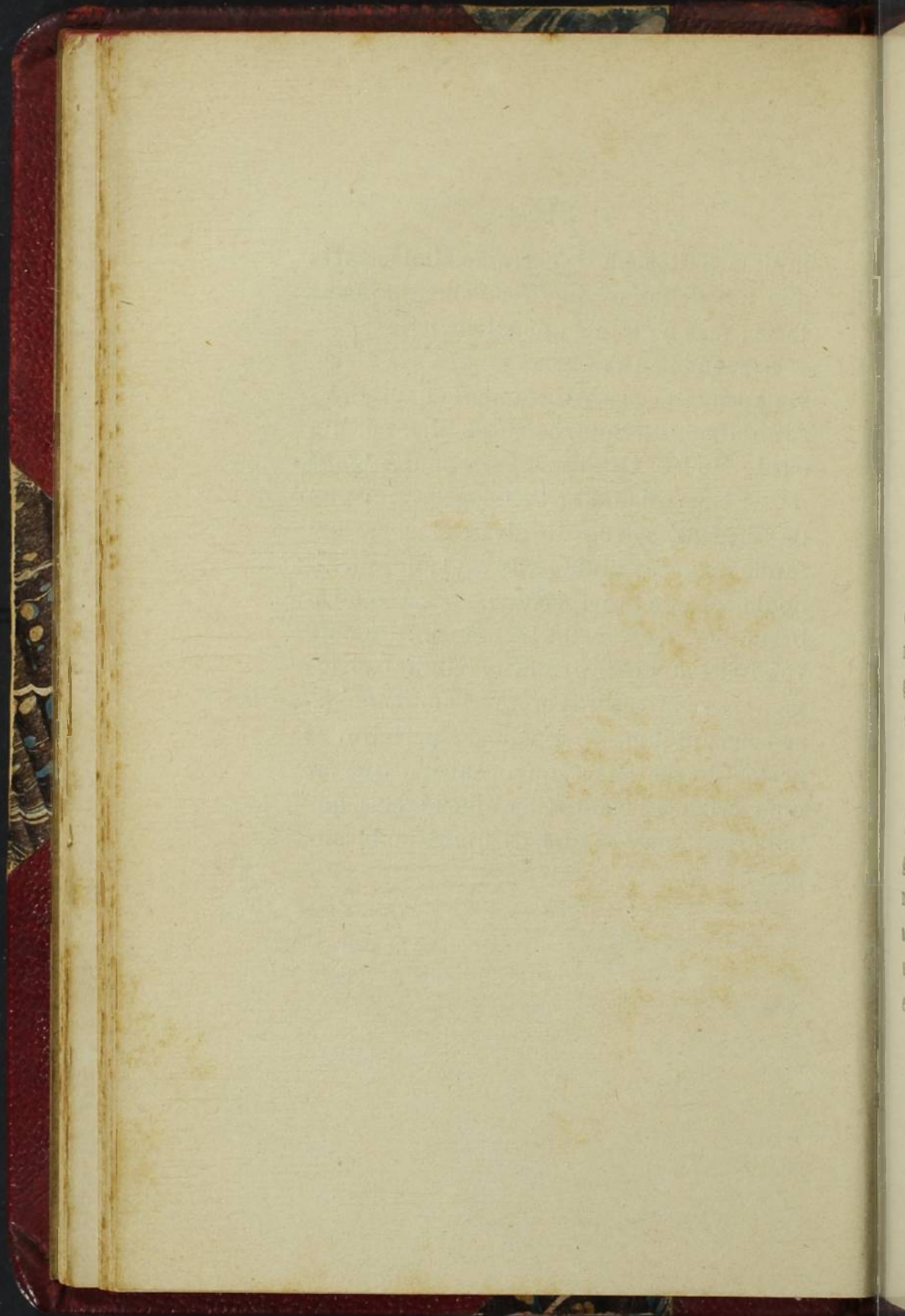
A' proporção que foi crescendo em annos, Camilla tomou-se de paixão, não pela religião, que não conhecia, mas pelas igrejas, que via. Tinha talvez na alma o instincto invencivel que faz que uma criança de dez annos conceba e conserve o projecto de vestir um vestido de lã, de procurar quem é pobre e quem soffre, e de passar assim a vida inteira. Muitos indifferentes e até

muitos philosophos morrerão ainda, antes que um delles explique semelhante phantasia; mas o certo é que ella existe.

« Quando eu era criança, não via Deus, via apenas o céu », é certamente uma phrase sublime, escripta, como se sabe, por um surdo-mudo. Camilla estava muito longe de ser capaz de tanto. A imagem grosseira da Virgem, caiada de alvaiade sobre um fundo de gesso pintado de azul; um menino do côro de provincia, com a sotaina coberta por uma velha sobrepelliz, e cuja voz fraca e argentina fazia vibrar tristemente as vidraças, sem que Camilla ouvisse cousa alguma; o andar do porteiro, os gestos do sacristão—quem sabe o que faz uma criança levantar os olhos? Mas que importa, uma vez que os olhos se levantam?

---





#### IV

— No entanto é bem bonita! repetia consigo o cavalheiro, e Camilla o era realmente. No perfeito oval de um rosto regular, sobre feições de pureza e frescura admiráveis, brilhava, por assim dizer, a claridade de um bom coração. Camilla era baixa, não pallida, mas muito clara, com longos cabellos negros. Alegre, activa, seguia a sua indole, meigamente e quasi negligentemente triste, desde que a tocava a desgraça; cheia de graça em todos os seus movimentos, de espirito e ás vezes de energia na sua pantomimasinha, singular-



mente engenhosa em fazer-se entender, viva para comprehender, e sempre obediente desde que tinha comprehendido. O cavalheiro ficava tambem ás vezes, como a Sra d'Arcis, a olhar a filha sem fallar. Tanta graça e belleza, juntas a tanta infelicidade e horror, estavam a ponto de perturbar-lhe o espirito; viram-no abraçar muitas vezes Camilla com um como que transportē, dizendo em voz alta :

— O certo é que não sou um máo homem !

Havia uma alameda no bosque, no fundo do jardim, onde o cavalheiro tinha o costume de passeiar depois do almoço. Da janella de sua camara a Sra. d'Arcis via o marido ir e vir através das arvores. Não ousava ir ter com elle. Olhava, com amargo pezar, esse homem que tinha sido para ella antes um amante que um esposo, de quem nunca recebêra uma exprobração, a quem nunca tivera uma só que fazer, e que não tinha mais a coragem de amal-a porque era mái.

Entretanto uma manhã aventurou-se. Desceu em roupão, bella como um anjo, com o coração palpitante; tratava-se de um baile de crianças que devia dar-se em um castello vizinho. A Sra. d'Arcis queria levar Camilla. Queria vêr o effeito que produziria na sociedade e no animo do marido a belleza de sua filha. Passára noites sem somno a imaginar como a vestiria ; fundára nesse projecto as mais doces esperanças.

— Elle ha de ficar orgulhoso della, e, uma vez por todas, hão de cuidar desta pobre menina. Não dirá nada, mas ha de ser a mais bella.

Logo que o cavalheiro vio a mulher vir em sua direcção, adiantou-se ao encontro della, e tomou-lhe a mão, que beijou com o respeito e a elegancia que aprendêra em Versalhes, e de que nunca se affastava, apesar de seu genio naturalmente franco. Começaram por trocar algumas palavras insignificantes, depois puzeram-se a andar um ao lado do outro.



A Sra. d'Arcis estudava o modo de propôr ao marido que a deixasse levar a filha ao baile, e quebrar assim uma determinação que elle tomára desde o nascimento de Camilla: não apparecer mais na sociedade. A só idéa de expôr a sua desgraça aos olhos dos indifferentes ou dos malevolentes quasi que transtornava o juizo ao cavalheiro. Annunciára formalmente a sua vontade a esse respeito. Era, pois, necessario que a Sra. d'Arcis achasse um subterfugio, um pretexto qualquer, não só para executar o designio que tinha em mente, como tambem para fallar delle.

Durante esse tempo, o cavalheiro parecia reflectir muito pelo seu lado. Foi o primeiro que rompeu o silencio. Um negocio sobrevindo a um seu parente, disse á mulher, acabava de causar-lhe grandes transtornos de fortuna na familia; era de grande importancia para elle superintender ás pessoas encarregadas das medidas a tomar; os seus interesses, e por consequencia os da

propria Sra. d'Arcis, corriam o risco de ficar compromettidos por falta de cuidado. Em summa, annunciou que via-se obrigado a fazer uma curta viagem á Hollanda, onde devia entender-se com o seu banqueiro ; accrescentou que o negocio era de extrema urgencia, e que tencionava partir na manhã seguinte.

Mui facil era á Sra. d'Arcis comprehender o motivo de semelhante viagem. O cavalheiro estava bem longe de pensar em abandonar a mulher ; porém, máo grado seu, experimentava uma necessidade irresistivel de isolar-se completamente durante algum tempo, ainda quando não fosse sinão para voltar mais tranquillo. Toda a dôr verdadeira dá, as mais das vezes, essa necessidade de solidão ao homem, como a dá aos animaes o padecimento physico.

A Sra. d'Arcis ficou a principio de tal modo sorprendida , que não respondeu sinão com essas phrases banaes que se



têm sempre nos labios quando não se póde dizer o que se pensa : achava a viagem muito simples ; o cavalheiro tinha razão, ella reconhecia a importancia desse proceder, e não se lhe oppunha de fórma alguma. Emquanto fallava, a dôr angustiava-lhe o coração ; disse que sentia-se cansada, e sentou-se em um banco.

Ahi, ficou engolfada em profunda scisma, com os olhos fixos, e as mãos pendentes. A Sra. d'Arcis não conhecêra até então nem grande alegria nem grandes prazeres. Sem ser mulher de espirito elevado, sentia comtudo profundamente e era de uma familia bastante commum para ter soffrido alguma cousa. O seu casamento fôra para ella uma felicidade completamente imprevista, completamente nova ; luzira-lhe aos olhos um lampejo no meio de frios e longos dias ; agora cahia-lhe a noite.

Ficou muito tempo pensativa. O cavalheiro desviava os olhos, e parecia impa-

ciente por voltar á casa. Levantava e tornava a sentar-se. A Sra. d'Arcis tambem levantou-se por fim ; tomou o braço do marido ; voltaram juntos.

Chegada a hora de jantar, a Sra. d'Arcis mandou dizer que se achava incommodada e que não vinha. Na sua camara havia um genuflexorio onde ficou ajoelhada até ao anoitecer. A criada grave entrou muitas vezes, tendo recebido do cavalheiro ordem secreta de velar por ella ; não respondeu ao que lhe diziam. Pelas oito horas da noite tocou, pedindo o vestido encomendado com antecedencia para a filha, e mandando que aparelhassem o carro. Mandou ao mesmo tempo avisar ao cavalheiro que ia ao baile, e que desejava que elle a acompanhasse.

Camilla tinha ainda um talhe de criança, mas esbelto e delicadissimo. Esse corpo querido, cujos contornos começavam a desenharem-se, a mãe o vestio com um simples e fresco vestuario. Um vestido de musse-



lina branco, sapatinhos de setim branco, um collar de contas da America ao pescoço, uma corôa de centaureas na cabeça, taes foram os adornos de Camilla, que mirava-se com orgulho e saltava de alegria. A mãe, trajando um vestido de velludo, como quem não quer dançar, estava com a filha diante de um espelho grande, e a cada instante a abraçava, repetindo :— E's linda, linda ! quando o cavalheiro subio. A Sra. d'Arcis, sem nenhuma emoção apparente, perguntou ao criado si já estava prompto o carro, e ao marido si ia. O cavalheiro deu a mão á mulher, e foram ao baile.

Era a primeira vez que via-se Camilla. Tinha-se ouvido fallar muito della. A curiosidade dirigio todos os olhares para a menina logo que esta appareceu. Podia-se receiar que a Sra. d'Arcis mostrasse algum acanhamento e alguma inquietação ; nada disso houve. Depois das cortezias do costume, sentou-se com o modo o mais calmo, e emquanto todos seguiam com os olhos a

filha com uma como que admiração ou affectação de interesse, ella a deixava ir pela sala sem que parecesse cuidar disso.

Camilla encontrava ahi as companheiras: corria alternativamente para uma ou para outra, como si estivesse no jardim. Toda a entretanto, a recebiam com reserva e com frieza. O cavalheiro, em pé, alguma distancia, soffria visivelmente. Vieram ter com elle os amigos, elogiaram-lhe a belleza da filha: estranhos, ou até desconhecidos, acercavam-se d'elle com a intenção de comprimental-o. Comprehendia que o consolavam, e isto o desgostava. Entretanto um olhar com o qual não é possível enganar-se, o olhar de todos, restituia-lhe pouco e pouco alguma alegria ao coração. Depois de ter fallado por gestos a quasi todos, Camilla fôra pôr-se entre os joelhos de sua mãe. Tinham-na visto ir de um para outro lado; esperava-se por alguma cousa estranha, ou pelo menos curiosa; ella nada mais fizera do que dar boas-noites ás pes-



soas com grande reverencia, um *shake-hand* a meninas inglezas, enviar beijos ás mãis de suas amiguinhas, tudo talvez aprendido de cór, mas feito com graça e singeleza.

Quando voltou tranquillamente ao seu logar, começaram a admirar-a. Não havia realmente mais bella cousa do que esse envolucro do que não podia sahir essa misera alma. O seu talhe, o rosto, os longos cabellos annellados, o solhos principalmente de um brilho incomparavel, a todos sorprendiam. Ao mesmo tempo que seus olhares tentavam adivinhar tudo e seus gestos tudo exprimir, o seu ar melancolico e reflectido dava aos seus menores movimentos, aos seus modos de criança e ás suas attitudes, um certo aspecto que resumbrava grandeza, que impressionaria a um pintor ou a um esculptor.

Acercaram-se da Sra. d'Arcis, rodeiam-na, fizeram mil perguntas por gestos a Camilla; ao espanto e á repugnancia haviam succedido uma benevolencia sincera,

uma franca sympathia. A exaggeração, que vem sempre quando falla um e falla outro repetindo a mesma cousa, veio juntar-se ao mais. Nunca se tinha visto menina tão galante, nem havia comparação, não existia formosura igual. Camilla obteve emfim um triumpho completo, do qual não comprehendia a minima cousa.

Comprehendia-o a Sra. d'Arcis. Sempre calma exteriormente, teve nessa noite umas pulsações de coração que lhe eram devidas, as mais felizes, as mais puras da sua vida. Houve entre ella e o marido um sorriso que valia muitas lagrimas.

Entretanto uma moça sentou-se ao piano, e tocou uma contradança. As crianças deram-se as mãos, tomaram lugares, e começaram a executar os passos que o mestre de dança do lugar lhes havia ensinado. Os pais, por outro lado, entraram a comprimentar-se reciprocamente, a achar encantadora a festa, e a fazer notar uns aos outros a gentileza de suas progenituras. Den-



tro em pouco era um rumor immenso de risos infantis, de gracejos de botequim entre os rapazes, de conversas um tanto improprias entre as moças, de tolices entre os papais, de cortezias agri-doces entre as mãis, em summa, um baile de crianças na provincia.

O cavalheiro não tirava os olhos da filha, a qual, como bem se imagina, não tomava parte na contradança. Camilla olhava a festa com uma attenção um tanto triste.

Um rapazinho veio tiral-a. Ella, por unica resposta, sacudio a cabeça; cahiram-lhe algumas centaureas da corôa, que não estava bem solida. A Sra. d'Arcis apanhou-as, e n'um instante reparou, com alguns alfinetes, a desordem do penteado que ella mesmo fizera; mas depois procurou debalde o marido: não estava mais na sala. Mandou perguntar si elle tinha partido, e si tinha tomado o carro. Responderam-lhe que tinha voltado para casa a pé.

O cavalheiro resolvêra partir sem dizer adeus á mulher. Temia e evitava toda a explicação embaraçosa, e como, além disso, o seu designio era voltar dentro de pouco tempo, julgou proceder com mais acerto deixando sómente uma carta. Não era inteiramente certo que os seus negocios o chamassem á Hollanda; entretanto a viagem podia ser-lhe vantajosa. Um seu amigo escreveu para Cardal que apressasse a viagem; era um pretexto convencionado. Entrou em casa com os modos de quem se via obrigado a partir inesperada-



mente. Mandou que lhe apromptassem as malas a toda a pressa, remetteu-as para a cidade, montou a cavallo e partio.

Uma hesitação involuntaria e um pezar immenso invadiram-o entretanto, quando transpoz os umbraes de sua porta. Receiou ter obedecido mui depressa a um sentimento que podia dominar, fazer á mulher derramar lagrimas inuteis, e não achar além o repouso que roubava talvez á sua casa.

— Mas quem sabe, pensou, si não faço pelo contrario, uma cousa util e razoavel? Quem sabe si o pezar passageiro que a minha ausencia poderá causar não trará dias mais felizes? Ferio-me uma desgraça de que só Deus conhece a causa; retiro-me por alguns dias do lugar em que soffro. A mudança, a viagem, a fadiga mesmo, acalmarão talvez os meus dissabores; vou occupar-me de cousas materiaes, importantes, necessarias; voltarei com o coração mais tranquillo, mais contente; terei re-

flectido, saberei melhor o que me cumpre fazer. — Entretanto Cecilia vai soffrer com isso, — dizia no fundo do coração. — Mas, uma vez tomada a resolução, continuou o seu caminho,

A Sra. d'Arcis deixára o baile por cerca das onze horas. Entrára no carro com a filha, que logo adormeceu-lhe com a cabeça nos joelhos. Postoque não soubesse que o cavalheiro tinha executado tão promptamente o seu projecto de viagem, nem por isso sentia menos o ter sahido sósinha da casa dos vizinhos. O que aos olhos do mundo não passa de uma falta de attenção torna-se uma dôr sensível para quem lhe suspeita o motivo. O cavalheiro não pudera supportar o espectáculo publico de sua desventura. A mãe quizera mostrar essa desventura para procurar vencel-a e elucidal-a. Perdoaria facilmente ao marido um impeto de tristeza ou de máo humor ; mas deve-se ponderar que na provincia semelhante modo de deixar assim mulher e fi-



lha é quasi uma cousa inaudita; e a minima insignificancia em tal caso, apenas um manto que se procura, quando quem devêra trazel-o não está presente, tem causado ás vezes maior mal do que todo o bem que poderia produzir o respeito das conveniencias.

Emquanto o carro se arrastava lentamente por sobre os seixos de uma estrada vicinal recentemente aberta, a Sra. d'Arcis, olhando a filha adormecida, entregava-se aos mais tristes presentimentos. Sustendo Camilla de modo que os abalos do carro a não pudessem despertar, pensava, com a força que a noite dá ao pensamento, na fatalidade que parecia perseguil-a até nessa alegria legitima que acabava de ter no baile. Uma estranha disposição de espirito a levava a pensar alternativamente ora no seu proprio passado, ora no futuro da filha.

— O que irá succeder? dizia comsigo. Meu marido afasta-se de mim, si ainda

hoje não parte para sempre, amanhã partirá; todos os meus esforços, todas as minhas supplicas apenas serviram para importunal-o; o seu amor está morto, o que ainda tem é piedade, mas a tristeza que o afflige é mais forte do que elle e do que eu mesma. Minha filha é bella, mas votada á infelicidade; que posso eu fazer? o que posso prevêr ou impedir? Si ligo-me a esta pobre creança, como devo, como faço, é quasi renunciar a vêr meu marido. Elle nos foge, causamos-lhe horror. Si eu tentasse, pelo contrario, approximar-me d'elle, si ou-sasse tentar recordar-lhe o seu antigo amor, não me pediria elle porventura que me separasse de minha filha? Não poderia ser que quizesse confiar Camilla a estranhos, e livrar-se de um espectáculo que o afflige?

Assim fallando entre si, a Sra. d'Areis abraçava Camilla.

— Pobre criança! dizia; eu abandonar-te! comprar, á custa do teu descanso,



da tua vida, talvez, a apparencia de uma felicidade que iambem me fugiria! Deixar de ser mãe para ser esposa! Quando semelhante cousa fosse possivel, não é melhor morrer do que pensar nisso?

Depois voltava ás suas conjecturas :

— O que irá succeder? perguntava ainda comsigo. O que mandará de nós a Providencia? Deus vela por todos, vê-nos a nós como aos outros. O que fará elle de nós! o que será desta criança?

Alguma distancia de Cardal, havia um vão a passar. Chovêra muito nos ultimos dias, de sorte que o rio transbordava e cobria os campos vizinhos. O homem que passava os transeuntes de uma para outra margem recusou a principio tomar o carro na sua barca, e disse que era preciso tirar os cavallos, que elle se incumbia de atravessar a agua com a gente e com elles, não com o carro. A Sra. d'Arcis, com pressa de tornar a vêr o marido, não quiz apeiar. Disse ao cocheiro que entrasse na barca ;

era um trajecto de alguns minutos, que ella cem vezes havia feito.

No meio do vão, começou a barca a perder o rumo, levada pela corrente. O homem pediu auxilio ao cocheiro para impedir, dizia, que fossem parar á represa. Havia, effectivamente, a dusentos ou tresentos passos abaixo, um moinho com uma represa, feita de vigotas, estacas e taboas unidas, mas velha, quebrada pela agua, e transformada n'uma como que cascata, ou antes precipicio. Era claro que si se deixassem arrastar até ahí, deviam contar com um horrivel accidente.

O cocheiro descêra do seu assento; bem quizera prestar-se a alguma cousa, mas havia apenas uma vara no barco. O barqueiro, pelo seu lado, fazia o que podia, mas a noite era escura; uma chuvazinha fina cegava esses dous homens, que ora se revezavam, ora reuniam as forças para cortar a agua e ganhar a margem.

A' proporção que o fragor da represa se



approximava, o perigo tornava-se mais temeroso. A barca, pesadamente carregada e defendida da corrente por dous homes vigorosos, não ia depressa. Quando a vara estava bem enterrada e bem segura, alguma distancia a barca parava, ia de lado ou gyrava sobre si propria; mas a força da agua era muita. A Sra. d'Arcis, que ficára no carro com a filha, abriu a vidraça com indizível terror.

— Estamos então perdidos? exclamou.

Nesse momento a vara quebrou-se. Os dous homens caíram na barca, extenuados, e com as mãos magoadas.

O barqueiro sabia nadar, mas o cocheiro não.

Não havia tempo a perder.

— Pai Jorge, disse a Sra. d'Arcis ao homem, que assim se chamava, podes salvar-nos, a minha filha e a mim?

O pai Jorge lançou um olhar para a agua, outro para a margem, e respondeu, levantando os hombros, quasi como offendido

com lhe haverem feito semelhante pergunta.

— O que é preciso? perguntou a Sra. d'Arcis.

— Pôr-se a senhora nos meus hombros, respoudeu o homem. Conserve o seu vestido, que a sustentará. Agarre-se ao meu pescoço com os dous braços, mas não tenha medo e não penda para diante, sinão nos afogamos; não grite, que isso a fará beber agua. Quanto á pequena, eu a tomarei com uma das mãos pela cintura, nadarei com a outra á marinheira, e a passarei suspensa no ar sem molhal-a. Não ha nem vinte e cinco braças daqui ao batatal daquelle campo.

— E João? perguntou a Sra. d'Arcis, indicando o cocheiro.

— João beberá uns goles, mas não ha de ser nada. Vá até a represa e espere, que eu lá vou buscal-o.

O pai Jorge atirou-se n'agua, carregado do seu duplo fardo; mas flára-se demais



nas suas forças. Já não era moço, tanto bastava. A margem estava mais longe do que elle dizia, e a corrente era mais forte do que o pensára. Fez entretanto tudo o que pôde para chegar á terra, mas foi logo arrastado. O tronco de um salgueiro coberto pela agua, e que elle não podia vêr nas trevas, deteve-o de repente : ferira-o violentamente na testa. Correu-lhe sangue, a vista se lhe obscureceu.

— Tome sua filha e ponha-a no meu pescoço, disse, ou no seu; eu já não posso mais.

— Poderias tu salvar-a, si carregasses a ella só? perguntou a mãe?

— Não sei bem, mas creio que sim, respondeu o homem.

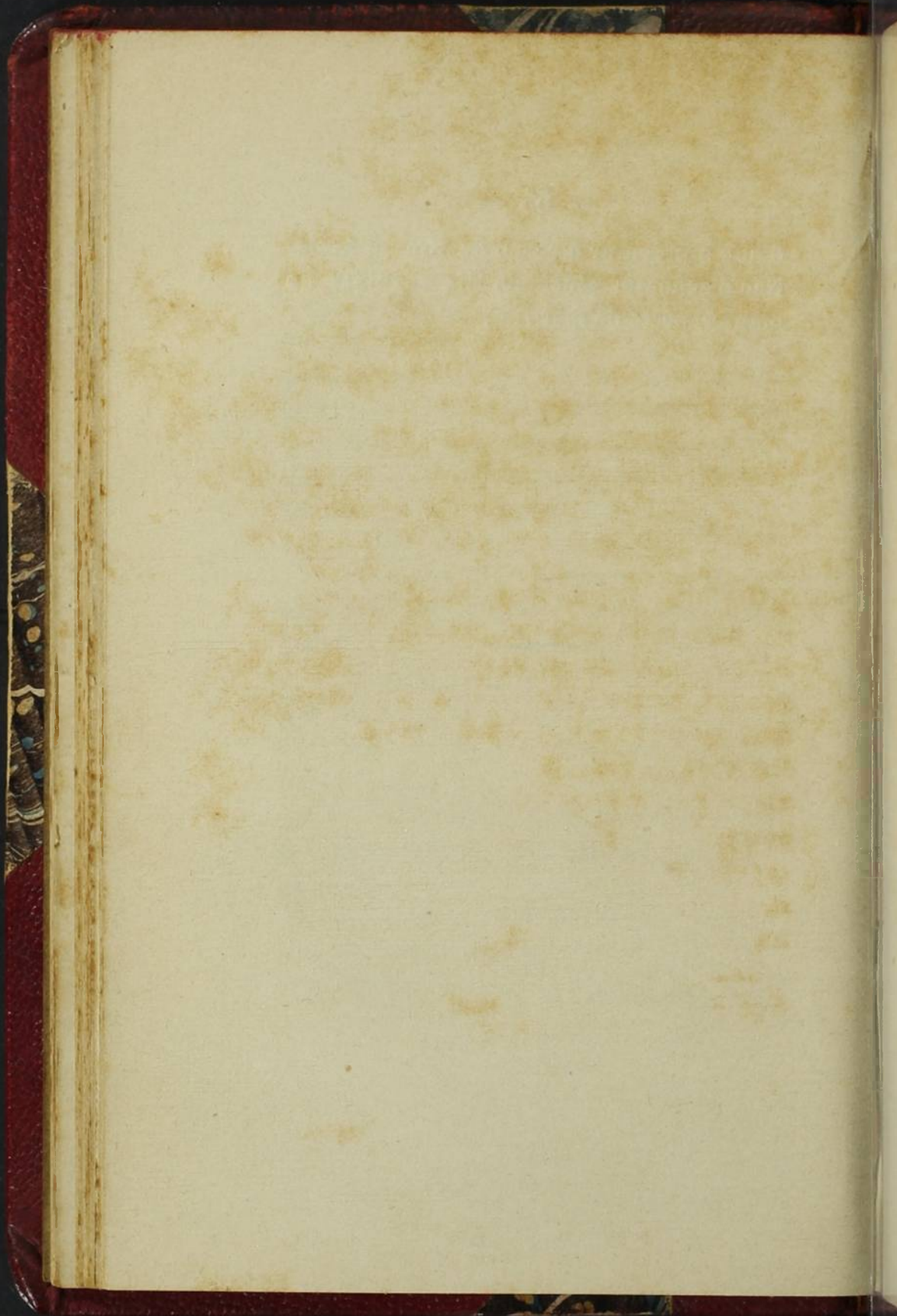
A Sra. d'Arcis, por unica resposta, abriu os braços, largou o pescoço de Jorge, e foi ao fundo.

Quando o barqueiro depoz em terra a menina Camilla sã e salva, o cocheiro, que fôra tirado do rio por um camponez, aju-

dou-o a procurar o corpo da Sra. d'Arcis.  
Não o acharam sinão no dia seguinte de  
manhã, perto da margem.







## VI

Um anno depois desse acontecimento, em uma camara de um hotel da rua de Bouloi, em Pariz, no quarteirão das diligencias, uma moça vestida de luto estava sentada junto a uma mesa, perto do fogo. Em cima da mesa estava uma garrafa de vinho, pelo meio, e um copo. Um homem acurvado pela idade, mas de physionomia expansiva e franca, vestido pouco mais ou menos como um operario, passeava a passos largos na camara. De quando em quando approximava-se da moça, parava diante della e olhava-a com uma expres-



são quasi paternal. A moça então, estendia o braço, levantava a garrafa com uma promptidão que tinha o que quer que fosse de involuntaria repugnancia, e enchia o copo. O velho bebia um gólesinho, depois continuava a andar, gesticulando de um modo singular e quasi ridiculo, enquanto a moça, sorrindo-se de um modo triste, acompanhava-lhe os movimentos com attenção.

Difficil fôra, a quem alli se achasse, adivinhar quem eram essas duas pessoas: uma, immovel, fria, semelhante ao marmore, mas cheia de graça e distincção, tendo no semblante e nos menores gestos mais do que isso a que ordinariamente chama-se belleza; a outra, de aspecto inteiramente vulgar, com a roupa em desalinho, o chapéo na cabeça, bebendo o vinho grosseiro dos botequins, e fazendo resoar o soalho com os seus sapatos ferrados. Era um estranho contraste.

Estas duas pessoas estavam entretanto

ligadas por uma amizade bem viva e terna. Era Camilla e o tio Geraldo. O honrado homem viera a Cardal quando a Sra. d'Arcis fôra levada primeiro á igreja, depois ao seu ultimo jazigo. Com a mãe morta e o pai ausente, a pobre criança achava-se então absolutamente só no mundo. O cavalheiro, uma vez sahido de casa, distrahido pela viagem, chamado pelos negocios, e obrigado a percorrer muitas cidades da Hollanda, só muito tarde soubera da morte da mulher; de sorte que passou-se perto de um mez, durante o qual Camilla ficou, por assim dizer, orphã. E' certo, que havia na casa uma como que aia, que tinha por obrigação cuidar da menina; mas nunca a mãe cedia uma parte que fosse de cuidados em que tanto se comprazia. Esse emprego era uma sinecura; a aia mal conhecia Camilla, e não podia valer-lhe de nada em taes circumstancias.

A magua da moça pela morte da mãe



fôra tão violenta, que durante muito tempo receiaram que lhe não sobrevivesse. Quando o corpo da Sra. d'Arcis fôra retirado da agua e trazido para a casa, Camilla acompanhava o cortejo funebre soltando gritos de desespero tão pungentes que as pessoas do lugar chegavam quasi a ter medo. Havia, realmente, o que fosse de assustador nesse ente que costumava-se vêr mudo, suave e tranquillo, e que sahia de repente do seu silencio em presença da morte. Os sons inarticulados que escapavam-lhe dos labios, e que só ella não ouvia, tinham o que fosse de selvagem; não eram nem palavras, nem soluços, mas uma especie de linguagem horrivel, que dir-se-hia inventada pela dôr. Durante um dia e uma noite inteira esses gritos medonhos resoaram na casa; Camilla corria por todos os lados, arrancando os cabellos e batendo nas paredes. Debalde tentaram socegal-a; a propria força foi inutil. Foi só a natureza extenuada quem fel-a cahir emfim ao

pé do leito em que estava deitado o corpo de sua mãe.

Logo depois, mostrára ter recuperado a sua tranquillidade habitual, e haver como que esquecido tudo. Conservára-se algum tempo em uma calma apparente, andando todo o dia, ao acaso, a passos lentos e distrahidos, não se recusando a nenhum dos cuidados que tomavam por ella; julgavam-a restabelecida, e o medico chamado enganou-se como os demais; mas uma febre nervosa declarou-se logo com os mais graves symptomas. Foi preciso velar constantemente pela enferma; parecia ter perdido inteiramente a razão.

Fôra então que o tio Geraldo tomára a resolução de vir a todo o custo em soccorro da sobrinha.

— Já que ella está sem pai nem mãe actualmente, dissera elle aos de casa, declaro-me seu tio verdadeiro, encarregado de cuidar della e de impedir que lhe succeda alguma desgraça. Essa criança agradou-



me sempre; muitas vezes pedi ao pai que m'a dêsse para divertir-me. Não o quero privar della, é sua filha, mas por ora fica comigo. Quando elle voltar, lh'a restituirei fielmente.

O tio Geraldo não tinha grande fé nos medicos, pela excellente razão de que mal acreditava nas molestias, por nunca ter estado doente. Uma febre nervosa principalmente lhe parecia uma chimera, um simples transtorno de idéas, que devia desaparecer com um pouco de distracção. Decidira-se, pois, a levar Camilla a Pariz.

— Estão vendo, accrescentava, como a criança anda triste. Não faz outra cousa sinão chorar, e tem razão: não se perde uma mãe duas vezes. Mas não é caso da filha tambem ir-se embora porque a outra se foi; é preciso vêr que ella pense em outra cousa. Dizem que Pariz é muito bom para isso; eu não conheço Pariz, nem ella tão pouco. Por isso vou leval-a a Pariz: far-nos-ha bem a ambos. Demais, quando não

fosse sinão a viagem, só isso já lhe seria muito util. Tambem eu já soffri como qualquer outro, e todas as vezes que vi adiante de mim um postilhão, sempre fiquei mais alegre.

Deste modo Camilla e o tio tinham vindo a Pariz. O cavalheiro, tendo-lhe sido communicada essa viagem por uma carta do tio Geraldo, approvou-a. De volta de sua viagem á Hollanda, trouxera para Cardal tão profunda melancolia, que era-lhe quasi impossivel vêr quem quer que fosse, ainda mesmo a filha. Parecia querer furtar-se a todo o ente vivo, e procurar furtar-se a si proprio. Quasi sempre só, a cavallo, nos bosques, fatigava extremamente o corpo para dar algum descanso á alma. Uma occulta magua incuravel o devorava. Intimamente exprobrava-se de ter feito a mulher infeliz em vida, e de haver contribuido para sua morte. « Si eu lá estivesse, pensava comsigo, ella viveria, e eu lá devia estar. » Este pensamento, que



o não deixava mais, envenenava-lhe a vida.

Desejava que Camilla fosse feliz ; estava prompto, dada a occasião, a fazer para isso os maiores sacrificios. A sua primeira idéa, ao voltar a Cardal, fôra substituir-se, junto da filha, áquella que já não existia, e pagar com usura a divida de coração que havia contrahido : mas a lembrança da parecença da filha com a mãe causava-lhe antecipadamente uma dôr intoleravel. Debalde proeurava ilhudir-se com essa propria dôr, e queria persuadir-se de que lhe seria antes uma consolação, um allivio para a sua magua, tornar a encontrar assim em um rosto amado as feições daquella por quem incessantemente chorava. Camilla, apezar de tudo, era para elle uma censura viva, uma prova da sua culpa e da sua infelicidade, e não sentia-se com forças para supportal-a.

O tio Geraldo não pensava tanto. Só cuidava de alegrar a sobrinha e de tornar-lhe a vida agradavel. Infelizmente não

era facil. Camilla deixára-se levar sem resistencia, mas não queria participar de nenhum dos prazeres que o bom do homem lhe proporcionava. Nem passeios, nem festas, nem espectaculos, podiam tenta-la; por unica resposta, mostrava o seu vestido preto.

O velho mestre pedreiro era obstinado. Alugára, como se vio, uns commodos mobiliados em uma hospedaria das Messageries, a primeira que um commissario da rua lhe indicára, contando não demorar-se mais do que um ou dous mezes. Já havia quasi um anno que ahi estava com Camilla. Durante um anno, Camilla recusára-se a todas as propostas de divertimento, e, como elle tanto tinha de bom e paciente como de pertinaz, havia um anno que esperava sem queixar-se. Gostava sinceramente dessa pobre moça, sem que elle mesmo lhe soubesse a causa, por um desses inexplicaveis encantos que ligam a bondade á desgraça.

— Mas emfim, não sei, dizia elle, aca-



bando a garrafa, o que póde impedir que venhas á Opera comigo. Custa muito caro ; já estou com o bilhete no bolso ; acabou-se hontem o teu luto ; alli tens dous vestidos novos ; é só pôres a tua manta, e...

Atalhou :

— Com o diabo ! não ouves nada, e eu que não me lembrava. Mas que importa ? não se precisa disso onde vamos. Tu não ouves ; eu não escuto. Veremos dançar, ahí está.

Assim fallava o bom tio, que nunca podia lembrar-se, quando tinha que dizer alguma cousa interessante, que a sobrinha não podia ouvil-o nem responder-lhe. Conversava com ella, sem querer. Por outro lado, quando tentava exprimir-se por gestos, ainda era peor ; ainda ella o comprehendia menos. Por isso adoptára o costume de fallar-lhe como aos outros, gesticulando, é certo, com todas as suas forças ; Cauilla habituára-se a essa pantomima fallante, e achava meio de responder-lhe ao seu modo.

O luto de Camilla acabára, com effeito, recentemente, como o dizia o bom do homem. Mandára elle fazer dous bellos vestidos para a sobrinha, e lh'os apresentava de um modo a um tempo tão terno e tão supplice, que ella saltou-lhe ao pescoço para agradecer-lhe, depois tornou a sentar-se com a calma tristeza de todas as horas.

— Mas não fiques nisso, disse o tio, é preciso que vistas os lindos vestidos. Não foram feitos para outra cousa; e são vestidos bonitos.

E, assim fallando, passeiava pelo quarto, fazendo dançar os vestidos como bonecas.

Camilla chorára bastante para que lhe fosse permittido um momento de alegria. Pela primeira vez depois da morte de sua mãe, levantou-se, pôz-se diante do espelho, tomou um dos dous vestidos que o tio lhe mostrava, olhou-o ternamente, estendeu-lhe a mão, e fez um signalzinho de cabeça para dizer: Sim.



A este signal, o bom Geraldo pôz-se a saltar como uma criança, com os seus sapatos grossos. Exultava; chegára finalmente a hora em que realizava o seu desígnio; Camilla ia apromptar-se, sahir com elle, ir á opera, vêr a sociedade; não cabia em si de alegria com semelhante pensamento, e abraçava e tornava a abraçar a sobrinha, chamando pela criada grave, pelos criados, por todas as pessoas da casa.

Quando acabou de vestir-se, Camilla ficou tão linda, que parece que tambem o reconheceu, e sorriu-se para a sua propria imagem.

— O carro está á nossa espera, disse o tio Geraldo, procurando imitar com os braços o gesto de um cocheiro que fustiga os cavallos, e com a boca o rodar de um carro.

Camilla sorriu-se outra vez, tomou o vestido de luto que acabava de tirar, dobrou-o cuidadosamente, beijou-o, pôl-o no guarda roupa, e partio.

## VII

O tio Geraldo, si não distinguia-se muito pela elegancia de sua pessôa, caprichava pelo menos em fazer bem as cousas. Pouco lhe importava que a sua roupa, sempre nova e muitissimo larga, pois não queria andar incommodado, o envolvesse como muito bem quizesse, que as suas meias felpudas estivessem mal puxadas, e que a cabelleira lhe cahisse nos olhos. Mas quando empenhava-se em regallar os outros, tomava desde logo o que havia de melhor e mais caro. Assim comprára, áquella noite, para si e para Camilla um



bom camarote descoberto, bem á mostra, para que a sobrinha pudesse ser vista por todos.

Aos primeiros olhares que lançou para o theatro e para a sala, Camilla ficou deslumbrada; nem podia deixar de ser assim: uma moça de dezeseis annos apenas, educada na provincia, e achando-se de repente transportada para o meio da mansão do luxo, das artes e do prazer, devia quasi julgar que estava sonhando. Dançava-se uma dança figurada; Camilla acompanhava com curiosidade as attitudes, os gestos e os passos dos actores; comprehendia que era uma pantomima, e, como devia ser entendida nisso, procurava penetrar-lhe o sentido. A todo o momento voltava-se para o tio com um ar estupefacto, como para consultal-o; elle, porém, não comprehendia muito mais do que ella. A moça via pastores de meia de sêda offercerem flôres ás suas pastoras, amores revoluteando na ponta de uma corda,

deuses sentados em nuvens. Os ornatos, as luzes, principalmente o lustre, cujo fulgôr a encantava, os adornos das mulheres, os bordados, as plumas, toda essa pompa de um espectáculo para ella desconhecido, causava-lhe uma doce estupefacção.

Por sua vez, tornou-se logo o objecto de uma curiosidade quasi geral; o seu trajo era simples, mais do melhor gosto. Sósinha, em um dos melhores camarotes, ao lado de um homem tão pouco almiscarado como era o tio Geraldo, bella como um astro e fresca como uma rosa, com os seus grandes olhos negros e a sua physionomia ingenua, devia necessariamente attrahir os olhares. Os homens começaram a mostral-a uns aos outros, as mulheres a observal-a; os marquezes approximaram-se, e os mais lisonjeiros cumprimentos, feitos em voz alta, á moda do tempo, foram dirigidos á belleza que surgia; por infelicidade, só o tio Geraldo é que recebia essas homena\_gens, que saboreava com delicias.



Entretanto, Camilla, a pouco e pouco, recuperou a principio o seu modo tranquillo, depois tomou-se de tristeza. Sentio quanto era cruel estar isolada no meio dessa multidão. Essas pessoas que conversavam nos camarotes, esses musicos cujos instrumentos regulavam os passos dos actores, essa vasta troca de pensamentos entre o palco e a platéa, tudo isso fêl-a reconcentrar-se: « Nós fallamos e tu não fallas, parecia que estavam todos a dizer-lhe ; nós escutamos, rimos, cantamos, amamo-nos, gozamos de tudo ; tu só não gozas de cousa alguma, tu só não ouves nada, tu só não és mais do que a estatua, o simulacro de um ser que não faz mais do que assistir á vida. »

Camilla fechou os olhos para livrar-se desse espectaculo ; lembrou-se daquelle baile de crianças em que vira dansar as companheiras, e em que ella ficára ao pé de sua mãe. Voltou mentalmente á casa natal, á sua infancia tão desventurada, a os seus longos soffrimentos, ás suas lagrimas

secretas á morte de sua mãe, finalmente, ao lucto que acabava de deixar, e que resolveu tomar outra vez quando voltasse. Já que estava condemnada para sempre, pareceu-lhe que era melhor não tentar nunca soffrer menos. Sentio mais amargamente que nunca que todo o esforço de sua parte para resistir á maldição celeste era inutil. Possuida desse pensamento, não pôde reter algumas lagrimas que o tio Geraldo vio correr ; procurava elle adivinhar-lhes a causa, quando ella acenou-lhe que queria partir. O bom do homem, surpreso e inquieto, hesitava e não sabia o que fizesse ; Camilla levantou-se e indicou-lhe a porta do camarote, para que elle lhe dêsse o seu mantelete.

Nesse momento, avistou em baixo, na galeria, um moço de agradavel parecer, mui ricamente vestido, que tinha na mão um pedaço de ardosia, no qual tratava letras e figuras com um lapis branco. Mostrava depois a ardosia ao visinho, mais



idoso do que elle; este parecia que o comprehendia logo, e respondia-lhe do mesmo modo com muita promptidão. Ambos trocavam, ao mesmo tempo, abrindo ou fechando os dedos, certos signaes, que pareciam servir-lhes para melhor communicarem-se as suas idéas.

Camilla nada comprehendeu, nem dos desenhos que mal distinguia, nem dos signaes que não conhecia; mas notára, do primeiro relance de olhos, que o moço não movia os labios;—prompta para sahir, deteve-se. Via que elle fallava uma linguagem que não era a mesma dos outros, e que achava meio de exprimir-se sem o fatal movimento da palavra, tão incomprehensivel para ella, e que atormentava-lhe o pensamento. Fosse qual fosse essa estranha linguagem, uma surpresa extrema, um desejo invencivel de vêr mais, fizeram-na occupar outra vez o lugar que acabava de deixar; inclinou-se para fóra do camarote, e observou attentamente o que fazia

o desconhecido. Vendo-o de novo escrever na ardosia e apresental-a ao vizinho, fez um movimento involuntario como para interceptal-a na passagem. A esse movimento, o moço voltou-se e, por sua vez, olhou para Camilla. Apenas seus olhos encontraram-se, ficaram ambos a principio immoveis e indecisos, como si procurassem reconhecer-se; depois, em um instante, adivinharam-se, e disseram-se com um olhar: somos ambos mudos.

O tio Geraldo trazia á sobrinha o seu mantelete, a sua bengala e o seu capuz, porém, ella não quiz mais ir-se embora. Tornára a sentar-se, e ficou encostada á balaustrada.

O abbade de l'Épée começava então a tornar-se conhecido.

Fazendo uma visita á uma senhora, na rua de Fossés-Saint-Victor, movido de piedade por duas surdas-mudas que vira, por acaso, trabalhando de agulha, a caridade que enchia-lhe a alma despertára-se de



repente, e operava já prodigios. Na pantomima informe desses entes miseraveis e desprezados, elle achára os germens de uma lingua fecunda, que julgava que podia tornar-se universal, mais verdadeira, em todo o caso, que a de Leibnitz. Como a maior parte dos homens de genio, elle ultrapassára talvez o seu fim, vendo-o demasiado grande. Mas já era muito vêr-lhe a grandeza. Fosse qual fosse a ambição da sua bondade, o certo é que elle ensinava os surdos-mudos a lêr e a escrever. Restituia-os ao numero dos homens. Só e sem auxilio, por sua propria força, emprehendêra formar uma familia com esses desgraçados, e preparava-se para sacrificar a esse projecto vida e fortuna, esperando que o rei lançasse os olhos sobre elles.

O moço sentado perto do camarote de Camilla, era um dos alumnos formados pelo abbade. Filho de fidalgos e de uma antiga casa, dotado de uma viva intelligencia, mas ferido da *meia-morte*, como

então se dizia, fôra um dos primeiros que recebêra a mesma educação, pouco mais ou menos, que o celebre Conde de Solar, com a differença que era rico, e que não corria o risco de morrer de fome, por falta de uma pensão do Duque de Penthièvre. Independentemente das lições do abbade, haviam-lhe dado um aio, que, sendo um secular, podia acompanhá-lo a toda a parte, encarregado, já se vê, de vigiar-lhe as acções e dirigir-lhe os pensamentos. Era o visinho que lia na ardosia. O moço aproveitava, com grande cuidado e applicação, esses estudos diarios que adextravam-lhe o espirito ácerca de todas as cousas, na leitura como no manejo, na opera como na missa; entretanto um pouco de natural altivez e uma independencia de character muito pronunciada, luctavam no seu animo contra essa difficil applicação. Não conhecia nenhum dos males que poderiam affligil-o, si houvesse nascido em uma classe inferior ou simplesmente,



como Camilla, em outro lugar que não em Pariz.

Uma das primeiras cousas que lhe tinham ensinado, quando começára a soletrar, fôra o nome de seu pai, o marquez de Maubray. Sabia, pois, que era, a um tempo differente dos outros homens pelo privilegio do nascimento, e por uma desgraça da natureza. Assim o orgulho e a humilhação disputavam entre si um nobre espirito, que, por felicidade, ou talvez por necessidade, nem por isso deixára de ser chão.

Esse marquez, surdo-mudo, que observava e comprehendia os outros, tão altivo como qualquer delles, e que tambem frequentára, ao lado do seu aio, a melhor sociedade de Versalhes, era o alvo de mais de um binoculo de mulher bonita, mas não tirava os olhos de Camilla; pelo seu lado ella via-o muito bem, sem olhar mais para telle. Acabada a opera, tomou o braço do tio, e, não ousando olhar para traz, voltou para casa pensativa.

## VIII

Seja dito de passagem que nem Camilla nem o tio Geraldo conheciam sequer o nome do abbade del'Epée ; ainda menos sabiam da descoberta de uma sciencia nova que fazia fallar os mudos. O cavalheiro poderia ter conhecido essa descoberta ; sua mulher com certeza a teria conhecido, si vivesse ; mas Cardal ficava longe de Pariz ; o cavalheiro não recebia jornaes, ou, si os recebia, não os lia. Assim algumas leguas de distancia, um pouco de preguiça ou a morte, podem produzir o mesmo resultado.

De volta á casa, Camilla trazia uma idéa



fixa: quanto podia dizer com o gesto e com o olhar, empregou-o ara explicar ao tio que precisava, antes de tudo, de uma ardosia e de um lapis. O excellente Geraldo não ficou embaraçado com o pedido, posto que este lhe fosse feito um tanto tarde, pois era hora da ceia; correu ao seu quarto e, persuadido de que tinha comprehendido bem, trouxe em triumpho á sobrinha uma taboinha e um pedaço de giz, reliquias preciosas de seu antigo amor pela edificação e pela carpintaria.

Camilla não mostrou-se desgostosa de vêr o seu desejo cumprido daquelle modo; tomou a taboinha nos joelhos, e fez o tio sentar-se a seu lado; depois fêl-o tomar o giz, e pegou-lhe na mão como para guial-o, ao mesmo tempo que seus olhos inquietos dispunham-se a acompanhar-lhe os menores movimentos.

O tio Geraldo bem comprehendia que ella pedia-lhe que escrevesse alguma cousa; mas o que? Eis o que não sabia. «O nome

de tua mãe? O meu? O teu?» E, para fazer-se comprehender, bateu com a ponta do dedo, o mais delicadamente que pôde, sobre o coração da moça. Ella inclinou logo a cabeça; o bom do homem julgou que tinha acertado; escreveu, pois, em grossas letras o nome de Camilla; e depois, satisfeito comsigo e com o modo por que tinha passado a noite, estando prompta a ceia, pôz-se á mesa, sem esperar pela sobrinha, que não era companheira que pudesse com elle.

Camilla não se retirava nunca sem que o tio tivesse acabado a garrafa; assistio á refeição d'elle, deu-lhe boa-noite, e recolheu-se ao seu aposento, com a taboinha nos braços.

Fechando immediatamente a porta, pôz-se por sua vez a escrever. Desembaraçada do penteado e dos enfeites, começou a copiar com infinito cuidado e trabalho a palavra que o tio traçára, e a garatujar de branco uma mesa grande que havia no meio do quarto. Depois de ensaiar e apagar mui-



tas vezes, chegou a reproduzir bem soffri-  
velmente as letras que tinha diante dos  
olhos. Quando acabou de fazê-lo, e, para  
certificar-se da exactidão da cópia, contou  
uma por uma as letras que lhe tinham ser-  
vido de modelo, passeiou ao redor da mesa,  
com o coração palpitante de alegria, como  
si tivesse alcançado uma victoria. Essa pala-  
vra *Camilla* que acabava de escrever pare-  
cia-lhe admiravel de vêr-se, e devia certa-  
mente, no seu sentido, exprimir as mais  
bellas cousas do mundo. Nessa unica pala-  
vra, parecia-lhe vêr uma porção de pensa-  
mentos, qual mais suave, mais mysterioso,  
mais encantador. Estava longe de crêr que  
era apenas o seu nome.

Era no mez de Julho, o ar estava puro e  
magnifica a noite.

Camilla abriera a janella; parava ahi de  
quando em quando, e, scismando, com os  
cabellos soltos, os braços cruzados, os olhos  
brilhantes, bella com essa pallidez que a  
claridade das noites dá ás mulheres, olhava

uma das mais tristes perspectivas que ter-se podem: o estreito pateo de uma comprida casa em que achava-se alojada uma empresa de diligencias. Nesse pateo, frio, humido e insalubre, nunca penetrára um raio de sol; a altura dos andares sobrepostos interceptava a luz a esse como que subterraneo.

Quatro ou cinco bojudas carruagens, alinhadas debaixo de um telheiro, apresentavam as lanças a quem entrava. Duas ou tres outras, deixadas no pateo, por falta de lugar, pareciam esperar os cavallos, cujas patadas na estrebaria pediam aveia desde o anoitecer até a manhã. Por cima de uma porta estrictamente fechada depois da meia-noite para os locatarios, mas sempre prompta a abrir-se ruidosamente a toda a hora aos estalos do chicote de um cocheiro, levantavam-se enormes paredes, guarnecidas de dezenas de janellas, onde nunca, depois das dez horas, brilhava uma vela, salvo em circumstancias extraordinarias.



Camilla ia sahir da janella, quando de subito, na sombra projectada por uma enorme diligencia, pareceu-lhe vêr passa-uma fórma humana, ricamente vestida, e passeiando a passos lentos. Camilla sentio a principio o estremecimento do medo sem saber por quê, pois seu tio alli estava, e a vigilancia do bom homem revelava-se pelo seu ruidoso somno; demais, como era que um ladrão ou um assassino havia de vir passeiar nesse pateo vestido desse modo?

O homem alli estava entretanto, e Camilla o estava vendo. Andava por detraz da carruagem, olhando para a janella onde ella se conservava. Passados alguns momentos, Camilla sentio voltar-lhe a coragem: tomou a luz, e estendendo o braço para fóra da janella, alumiou de repente o pateo; ao mesmo tempo lançou um olhar meio assustado, meio ameaçador. Desfazendo-se a sombra do vehiculo, o Marquez de Maubray, pois era elle, vio que estava

completamente a descoberto, e, por unica resposta, pôz um joelho em terra, juntando as mãos e olhando para Camilla, na attitude do mais profundo respeito.

Ficaram alguns momentos assim, Camilla á janella, com a luz na mão, o Marquez de joelhos diante della. Si Romeu e Julieta, que não se tinham visto sinão uma noite em um baile mascarado, trocaram logo da primeira vez tantos juramentos, fielmente cumpridos, imagine-se o que poderiam ser os primeiros gestos e os primeiros olhares de dous amantes que não se podiam dizer sinão mentalmente essas mesmas cousas, eternas perante Deus, e que o genio de Shakespeare immortalisou na terra.

E' certo que é ridiculo subir dous ou tres degrãos para galgar o tejadilho de um carro, parando a cada esforço que se é obrigado a fazer, para saber si deve-se continuar. E' certo que um homem de meia de sêda e veste bordada corre o risco de não



sahir-se muito bem quando se trata de saltar desse tejadilho para o peitoril de uma janella. Tudo isso é incontestavel, salvo si se ama.

Quando o Marquez de Maubray achou-se no aposento de Camilla, começou por fazer-lhe um cumprimento tão ceremonioso como se a tivesse encontrado nas Tulherias. Si soubesse fallar, talvez lhe tivesse contado como tinha escapado á vigilancia do aio, para vir por meio de algum dinheiro dado a um laçao, passar a noite debaixo da sua janella; como a acompanhára quando ella sahira da Opera; como um olhar della mudára-lhe a vida inteira; como, finalmente, só a ella amava no mundo, e não ambicionava outra felicidade si não offerecer-lhe a sua mão e a sua fortuna. Tudo isso lhe estava escripto nos labios; mas a reverencia de Camilla, retribuindo-lhe o seu cumprimento, fez-lhe comprehender quanto fôra inutil semelhante narração e que pouco importava-

lhe saber como chegára elle até alli, uma vez que já alli estava.

O Sr. de Maubray, apezar da como que audacia que patenteára para chegar até á presença daquella a quem amava, era, como já dissemos, simples e reservado. Depois de ter cumprimentado Camilla, procurava debalde como perguntar-lhe si o queria para esposo ; ella não comprehendia cousa alguma do que elle tentava explicar-lhe. Vio em cima da mesa a taboinha onde estava escripto o nome de *Camilla*. Tomou o pedaço de giz, e, ao lado desse nome, escreveu o seu : *Pedro*.

— O que quer dizer tudo isto? gritou uma grossa voz de baixo profundo; que entrevistas são estas? Por onde introduzio-se o senhor aqui? O que vem fazer nesta casa,

Era o tio Geraldo quem assim fallava, entrando de *chambre*, furioso.

— Bonita cousa! continuou. Deus é testemunha de que eu estava dormindo, e de que, pelo menos, si o senhor fez algum



barulho, não foi com a lingua. O que vem a ser estes senhores, que acham a cousa mais simples do mundo escalar tudo? Qual é a sua intenção? Estragar um carro, quebrar tudo, dar prejuizos, e depois, o que mais? Deshonrar uma familia! Lançar o opprobrio e a infamia sobre pessoas honestas...

Tambem este não me ouve, exclamou desconsolado o tio Geraldo. Mas o marquez tomou um lapis e um pedaço de papel, e escreveu: « Amo Camilla, quero desposar-a, tenho vinte mil libras de renda. Quer dar-m'a? »

— Não ha como esta gente que não falla, disse o tio Geraldo, para andar depressa com os negocios.

— Mas olhe, exclamou depois de alguns momentos de reflexão, eu não sou o pai della, sou apenas tio. E' preciso pedir permissão ao papai.

## IX

Não era cousa muito facil obter do cavalleiro o seu consentimento para semelhante união, não que não estivesse disposto, como já se vio, a fazer todo o possivel para tornar a filha menos infeliz : mas havia nas circumstancias presentes uma difficuldade quasi insuperavel.

Tratava-se de unir uma mulher, victima de uma horrivel enfermidade, a um homem victima da mesma desgraça ; e, si um tal asamento tivesse fructos, era provavel que não fizesse mais do que procrear mais algum infortunado.



O cavalheiro, retirado para sua terra, presa sempre da mais profunda magua, continuava a viver na solidão. A Sra, d'Arcis fôra enterrada no parque; alguns salgueiros cercavam-lhe a sepultura e annunciavam de longe aos que passavam o modesto lugar em que ella repousava. Era para esse lugar que o cavalheiro dirigia todos os dias os seus passeios. Alli passava longas horas, devorado de saudades e de tristeza, e entregando-se a todas as recordações que podiam alimentar-lhe aquella dôr.

Alli foi que o tio Geraldo veio encontrar-o de repente uma manhã. Logo no dia seguinte a esse em que sorprendêra os amantes juntos, o excellente homem deixára Pariz com a sobrinha, trouxera Camilla para Mars, e a deixára na sua propria casa, para que alli esperasse o resultado da sua missão.

Pedro, avisado dessa viagem, promettêra ser fiel e conservar-se prompto a cumprir a sua palavra. Orphão desde muito, senhor

de sua fortuna, não tendo necessidade  
sinão de consultar o tutor, a sua vontade  
não tinha que receiar nenhum obstaculo.  
O tio de Camilla, pelo seu lado, bem queria  
servir de mediador e dispôr o casamento  
dos dous; mas entendia que essa primeira  
entrevista, que lhe parecia soffrivelmente  
singular, não se podia renovar sinão com a  
permissão do pai e do tabellião.

A's primeiras palavras do tio Geraldo, o  
cavalheiro mostrou, como bem se imagi-  
nava, a maior admiração. Quando o excel-  
lente homem começou a contar-lhe o  
encontro na opera, a scena original e o pe-  
dido mais singular ainda, achou difficul-  
dade em conceber que semelhante romance  
fosse possivel. Obrigado entretanto a reco-  
nhecer que lhe estavam fallando séria-  
mente, as objecções com que já se contava  
apresentaram-se-lhe naturalmente ao es-  
pirito.

— O que quer o senhor? disse a Geraldo.  
Unir dous entes igualmente infelizes? Já



não basta termos na familia essa pobre creatura de quem sou pai? Havemos ainda de augmentar a nossa desgraça dando-lhe um marido semelhante a ella? Estou porventura destinado a vêr-me cercado de rés probos do mundo, objectos de desprezos e de compaixão? Pois hei de passar a vida com mudos, envelhecer no meio do horri-vel silencio delles, ter os olhos fechados por suas mãos? Meu nome, de que não sou vaidoso, como Deus sabe, mas que, emfim é de um pai, hei de então deixal-o a infelizes que não puderam assignal-o nem pronuncial-o?

— Pronuncial-o, não, disse Geraldo, mas assignal-o é diverso.

— Assignal-o! exclamou o cavalheiro. Está desarrazoando.

— Sei o que estou dizendo, e esse moço sabe escrever, tornou o tio. Attesto-lhe e certifico-lhe que até escreve muito bem e muito corrente, como prova o seu pedido, que tenho no bolso e está muito em termos.

O excellente homem mostrou ao mesmo tempo ao cavalheiro o papel em que o marquez de Maubray traçára as poucas palavras que expunham, de modo laconico, é certo, mas claro, o objecto do seu pedido.

— O que significa isto? perguntou o pai. Desde quando os surdos-mudos pegam na penna? Que historia é essa que está inventando, Geraldo?

— Por vida minha, tornou este, não sei o que vem a ser, nem como semelhante cousa possa fazer-se. O certo é que a minha intenção era simplesmente distrahir Camilla, e vêr um pouco tambem, com ella, o que vêm a ser as piruetas. Succedeu que o marquezinho lá estava, e é certo que tinha uma ardozia e um lapis, dos quaes servia-se com toda destreza. Eu sempre julgára, como o senhor, que quem era mudo não dizia nada, absolutamente nada. Parece que hoje fez-se uma descoberta por meio da qual toda essa gente se compre-



hende e conversa muito bem. Dizem que foi um abbade, cujo nome não me lembro mais, quem inventou esse meio. Quanto a mim, bem vê que uma ardozia nunca pareceu-me prestar sinão para pôr-se em cima de um tecto; mas os taes parizienses são tão astutos!

— E' sério o que me está dizendo?

— Muito sério. O marquezinho é rico, bonito rapaz; é fidalgo e moço de boas maneiras; respondo por elle. Olhe, pense n'uma cousa: o que fará o senhor da misera Camilla? Ella não falla, é verdade, mas não é por sua culpa. O que ha de ser della; diga-me. Não póde ficar solteira toda a vida. Ahi esta um homem que a ama; esse, si o senhor lh'a der, não se aborrecerá della nunca por causa do defeito que tem na lingua; sabe por experiencia propria o que isso é. Compreendem-se os dous, entendem-se, sem que para isso tenham necessidade de gritar. O marquesinho sabe lêr e escrever; Ca-

milla aprenderá a fazer outro tanto, Bem vê que si eu lhe propuzesse casar sua filha com um cego, o senhor tinha razão para dar-me uma gargalhada na cara; mas proponho-lhe um surdo-mudo, é razoavel. O senhor está vendo que ha dezeseis annos, que tem a pequena, e ainda não se consoleu bem disso. Como quer então que um homem, feito como qualquer outro, arranje-se com ella, si o senhor, que é pai, não sabé como haver-se?

Emquanto o tio fallava, o cavalheiro lançava de quando em quando um olhar para o lado do tumulo da mulher, e parecia reflectir profundamente.

— Restituir a minha filha o uso do pensamento! disse depois de longo silencio; permittil-o-hia Deus? será possível?

Nesse momento, o cura de uma aldêa vizinha entrava no jardim, vindo jantar ao castello. O cavalheiro complimentou-o distrahidamente; depois, sahindo de repente da sua meditação, perguntou-lhe:



— O Sr. cura, que sabe algumas vezes as noticias, e que recebe jornaes, já ouviu fallar de um padre que emprehendeu a educação dos surdos-mudos ?

Infelizmente, a pessoa a quem dirigia-se esta pergunta era um verdadeiro cura de aldêa desse tempo, homem simples e bom, mas muito ignorante, e cheio de todos os preconceitos de um seculo em que tantos havia e tão funestos.

— Não sei o que o senhor quer dizer, respondeu-lhe elle respeitosaente, salvo si refere-se ao abbade de l'Épée.

— Exactamente, acudio o tio Geraldo. Foi o nome que me disseram ; eu já não me lembrava.

— Então ! disse o cavalheiro. O que deve-se pensar disso ?

— Não posso, replicou o cura, fallar com muita circumspecção de uma materia ácerca da qual ainda não me acho completamente edificado. Mas sou levado a crêr, pelos poucos esclarecimentos que me foi

possível colher a esse respeito, que esse Sr. de l'Epée, que, aliás, parece ser pessoa muito veneravel, não attingio o fim que se tinha proposto.

— O que quer dizer com isso ? perguntou o tio Geraldo.

— Quero dizer, tornou o sacerdote, que a mais pura intenção póde ás vezes falhar quanto ao resultado. E' fóra de duvida, pelo que pude saber, que fizeram-se os mais louvaveis esforços ; mas tenho todo o fundamento para crêr que a pretensão de ensinar a lêr aos surdos-mudos, como disse aqui o senhor, é totalmente chimerica.

— Si eu já vi com os meus olhos ! disse Geraldo ; já vi um surdo-mudo que escreve.

— Estou muito longe, replicou o cura, de querer de modo algum contradizel-o ; mas pessoas sabias e distinctas ; entre as quaes poderia até citar doutores da Faculdade de Pariz, garantiram-me peremptoriamente que era cousa impossivel.



— Uma cousa que se vê não póde ser impossível, tornou o tio impacientando-se. Andei cincoenta leguas com um bilhete no bolso para mostral-o ao cavalheiro; eil-o, é claro como a luz meridiana.

Assim fallando a antigo mestre pedreiro tirára de novo o seu papel, e o puzera aos olhos do cura. Este, meio espantado; meio escandalizado, examinou o bilhete, revistou-o, leu-o muitas vezes em voz alta, e tornou a dal-o ao tio, sem saber bem o que dissesse.

O cavalheiro parecéra estranho á discussão; continuava a andar em silencio, e a sua incerteza augmentava de instante para instants.

— Si Geraldo tem razão, pensava elle, e si eu recuso, falto ao meu dever; é quasi um crime que commetto. Apresenta-se uma occasião em que a pobre filha, a quem apenas dei a apparencia da vida, acha quem lhe procure a mão nas trevas em que está sepultada. Sem sahir dessa noite que a en-

volve para sempre, póde sonhar que é feliz  
Com que direito hei de eu impedil-o? O  
que diria sua mãe, si aqui estivesse?...

Os olhares do cavalheiro voltaram-se ain-  
da uma vez para o tumulto, depois tomou  
o braço do tio Geraldo, deu alguns passos  
afastando-se com elle, e disse-lhe em voz  
baixa:

— Faça o que quizer.

— E' já, disse o tio, vou buscal-a, aqui  
lh'a trago, está em minha casa; voltaremos  
juntos, e n'um instante está tudo feito.

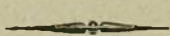
— Nunca! respondeu o pai Trabalhemos  
ambos para fazêl-a feliz; mas tornar a vêl-a,  
não posso.

Pedro e Camilla casaram-se em Pariz, na  
igreja de Petits-Pères. O aio e o tio foram  
as unicas testemunhas. Quando o padre  
celebrante dirigio-lhes as formulas do cos-  
tume, Pedro, que tinha aprendido o suf-  
ficiente para saber em que momento era  
preciso inclinar-se em signal de assenti-  
mento, desempenhou bem um papel que



aliás não era dos mais faceis. Camilla não procurou advinhar nem comprehender cousa alguma: olhou para o marido, e abaixou a cabeça como elle.

Não tinham feito mais do que vêem-se e amarem-se logo, e é bastante, podia dizer-se. Quando sahiram da igreja, com as mãos dadas para sempre, conheciam-se quando muito. O marquez tinha uma vasta casa. Camilla, depois da missa, entrou em uma brilhante carruagem, que ella olhava com uma curiosidade infantil. O palacio para o qual a conduziram não admirou-a menos. Os aposentos, os cavallo, os pagens, que iam pertencer-lhe, pareciam-lhe maravilhosos. De resto, convencionára-se que o casamento fosse feito á capucha; uma ceia muito simples constituiu toda a festa.



X

Camilla tornou-se mãe. Um dia que o cavalheiro dava no fundo do parque o seu triste passeio, um criado trouxe-lhe uma carta escripta por mão que lhe era desconhecida, e na qual achava-se um mixto singular de distincção e de ignorancia. Vinha de Camilla e encerrava o que se segue:

« Oh meu pai ! Eu fallo não com a minha bôcca, mas com a minha mão. Os meus pobres labios estão fechados para sempre, e entretanto eu sei fallar. Aquelle que é meu



senhor ensinou-me a poder escrever-lhe, meu pai. Mandou-me ensinar como a si mesmo, pela mesma pessoa que o educára, pois o senhor sabe que elle ficou muito tempo como eu. Tive muita difficuldade em aprender. O que se ensina primeiramente é a fallar com os dedos; depois aprendem-se as figuras escriptas; e as ha de toda a sorte que exprimem o medo, a colera, e tudo em geral. Custa-se muito a conhecer tudo, e ainda mais a collocar palavras, por causa das figuras que não são a mesma cousa, mas emfim chega-se a conseguil-o, como está vendo. O abbade de l'Epée é um homem muito bom e muito amavel, igualmente como o padre Vanin da Doutrina Christã.

« Tenho um filho que é lindissimo; eu não ousava fallar-lhe delle antes de saber si será como nós. Mas não pude resistir ao prazer que tenho em escrever-lhe, apesar do nosso desgosto, pois bem vê que meu marido e eu estamos muito inquietos

tos, principalmente porque não podemos ouvir. A ama póde bem ouvir, mas temos medo de que elle se engane; assim esperamos com grande impaciencia vêr si elle abrirá os labios e os moverá como os que ouvem e fallam. Como bem imagina, consultámos alguns medicos para saber si é possivel que o filho de duas pessoas tão desgraçadas como nós não seja mudo também, e elles nos disseram que podia ser; mas não ousamos acreditá-lo.

« Imagine com que receio olhamos desde muito para essa pobre creança, e como ficamos embaraçados quando elle abre os pequeninos labios e não podemos saber si elles produzem som. Creia, meu pai, que penso muito em minha mãe, pois ella devia ter-se inquietado como eu. O senhor amou-a muito, como eu também amo meu filho; mas eu não fui para vós sinão um motivo de desgosto. Agora que sei ler e escrever, comprehendo quanto minha mãe devia ter soffrido.



« Si o senhor quizesse ser muito bom para mim, meu caro pai, viria vêr-nos em Pariz; seria um motivo de alegria e de reconhecimento para sua filha respeitosa

« CAMILLA »

Depois de ter lido esta carta, o cavalheiro hesitou muito tempo. A principio tivera difficuldade em fiar-se nos seus olhos, e em acreditar que fosse Camilla mesma quem lhe tivesse escripto; mas era forçoso ceder á evidencia. O que faria? Si cedesse á filha e fosse effectivamente a Pariz, expunha-se a tornar a encontrar, em uma dôr nova, todas as recordações de uma antiga dôr. Uma criança que não conhecia, é certo, mas que ainda assim era filho de sua filha, podia renovar-lhe todas as maguas do passado. Camilla podia recordar-lhe Cecilia, es entretanto não podia deixar de participar da inquietação dessa mãe que esperava uma palavra do filho.

— E' preciso ir, disse o tio Geraldo quando o cavalheiro consultou-o. Fui eu quem fez esse casamento, e tenho-o por bom e duradouro. Quer deixar o seu sangue soffrer? Não basta, seja dito sem censura, ter esquecido sua mulher no baile, razão pela qual ella cahio n'agua? Esquece-se tambem da filha? Pensa que é bastante ficar triste? O senhor está triste, concordo, e até mais do que é razoavel; mas julga que não se tem mais que fazer no mundo? Ella pede-lhe que vá, partamos. Eu vou com o senhor, e só tenho um pezar, é que não me tenha mandado chamar tambem. Não lhe fica bem não ter batido á minha porta, quando achou-a sempre aberta.

— Tem razão, pensava o cavalheiro. Fiz inutil e cruelmente soffrer a melhor das mulheres. Deixei morrer de morte horrivel, quando devia tê-la preservado disso. Si hoje devo ser punido pelo espectaculo da desgraça de minha filha, não me posso queixar; por mais doloroso que me seja



esse espectáculo, devo resolver-me e condemnar-me a elle. Esse castigo me é devido. Puna-me a filha de ter abandonado a mãe! Irei a Pariz, verei essa criança. Tenho abandonado o que eu amava; tenho-me afastado da desgraça; quero sentir agora um amargo prazer em contemplal-a.

N'um lindo camarim forrado de madeira, no primeiro andar de um bom palacio, situado no bairro de Saint Germain, estava a moça esposa e o marido, quando o pai e o tio chegaram. Em cima de uma mesa havia desenhos, livros, gravuras. O marido lia, a mulher bordava, o filho brincava no tapete.

O marquez levantára-se; Camilla correu para o pai, que abraçou-a ternamente, e não pôde reter algumas lagrimas; mas os olhares do cavalheiro dirigiram-se logo para o menino. Máo grado seu, o horror que d'antes tivera pela enfermidade de Camilla renascia-lhe no coração, á vista desse ente que ia herdar a maldição que elle legara-lhe. Recuou quando lh'o apresentaram.

— Mais um mudo ! exclamou.

Camilla tomou o filho nos braços ; sem ouvir, tinha comprehendido. Levantando meigamente o filho diante do cavalheiro poz-lhe o dedo nos labiosinhos, roçando-os um pouco, como para convidal-o a fallar. A criança fez-se de rogada alguns minutos, depois pronunciou bem distinctamente estas tres palavras, que a mãe com antecedencia mandára ensinar-lhe :

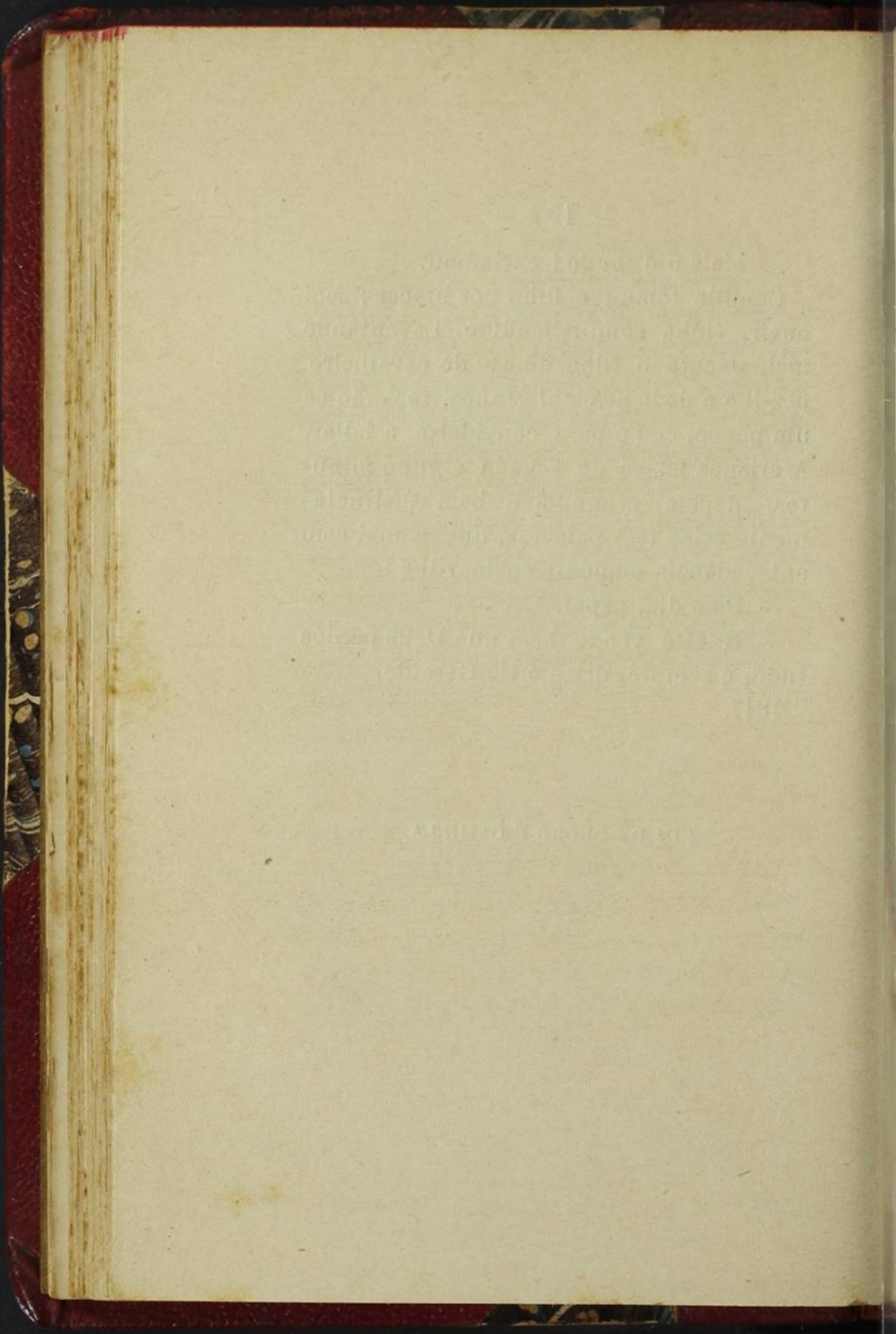
— Bom dia, papai.

— E está vendo bem que Deus perdôa tudo, e sempre, disse o tio Geraldo.

1847.

FIM DE PEDRO E CAMILLA.





# MIMI PINSON

PERFIL DE COSTUREIRA

---

CONTO

POR

ALFREDO DE MUSSET

---



THE  
MUSEUM  
OF THE  
MIDDLE  
WEST

VI

1891

1891

# MIMI PINSON

## I

Entre os estudantes que frequentavam o anno passado os cursos da Escola de Medicina, havia um rapaz chamado Eugenio Aubert. Era moço de boa familia, que tinha mais ou menos dezenove annos. Os pais moravam na provincia e davam-lhe uma mesada modesta, mas que lhe chegava. Passava vida socegada, e diziam que tinha indole muito meiga. Os companheiros estimavam-no ; em qualquer occasião achavam-no sempre bondoso e serviçal, de mãos liberaes e coração aberto. O unico defeito que lhe notavam era uma tendencia



singular para a meditação e para o isolamento, e uma reserva tão excessiva na linguagem e nas suas menores acções que o haviam alcunhado de *menina*, alcunha, porém, de que elle era o primeiro a rir-se, e á qual os amigos não ligavam idéa alguma offensiva, sabendo que em caso de necessidade era tão valente como outro qualquer; mas era verdade que o seu proceder justificava seu tanto o appellido, principalmente no modo por que contrastava com os costumes dos companheiros. Emquanto tratava-se de trabalho, era o primeiro entre todos; mas si se fallava de algum divertimento, de algum jantar no Moulin de Beurre, ou de alguma contradansa na Chaumière, a *Menina* abanava a cabeça e voltava para o seu quartinho mobiliado. Cousa quasi monstruosa entre os estudantes: não só Eugenio não tinha amante, postoque a idade e o semblante lhe garantissem bom exito, mas nunca o tinham visto namorar ao balcão de

costureira alguma, uso immemorial no bairro Latino. As beldades que povoam a montanha de Santa Genoveva, e distribuem entre si os amores das escolas, inspiravam-lhe uma como repugnancia que chegava a ser aversão. Considerava-as como uma especie á parte, perigosa, ingrata e depravada, nascida para semear por toda parte o mal e o infortunio em troca de alguns prazeres. « Cautela com essas mulheres, dizia : são bonecas de ferro em braza. » E infelizmente não lhe faltavam exemplos para justificar o odio que lhe inspiravam. As disputas, os desregramentos, ás vezes até a ruina que acarretam essas allianças ephemeras, cujas apparencias assemelham-se á felicidade, eram muito faceis de citar, o anno passado como este anno, e provavelmente como no anno proximo.

Não é preciso dizer que os amigos de Eugenio motejavam continuamente ácerca da sua moral e de seus escrupulos :

— O que queres dizer com isso? per-



guntava-lhe muita vez um de seus companheiros, chamado Marcel, bonacho de profissão;—o que prova uma falta, ou um accidente succedido uma vez por acaso?

— Que a gente deve abster-se, respondia Eugenio, receoso de que isso não succeda segunda vez.

— Falso raciocinio, replicou Marcel, argumento de soldado de casta, que cahe si o companheiro treme. Com o que te vaes incommodar? Tal dentre nós perdeu ao jogo; será motivo para a gente metter-se frade? Um não tem mais vintem, outro bebe agua fresca; perde por isso Elisa o appetite? Quem tem culpa que o vizinho ponha o relógio no Monte de Soccorro para ir quebrar um braço em Montmorency? Com isso a vizinha não fica maneta. Bate-te em duello por amor de Rosalia, dão-te uma estocada; ella volta as costas, é simples: fica por isso com a cintura menos fina? Ha estes pequenos inconvenientes de que a vida está cheia, e são mais

raros do que suppões. Repara um domingo, quando o tempo está bom, que bons pares de amigos nos cafés, nos passeios e locandas do campo! Nota esses enermes omnibus bem bojudos, bem atopetados de costureiras, que vão ao Ranelagh ou a Belleville. Conta o que sahe em um dia de festa só do quarteirão de S. Jacques: batalhões de modistas, exercitos de mercadoras de roupa branca, nuvens de mercadoras de tabaco; tudo isso diverte-se, tudo isso tem seus amores, tudo isso vai descer para os arredores de Pariz, sob os caramanchões campestres, como bandos de pardaes. Si chove, tudo vai ao melodrama comer laranjas e chorar; pois tudo isso come bem, é verdade, e chora melhor: prova da boa indole. Mas que mal fazem essas coitadinhas que passam a semana inteira a coser, alinhar, debruar, acolchoar e remendar, em dar, ao domingo, o exemplo do esquecimento das offensas e do amor do proximo? E que melhor póde fazer um homem de



bem, que por sua parte acaba de passar oito dias a disseccar cousas pouco agradaveis, do que limpar a vista em um rosto fresco, em uma perna roliça, e na formosa natureza?

— Sepulchros caídos! dizia Eugenio.

— Digo e repito, proseguia Marcel, que se póde e se deve elogiar as costureiras, e que o uso moderado dellas é bom. Em primeiro lugar, são virtuosas, pois gastam o dia a fazer as vestes mais indispensaveis ao pudor e á modestia; em segundo lugar, são honestas, pois não ha dona de casa de vender roupa branca ou diversas que não recomende ás raparigas da loja que tratem a todos polidamente; em terceiro lugar, são muito cuidadas e muito asseiadadas, por isso que têm continuamente entre mãos fazenda branca e estofos que não devem estragar, sob pena de serem mal pagas; em quarto lugar, são sinceras, porque bebem ratafiá; em quinto lugar, são economicas e frugaes, porque custa-lhes muito

ganhar trinta soldos, e si ha occasiões em que se mostram gulosas e desperdiçadas, nunca é com o seu dinheiro dellas; em sexto lugar, são muito alegres, porque o trabalho em que se occupam é em geral horrivelmente enfadonho, e ellas saltam como peixe n'agua quando a obra está acabada. Outra vantagem que ellas têm, é não serem incommodas, por isso que levam a vida pregadas em uma cadeira de que se não podem mexer, e que por consequencia lhes é impossivel correr atraz dos amantes como as senhoras de boa sociedade. De mais, não são tagarellas, porque são obrigadas a contar os pontos. Não gastam muito em calçado, porque andam pouco, nem em vestidos, porque é raro venderem-lhes fiado. Si as accusam de inconstantes, não é porque leiam máos romances nem por má indole; isso depende do grande numero de pessoas diferentes que passam por defronte das lojas; por outro lado, mostram-se sufficientemente capazes de



paixões verdadeiras, pela grande quantidade dellas que se lançam diariamente no Sena ou pela janella fóra, ou que se asphyxiam nos seus domicilios. Têm, é verdade, o inconveniente de ter quasi sempre fome e sêde, exactamente por amor da sua extrema temperança; mas é notorio que podem passar como refeição, com um copo de cerveja e um charuto: dote precioso que mui raro se encontra dentro de casa. Consequentemente, sustento que são boas, amaveis, fieis e desinteressadas, e que é lamentavel quando acabam em um hospital.

Quando Marcel fallava assim, era as mais das vezes em algum café, quando aquecia a cabeça; enchia então o copo do amigo, e queria fazel-o beber á saúde de Mlle. Pinson, costureira de roupa branca, sua vizinha; mas Eugenio tomava o chapéo, e ao passo que Marcel continuava a perorar diante dos companheiros, esquivava-se sorrateiro.

## II.

Mlle. Pinson não era precisamente o que se chama uma bonita mulher. Vai muita differença entre uma bonita mulher e uma bonita costureira. Si uma bonita mulher, tida como tal, e assim chamada em linguagem pariziense, lembrasse-se de pôr um bonézinho, um vestido de ganga e um avental de sêda, seria obrigada, é certo, a parecer uma bonita costureira. Mas si uma costureira mette-se n'um chapéo, n'um mantelete de velludo e n'um vestido de Palmyra, não está de fôrma alguma obrigada a ser uma bonita mulher;



muito pelo contrario, é provavel que dê ares de cabide, e, dando-os, está no seu direito. A differença consiste, pois, nas condições em que vivem estes dous entes, e principalmente nesse pedaço de papelão enrolado, coberto de estofó e chamado chapéo, que as mulheres julgaram acertado applicar de cada lado da cabeça, pouco mais ou menos como as enxergas dos cavallos. (Cumpre notar no entanto que as enxergas impedem os cavallos de olhar para uma e outra parte, e que o pedaço de papelão não impede cousa alguma).

Seja como fôr, um bonézinho autoriza um nariz arrebitado, que, por sua vez, pede uma bocca bem rasgada, á qual são precisos bonitos dentes, e um rosto como moldura. Um rosto redondo pede olhos brilhantes; o melhor é que sejam o mais negro possivel, e as sobranceilhas á proporção. Os cabellos são *ad libitum*, visto que os olhos negros accommodam-se com tudo. Semelhante conjuncto, como se está vendo,

está longe da belleza propriamente dita. E' o que se chama uma carinha amarrotada, carinha classica de costureira, que fôra talvez feia debaixo do pedaço do papelão, mas que o boné torna ás vezes encantadora, e mais bonita que a belleza. Assim era Mlle. Pinson.

Mettêra-se na cabeça de Marcel que Eugenio devia cortejar esta rapariga; porque? não sei, sei apenas que elle era o adorador de Mlle. Zelia, amiga intima de Mlle. Pinson. Parecia-lhe natural e comodo arranjar assim as cousas a seu gosto, e de tratar amigavelmente do amor. Semelhantes calculos não são raros, e vingam muita vez, por isso que é occasião, desde que o mundo existe, de todas as tentações a mais forte. Quem poderá dizer quantos acontecimentos felizes ou infelizes, amores, contendas, jubilos e desesperos, originaram duas portas vizinhas, uma escada secreta, um corredor, um vidro quebrado? Certas indoles, entretanto, recusam-se



a essas manobras do destino. Querem conquistar os seus gozos, não ganhá-los na loteria, e não sentem-se dispostos a amar, só porque acham-se em uma diligencia ao lado de uma bonita mulher. Tal era Eugenio, e Marcel sabia-o ; por isso formára, havia muito, um projecto bem simples, que suppunha miraculoso e principalmente infalível para vencer a resistencia do companheiro.

Resolvêra dar uma ceia, e achou bem lembrado tomar como pretexto o seu dia natalicio. Mandou, pois, levar para casa duas duzias de garrafas de cerveja, um bom pedaço de carne fria com salada, um enorme bôlo, e uma garrafa de vinho de Champagne. Convidou primeiro dous estudantes seus amigos, depois fez saber a Mlle. Zelia que à noite havia bôdio em casa, e que tinha de trazer Mlle. Pinson. Trataram de não faltar. Marcel passava mercedamente por um dos aristocratas do bairro Latino, a quem nada se recusa; e acabavam apenas

de soar sete horas da noite, quando as duas costureiras batiam á porta do estudante, Mlle. Zelia de vestido curto, botinas pardas e boné com flôres, Mlle. Pinson, mais modesta, com um vestido preto, que nunca a deixava, e que dava-lhe, diziam, um como que arzinho hespanhol de que mostrava-se muito ciosa.

Ambas ignoravam, está visto, os segretos designios de seu hospede.

Marcel não cahira em convidar Eugenio de antemão: fôra contar com uma recusa. Foi só quando as moças haviam tomado lugar á mesa, e depois de esvaziar-se o primeiro copo, que pediu permissão para auzentar-se alguns instantes para ir procurar um conviva, e que dirigio-se á casa em que Eugenio morava; encontrou-o, como de ordinario, a estudar, sósinho, cercado de seus livros. Depois de algumas palavras banaes, começou a dirigir-lhe pouco e pouco as exprobrações costumadas, a dizer-lhe que fatigava-se de mais, que



fazia mal em não distrahir-se, e depois propôz-lhe uma volta. Eugenio, um tanto cansado com effeito, pois estudara o dia inteiro, acceitou ; os dous moços sahiram juntos, e não foi difficil a Marcel, depois de algumas voltas nas alamedas do Luxemburgo, obrigar o amigo a entrar em casa d'elle.

As duas costureiras, ficando sós, e aborrecidas provavelmente de esperar, começaram por pôr-se á vontade ; haviam tirado os chales e os bonés, e dansavam, cantando, uma contradansa, não sem fazer, de tempos a tempos, honra ás provisões, á guisa de ensaio. Com os olhos já brilhantes e o rosto animado, paravam alegres e um tanto esbaforidas, quando Eugenio complimentou-as com modo a um tempo timido e sorpreso. Attentos os seus habitos de solidão, mal conhecia-as ; por isso miraram-n'ò ellas dos pés á cabeça com a intrepida curiosidade que é privilegio da sua casta ; depois continuaram a cantar e

a dansar, como si nada houvesse. O recém-chegado, meio enfiado, dava já alguns passos em retirada, quando Marcel, tendo fechado a porta com duas voltas, atirou estrepitosamente a chave em cima da mesa.

— Ainda ninguém! exclamou. Então o que estão fazendo os nossos amigos? Não importa, o selvagem pertence-nos. Meninas, apresento-lhes o mais virtuoso mancebo de França e de Navarra, que deseja ha muito tempo ter a honra de conhecê-las, e que é peculiarmente extremo admirador de Mlle. Pinson.

A contradansa parou de novo; Mlle. Pinson fez um pequeno cumprimento, e tornou a tomar o seu boné.

— Eugenio! exclamou Marcel, hoje faço annos; estas duas senhoras fazem-nos o favor de vir festejá-l-os connosco. Trouxe-te quasi á força, é verdade; mas conto que ficarás de boa mente, por commum pedido nosso. São agora pouco mais ou menos oito horas; temos tempo de tirar uma ca-



chimbada enquanto esperamos que nos venha o appetite.

Assim fallando, deitou significativo olhar a Mlle. Pinson, que, comprehendendo-o immediatamente, inclinou-se segunda vez sorrindo, e disse em voz meiga a Eugenio :

— Sim, senhor, nós lhe pedimos.

Nesse momento os dous estudantes, que Marcel convidára, bateram á porta. Eugenio vio que não havia meio de recuar sem descortezia, e, resignando-se, tomou lugar entre os mais.

### III

A ceia foi demorada e ruidosa. Os homens, tendo começado por encher o quarto com uma nuvem de fumo, bebiam á proporção para refrescarem-se. As damas faziam os gastos da conversação, e divertiam a sociedade com ditos mais ou menos agudos á custa de amigos e conhecidos, e de aventuras mais ou menos críveis, colhidas nos fundos das lojas. Si ao assumpto faltava verosimilhança, não era ao menos esteril. Dous escreventes de advogado, a dar-lhes credito. haviam ganhado vinte mil francos jogando com fundos hespa-



nhões, e haviam-nos comido em seis semanas com duas mercadoras de luvas. O filho de um dos mais opulentos banqueiros de Pariz propuzera a uma famosa costureira de roupa branca um camarote na Opera e uma casa de campo que ella recusára, preferindo tratar dos pais e permaneceu fiel a um caixeiro des Deux-Magots. Certo personagem cujo nome não se podia declarar, e que era forçado pela sua posição a envolver-se no maior mysterio, vinha incognito visitar uma bordadora da passagem da Ponte-Nova, que de repente havia sido raptada por ordem superior, mettida em um carro de posta á meia-noite, com uma carteira recheiada de notas do banco, e enviada para os Estados-Unidos.

— *Stop*, disse Marcel, sabemos de tudo isso. Zelia improvisa, e, quanto a Mlle. Mimi (assim chamava-se Mlle. Pinson nas rodas intimas), está mal informada. Os seus escreventes ganharam apenas um geito nos pés saltando lamas; o seu ban-

queiro offereceu uma laranja, e a sua bordadora está tanto nos Estados-Unidos, que pôde ser vista todos os dias, do meio-dia ás quatro horas, no hospital da Charidade, em que tomou aposento em consequencia de falta de comestiveis.

Eugenio estava sentado perto de Mlle. Pinson. Pareceu-lhe notar, a estas ultimas palavras, pronunciadas com indifferença completa, que ella empallidecia. Mas quasi immediatamente a moça levantou-se, accendeu um cigarro, e exclamou resolutamente :

— Silencio por sua vez ! Peço a palavra. Visto que o Sr. Marcel não crê em fabulas, vou contar uma historia verdadeira, *et quorum pars magna fui*.

— Falla latim ? perguntou Eugenio.

— Como vê, respondeu Mlle. Pinson ; esta sentença vem-me de meu tio, que servio no tempo do grande Napoleão, e que nunca deixou de dizel-o antes de acceitar uma batalha. Si não sabem o que signifi-



cam estas palavras, podem ficar sabendo *gratis*. Isto quer dizer ; « Dou-lhes minha palavra de honra. » Saberão pois vossas senhorias que a semana passada, tinha eu ido, com duas de minhas amigas, Blanchette e Rougette, ao theatro do Odeon...

— Espere que eu corte o bolo, disse Marcel.

— Corte, mas ouça, continuou Mlle Pinson. Tinha pois eu ido com Blanchette e Rougette ao Odeon, ver uma tragedia. Rougette, como sabem, acaba de perder a avó ; herdou quatrocentos francos. Haviamos tomado um camarote ao rez do chão ; tres estudantes achavam-se na platéa ; esses mçcos bisparam-nos, e, sob pretexto de que estavamos sós, convidaram-nos a ceiar.

— Sem mais nem menos ? perguntou Marcel ; realmente é interessante. E as senhoras recusaram ? não ?

— Não, senhor, disse Mlle. Pinson ; aceitamos, e, no entre-acto, sem esperarmos

o fim da peça, transportamo-nos á casa de Viot.

— Com os seus cavalheiros ?

— Com os nossos cavalheiros. O caixeiro começou, está visto, por dizer-nos que não havia mais cousa alguma ; mas semelhante disparate não devia deter-nos. Ordenamos que sahisses pela cidade em demanda do que faltasse. Rougette tomou a penna e encommendou um festim de nupcias ; camarões, fritada de ovos com assucar, filhózes, mexilhões, ovos gelados, tudo quanto existe no mundo das marmitas. Os nossos dous desconhecidos, a fallar a verdade, faziam uma caretasinha...

— Olá se creiol disse Marcel.

— Não nos importamos com isso. Trazido o negocio, começamos a fazer-nos de boas. Não achavamos nada bom, tudo nos enjoava. Mal encetavamos um prato, mandavamos-lo retirar para pedirmos outro. Rapaz, tira isto daqui—não é cousa que se coma, —onde foi buscar semelhantes horrores ?



Nossos desconhecidos quizeram comer, mas não lhes foi permittido. Conseguintemente ceiamos como Sancho jantava, e a colera levou-nos até a quebra de alguns utensilios.

— Bonito procedimento! e como pagar?

— Eis exactamente a pergunta que os tres desconhecidos fizeram um ao outro. Pela conversação que tiveram em voz baixa, um delles pareceu-nos que tinha seis francos, o outro muito menos, e o terceiro apenas o relógio, que tirou generosamente do bolso. Neste estado os tres malaventurados compareceram perante o balcão, no intuito de obter uma espera qualquer. O que pensam que lhes responderam?

— Penso, disse Marcel, que as conservaram em penhor, e que os levaram para o xadrez.

— Pois engana-se, disse Mlle. Pinson, antes de subir para a sala reservada, Rougette dera suas providencias, e tudo estava pago de antemão. Imaginem o effeito theatral a esta resposta de Viot: — Senhores,

tudo esta pago!—Os nossos desconhecidos olhavam pera nós como tres cães nunca olharam para tres bispos, com estupefacção que mettia dó, acompanhada de verdadeiro enternecimento. Nós entretanto, simulando não prestar a isso attenção, des-cemos e mandamos vir um carro.—Chara marqueza, disse-me Rougette, devemos levar estes senhores até a casa.

— Com muito gosto, chara condessa, respondi. Os nossos miseros namorados já não sabiam o que dizer. Façam o favor de dizer si deviam estar embaraçados! furta-vam-se á nossa cortezia, não queriam que os acompanhassemos, recusavam dar-nos as moradias... Pudera não! Estavam con-vencidos de que tratavam com senhoras de alta sociedade, e moravam em uma rua qualquer!...

Os dous estudantes, amigos de Marcel, que até então não haviam feito mais do que fumar e beber em silencio, pareceram pouco satisfeitos com a historia. Carrega-



ram os sobrolhos; sabiam talvez tanto como Mlle Pinson ácerca da desastrada ceia, pois deitaram-lhe um olhar inquieto, quando Marcel disse á moça rindo-se:

— Diga o nome dos mascarados, Mlle. Mimi. Já que foi a semana passada, não ha mais inconveniente nisso.

— Não, senhor, disse a costureira. A gente pôde tourear um sujeito, mas prejudicar a sua carreira, não!

— A senhora tem razão, disse Eugenio, e nisto procede mais acertadamente talvez do que suppõe. De todos os moços que enchem as escolas, não ha quasi um só que não tenha atraz de si alguma falta ou alguma loucura, e no entanto é dahi que sahem todos os dias o que existe em França de mais distincto e respeitavel: medicos, magistrados...

— Sim, accrescentou Marcel, é verdade. Ha pares de França *in herba* que jantam em casa de Flicoreaux, e que nem sempre têm com que pagar o jantar. Mas, disse

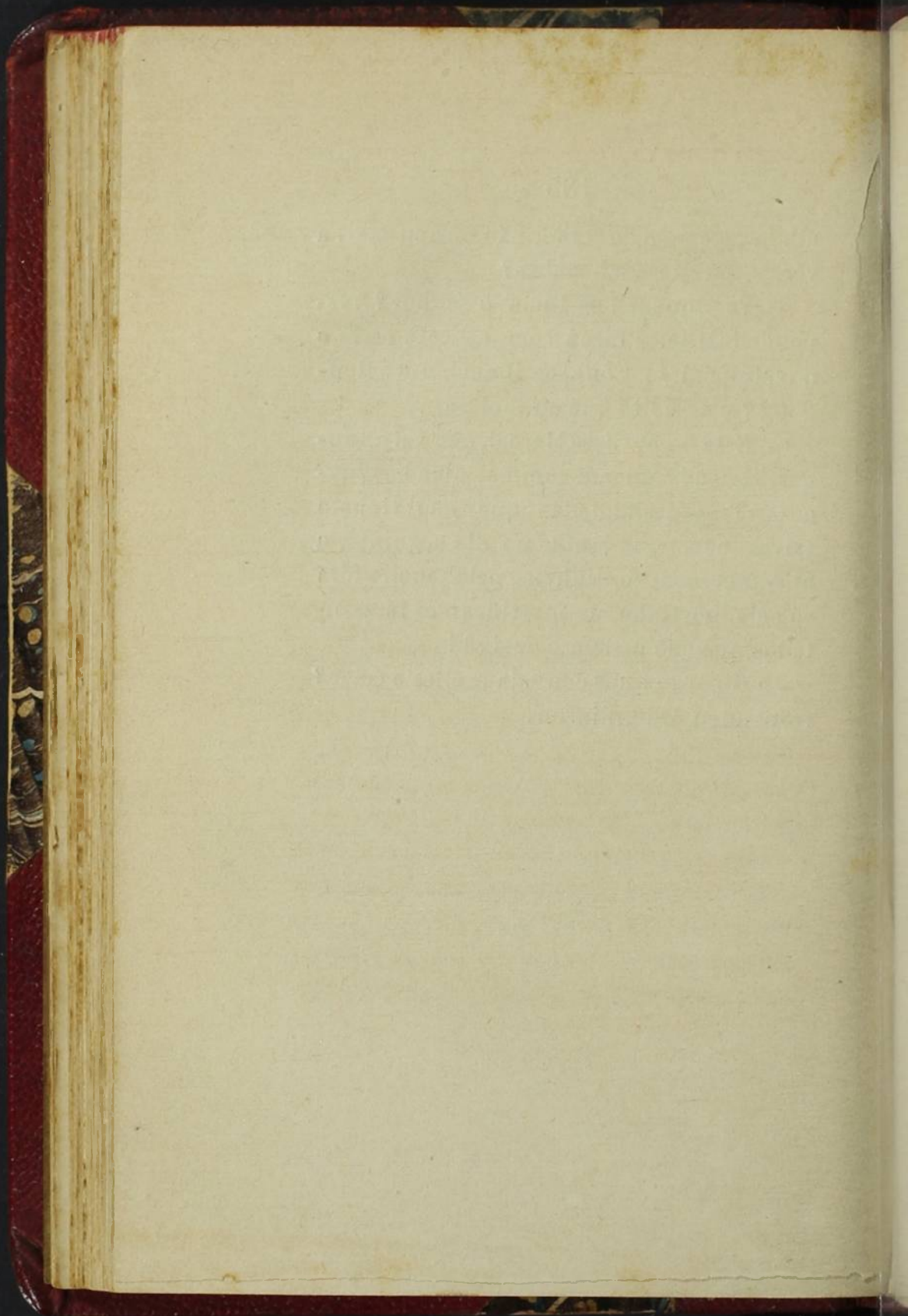
ainda piscando o olho, não tornou mais a vêr os seus desconhecidos ?

— Por quem nos toma o senhor ? respondeu Mlle. Pinson com aspecto serio e quasi offendido. Conhece Blanchette e Rougette ? e acredita que eu mesma...

— Está bom, disse Marcel, não vai a zangar. Mais eis ahi, em summa, uma boa loucura. Tres desmioladas que não tinham talvez com que jantar no dia seguinte, a atirarem com o dinheiro pela janella fóra só pelo gostinho de mortificarem tres coitados que não pódem comsigo !

— E porque nos convidam elles a ceiar ? respondeu Mlle. Pinson.





#### IV

Com o bolo appareceu, em toda a sua gloria, a garrafa unica de vinho de Champagne que devia compôr a sobremesa. Com o vinho conversou-se ácerca de canções.

— Eu vejo, disse Marcel, eu vejo como diz Cervantes, que Zelia tosse; é signal de que quer cantar. Mas si estes senhores consentem, sou eu o festejado, e quem por consequencia pede a Mlle. Mimi, si não enrouqueceu com a sua anecdota, que nos honre com uma copla. Eugenio, continuou, anda, mostra-te amavel, toca o copo com o da vizinha, e pede-lhe uma copla para mim.



Eugenio córou e obedeceu. Do mesmo modo que Mlle. Pinson dignára-se fazer para obrigar-o a ficar, inclinou-se, e disse-lhe timidamente :

— Sim, mademoiselle, nós lhe pedimos.

Ao mesmo tempo ergueu o copo, e tocou no da costureira. Deste leve embate sahio um som claro e argentino; Mlle. Pinson apanhou a nota no ar, e com voz pura e fresca continuou-a por muito tempo em cadencia.

— Vamos, disse ella, concordo, visto que o meu copo dá-me o *lá*. Mas o que querem que lhes cante? Não me faço de rogada, fiquem sabendo, mas não sei nenhuma copla de tarimba. Não deturpo a minha memoria!

— Passemos adiante, disse Marcel, a senhora é a virtude em pessoa; vá lá, vá, lá, as opiniões são livres.

— Pois bem! continuou Mlle. Pinson, vou cantar-lhes como puder coplas que fizeram, relativas a mim.

— Attenção! Quem é o autor?

— Minhas companheiras da loja. E' poesia feita á agulha; assim peço indulgencia.

— Ha algum estribilho na sua canção?

— Certamente; boa pergunta!

— Neste caso, disse Marcel, tomemos as nossas facas, e, no estribilho, batamos na mesa, mas respeitemos o compasso. Zelia, se quizer, póde não bater.

— E então porque, rapaz incivil? perguntou Zelia incoherisada.

— Pelo que nós sabemos, respondeu Marcel; mas, si quer entrar na festa, olhe, bata com uma rolha, isso terá menos inconvenientes para os nossos ouvidos e para as suas alvas mãos.

Marcel dispuzera em roda os copos e os pratos, e sentára-se no meio da mesa, com a faca em punho. Os dous estudantes da ceia de Rougette, um tanto mais alegres, tiraram o forninho dos cachimbos para bater com o tubo de madeira; Eugenio scismava, Zelia estava de arrufos. Mlle.



Pinson tomou um prato, e fez menção de querer quebral-o, ao que Marcel respondeu com um gesto de assentimento, de fôrma que a cantora, tendo feito dos pedaços castanholas, começou assim as coplas que as companheiras haviam composto, depois de se haver desculpado de antemão do que porventura tivessem de demasiado lisongeiras para si.

Mimi Pinson é loura,  
Que loura que ella é!  
Tem só um vestidinho,  
Um vestidinho  
E um bonet.

Possue mais o Grão Turco,  
Dest'arte Deus quiz dar-lhe  
Só o preciso ;  
Não podem empenhar-lhe  
O seu vestido.

Mimi traz uma rosa  
Que branca se expandia,  
Flôr em sua alma aberta,  
E bem aberta,  
Flôr de alegria.

Desperte-a boa ceia,  
Que um canto bem trinado  
Lhe sahe, olé!  
E puxa para o lado  
O seu bonet.

Tem olhos e mão lestos,  
Os tolos sempre estão  
Gastando as suas mangas  
As suas mangas  
No seu balcão.

Ella a ninguem maltrata,  
Mas dá a cada cousa  
O seu sentido;  
Machucar-lhe quem ousa  
O seu vestido?

Mimi talvez não case;  
Si Deus o quer, faz bem,  
Conservará a agulha,  
A sua agulha  
Que ella tem.

Que para conquistal-a  
Não basta ser bonito;  
Pois séria é.



'Stá no lugar prescripto  
O seu bonet.

Com flôres de laranja  
Si amor a coroar,  
Em troca alguma cousa,  
Alguma cousa  
Tem para dar.

Não ha de ser, 'stá visto,  
Sobre um brazão um manto  
Forrado a arminho;  
Guarda uma per'la emtanto  
Seu vestidinho.

Mimi não vem do vulgo,  
Mas é republicana,  
Nos tres dias bateu-se,  
Oh si bateu-se!  
A' espartana.

Em falta de alabarda,  
Montou guarda, á sovella;  
Eis como é!  
Quem pregará a estrella  
No seu bonet?

As facas e os cachimbos, e as proprias c adeiras, haviam feito seu barulho, como é facil imaginar, no fim de cada copla. Os copos dansavam em cima da mesa, e as garrafas, meio vasiaas, balançavam contentes acotovellando-se umas ás outras.

— E foram suas amigas, perguntou Marcel, que lhe compuzeram esta canção? parece obra de tintureiro, é muito almiscarada. Fallem-me dessas arias em que dizem-se as cousas pelo nome!

E cantou com voz forte:

Não tinha inda Naninha quinze annos...

— Basta, basta, disse Mlle. Pinson; é melhor dansarmos, valsemos. Haverá aqui algum musico ?

— Tenho o que deseja, respondeu Marcel, tenho uma guitarra; mas, continuou, tirando da parede o instrumento, minha guitarra é que não tem o que deseja; está calva de tres de suas cordas.



— Mas aqui está este piano, disse Zelia ;  
Marcel tocará para nós dansarmos.

Marcel deitou á amante olhar tão furioso como si ella o houvesse accusado de algum crime. E' certo que elle sabia quanto era bastante para tocar uma contradansa ; mas isso era para elle, como para muita gente boa, uma como que tortura a que submettia-se muito contrafeito. Zelia, trahindo-o, vingava-se da rolha.

— Está douda ? perguntou Marcel ; sabe muito bem que este piano aqui está apenas de estado, e que só a senhora arranha-o, sabe-o Deus. Onde lhe contaram que eu sei tocar para dansar ? Sei apenas a *Marse-lheza*, que toco só com um dedo.

Si se dirigisse a Eugenio, muito bem ; elle sim, entende disto ! Mas não quero dar-lhe tamanho incommodo, Deus me livre. Aqui, só a senhora é bastante indiscreta para fazer semelhantes cousas sem gritar : — Agua vai !

Pela terceira vez Eugenio córou, e dis-

poz-se a fazer o que lhe pediam de modo tão politico e indirecto. Sentou-se, pois, ao piano, e organisou-se uma quadrilha.

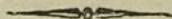
Durou isto quasi tanto como a ceia. Depois da contradansa veio uma valsa; depois da valsa, o galope, pois ainda galopa-se no bairro Latino. As moças principalmente eram infatigaveis, e davam pernadas e gargalhadas de acordarem toda a vizinhança. Dentro em pouco Engenio, duplamente fatigado com o barulho e com a vigilia, cahio, tocando machinalmente, em uma como que somnolencia, como os postilhões que dormem a cavallo. As dansantes passavam e tornavam a passar diante delle como phantasmas em sonhe; e como nada torna-se mais facilmente triste do que um individuo que vê os outros rirem-se, a melancolia, a que era sujeito, não tardou a apoderar-se delle:—Triste alegria, disse consigo, miseraveis prazeres! instantes que supõem-se roubados ao infortunio! E quem sabe qual destas cinco pessoas,

10



que pulam tão alegres diante de mim, terá certeza, como dizia Marcel, de ter com que jantar amanhã ?

Ao fazer esta reflexão, Mlle. Pinson passou perto d'elle; pareceu-lhe vel-a, no meio do galope, apanhar ás escondidas um pedaço de bolo que ficára em cima da mesa, e mettê-lo discretamente no bolso.



Começava o dia a despontar quando a reunião dissolveu-se. Eugenio, antes de entrar em casa, vagou algum tempo pela rua para respirar o ar fresco da manhã. Seguindo sempre seus tristes pensamentos, repetia baixinho, a pezar seu, a canção da costureira.

Tem só um vestidinho  
E um bonet.

— Será possível? perguntava a si mesmo.  
Poderá a miseria ser levada a este ponto,



mostrar-se tão francamente, e motejar de si propria? Poder-se-ha rir da falta de pão?

O pedaço de bolo escondido era indício bem claro. Eugenio não podia deixar de sorrir, e de ter ao mesmo tempo compaixão. Entretanto, pensava ainda comsigo, apanhou o bolo e não o pão; pôde ser que o fizesse por golodice. Quem sabe? talvez seja o filho de alguma vizinha a quem queira levar o bolo, talvez alguma porteira tagarella, que iria contar que ella passava a noite fóra, algum Cerbero que seja preciso apaziguar.

Sem reparar para onde ia, Eugenio meteu-se por acaso nesse dedalo de ruellas que ficam por traz da encruzilhada Bucy, e nas quaes difficilmente passa um carro. No momento em que ia voltar, uma mulher envolta em um máo penteador, com a cabeça descoberta, os cabellos em desordem, pallida e desfeita, sahio de uma casa velha. Parecia de tal arte fraca que mal podia andar; dobravam-se-lhe os joelhos;

apegava-se ás paredes e parecia querer dirigir-se para uma porta vizinha, em que achava-se uma caixa urbana do correio, para nella deitar uma carta que tinha na mão.

Sorpreso e assustado, Eugenio approximou-se della, e perguntou-lhe onde ia, o que procurava, e si podia ajuda-la. Ao mesmo tempo estendeu o braço para amparal-a, pois ella estava quasi a cair sobre o marco de pedra. Mas, sem responder-lhe, ella recuou com certo receio e altivez. Pôz a carta em cima do marco, apontou para a caixa do correio, e parecendo reunir todas as suas forças :

— Alli ! disse ella apenas ; depois, continuando a segurar-se pelas paredes, tornou a entrar em casa. Eugenio tentou embalde obrigar-a a acceitar o braço e renovar as perguntas. A mulher entrou lentamente na alameda sombria e estreita de onde sahira.

Eugenio havia apanhado a carta ; deu



primeiro alguns passos para pôl-a na caixa, mas para logo deteve-se. Este singular encontro perturbára-o tanto, e sentia se tomado de um como que horror misturado de compaixão tamanha, que, antes de ter tempo de reflectir, rompeu o fecho da carta quasi involuntariamente. Affigurava-se-lhe odioso e impossivel não procurar, fosse por que meio fosse, penetrar semelhante mysterio. Evidentemente aquella mulher estava moribunda; seria de molestia ou de fome? Em todo caso devia ser de miseria. Eugenio abriu a carta; tinha no sobrescripto: « Ao Sr. Barão de\*\*\*, » e encerrava o seguinte :

« Leia esta carta, senhor, e, por compaixão, não repilla minha supplica. O senhor póde salvar-me, e o senhor só. Creia no que lhe digo, salve-me, e fará uma boa acção, que lhe ha de trazer felicidade. Acabo de ter uma cruel enfermidade, que roubou-me a pouca força e valor que eu ainda tinha. No mez de Agosto volto á loja; o que é meu está

retido na minha ultima residencia, e tenho quasi certeza que antes de sabbado estarei inteiramente sem abrigo.

» Tinha tanto medo de morrer de fome, que esta manhã resolvêra atirar-me n'agua, pois ainda não tomei cousa alguma ha perto de vinte quatro horas. Apenas lembrei-me do senhor, veio-me alguma esperança ao coração. Não é verdade que não me enganai? Senhor, supplico-lhe de joelhos, por muito pouco que faça por mim, far-me-ha respirar ainda alguns dias. Eu tenho medo de morrer, e depois tenho apenas vinte tres annos! Conseguirei talvez, com algum auxilio, chegar ao primeiro do mez. Si eu conhecesse palavras para despertar a sua compaixão, dir-lh'as-hia, mais nada me occorre. Posso apenas chorar minha impotencia, pois, bem o temo, o senhor fará com a minha carta o que se faz quando recebem-se muitas vezes cartas semelhantes: ha de rasgal-a sem pensar que ha ahi uma mulher que conta as horas e os



minutos com a esperança de que o senhor veja que é demasiada crueza deixal-a assim na incerteza. Não ha de ser a idéa de dar um luiz, que é tão pouco para o senhor, que ha de detel-o, estou persuadida; por isso parece-me que nada lhe é tão facil como metter a sua esmola em um papel, e pôr-lhe este sobrescripto: « A' Mlle. Bertin, rua de l'Éperon. » Mudei de nome depois que trabalho nas lojas, pois o meu é o de minha mãe. Ao sahir de casa, dê isso a um portador. Esperarei quarta e quinta-feira, e rezarei com fervor para que Deus o torne humano.

« Occorre-me que o senhor acredita em tamanha miseria; mas se me visse, havia de convencer-se.

« ROUGETTE. »

Si Eugenio a principio impressionára-se com a leitura destas linhas, é facil vêr que duplicou-se-lhe a admiração quando vio a assignatura. Assim era essa mesma rapa-

riga que havia loucamente desperdiçado o dinheiro em divertimentos, e imaginado uma ceia ridicula contada por Mlle. Pinson, que a desventura reduzia a tal estado de soffrimento e a semelhante pedido! Tanta imprevidencia e loucura pareciam a Eugenio um sonho inacreditavel. Mas não havia duvida, a assignatura alli estava; e Mlle. Pinson, no correr da noite, havia tambem pronunciado o nome de guerra de sua amiga Rougette, agora Mlle. Bertin. Como via-se de repente abandonada, sem auxilio, sem pão, quasi sem abrigo? O que faziam suas amigas da vespera, enquanto ella expirava talvez em algumas aguas furtadas dessa casa? E o que era essa casa tambem em que podia-se morrer assim?

Não eram as circumstancias para conjecturas; o mais urgente era ir em soccorro da misera.

A primeira cousa que fez Eugenio foi entrar em uma casa de pasto que se acabava de abrir, e comprar o que pôde en-



contrar. Feito isto, encaminhou-se, acompanhado pelo caixeiro, para a residencia de Rougette; mas sentia-se embaraçado em apresentar-se assim de improviso. O aspecto altivo que notára na misera rapariga, fazia-lhe receiar, sinão uma recusa, ao menos um movimento de vaidade offendida; como confessar-lhe que havia lido a carta?

Quando chegou diante da porta :

— O senhor conhece, perguntou ao caixeiro, uma rapariga que mora nesta casa, e que chama-se Mlle. Bertin?

— Olá si conheço! respondeu o caixeiro. Nós é que de ordinario trazemos-lhe as cousas á casa. Mas si o senhor vem vê-la não a encontra. Esta agora no campo.

— Quem lhe disse? perguntou Eugenio.

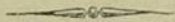
— Quem havia de ser, senhor! a porteira. Mlle. Rougette gosta muito de jantar, mas não gosta muito de pagar. Quasi que não tem feito outra cousa mais que encomendar frangãos assados e lagostas; mas para

vêr-lhe a côr do dinheiro, não é só uma vez que aqui se ha de vir ! Por isso sabemos no quarteirão quando ella está ou não...

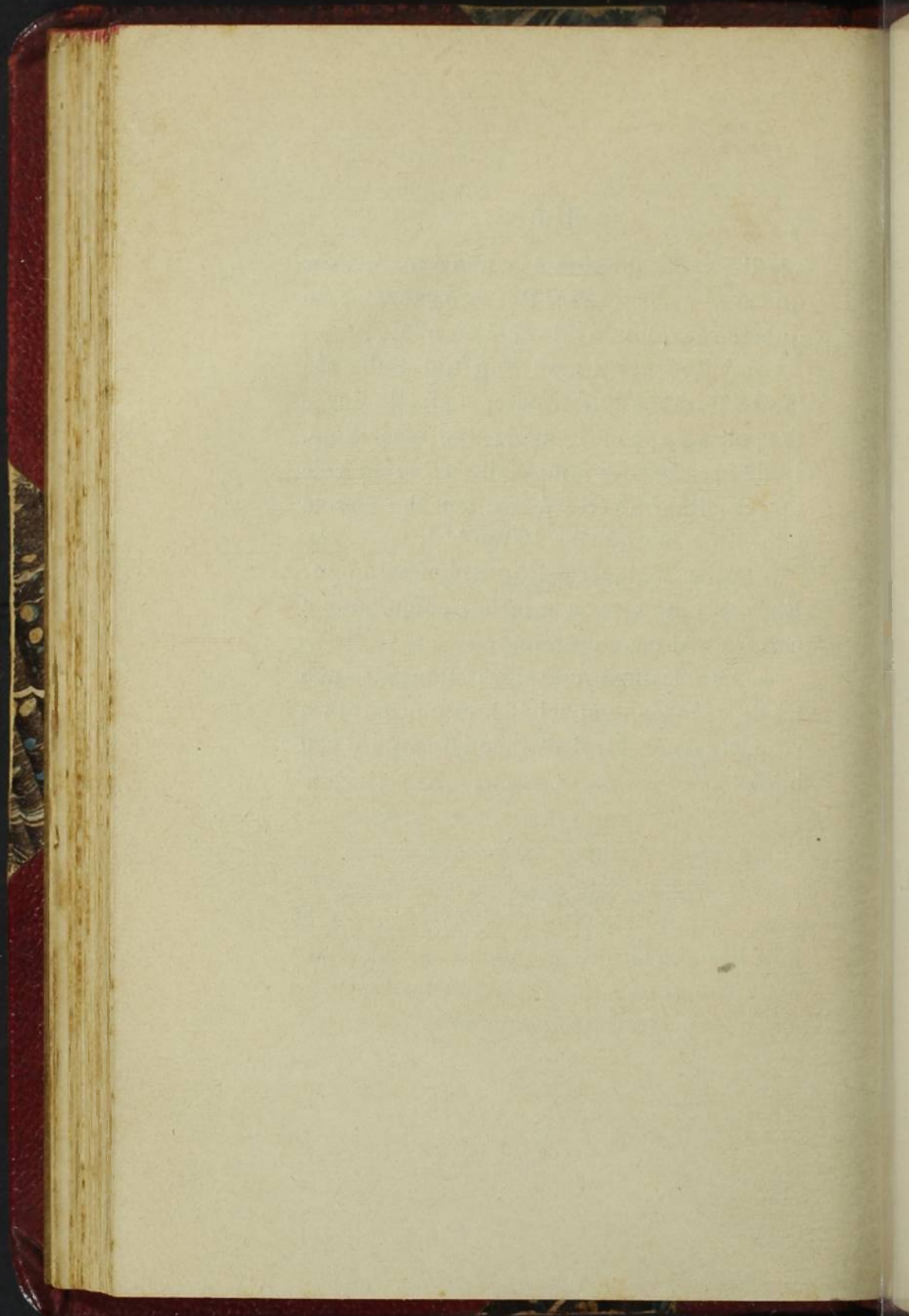
— Voltou, continuou Eugenio. Suba até lá, deixe-lhe o que trouxe, e si ella deve-lhe alguma cousa, nada lhe peça hoje. Isso entende-se commigo, e eu hei de voltar. Si ella quizer saber quem lhe manda isto, diga-lhe que é o Barão \*\*\*.

A estas palavras Eugenio afastou-se. Em caminho tornou a fechar como pôde a carta, e pôl-a no correio.

— Afinal, disse comsigo: Rougette não ha de recusar, e si achar muito prompta a resposta da carta, destrince isto com o seu barão.







VI

Estudantes, tanto como costureiras, não são ricos todos os dias. Eugenio via muito bem que, para tornar um tanto verosimil a fabulassinha que o caixeiro devia recitar, era necessario juntar ao presente o Luiz que Rougette pedia; mas essa era a difficuldade. Os luizes não são moeda muito corrente na rua de Saint-Jacques. Por outro lado, Eugenio acabava de comprometter-se a pagar á casa de pasto, e infelizmente a sua gaveta nesse momento não estava mais fornida que a sua algibeira. Foi por isso



que tomou sem mais delonga o caminho da praça do Pantheon.

Nesse tempo ainda ahi morava o famoso barbeiro que fallio, e arruinou-se arruinando os outros. Ahi, no fundo da loja, em que exercitava-se ás occultas a grande e a pequena usura, vinha todo dia o estudante pobre e descuidoso, apaixonado talvez, tomar emprestadas com enorme juro algumas moedas gastas alegremente á noite, e caro pagas no dia seguinte. Ahi entrava furtivamente a costureira com a cabeça baixa, o olhar envergonhado, para alugar para um passeio ao campo um chapéo desbotado, um chale tinto, uma camisa comprada no Monte de Soccorro. Ahi filhos de boas casas, precisando de vinte e cinco luizes, acceitavam letras de dous ou tres mil francos. Menores comiam a fortuna *in herba*; extravagantes arruinavam as familias, muita vez compromettiam o futuro. Desde a cortezã titular, a quem um bracelete faz andar a cabeça á roda, até o

misero necessitado que cobija um alfarabio ou um prato de lentilhas, tudo ia ahi ter como á fonte do Pactolo, e o barbeiro usurario, ufano com a sua clientela e com as suas façanhas a ponto de gabar-se dellas, alimentava a prisão de Clichy, enquanto não mudava-se para lá.

Tal era o misero recurso de que Eugenio, postoque com repugnancia, ia lançar mão para favorecer Rougette, ou ao menos para pôr-se em estado de fazel-o ; pois não lhe parecia provado que o pedido dirigido ao barão produzisse o effeito desejavel. Era da parte de um estudante demasiada caridade realmente, assumir assim um compromisso por amor de uma desconhecida ; mas Eugenio acreditava em Deus : toda acção boa reputava necessaria.

A primeira cara que vio, ao entrar na casa do barbeiro, foi a do seu amigo Marcel sentado de frente de um toucador, com um guardanapo ao pescoço e fingindo pentear-se. O coitado vinha talvez procurar com



que pagar a ceia da vespera ; parecia muito preocupado, e franzia as sobranceiras com viso pouco satisfeito, enquanto o cabelleiro, simulando pela sua parte frizar-lhe o cabelo com um ferro completamente frio, fallava-lhe em voz baixa com sotaque gascão. De frente de outro toucador, em um pequeno gabinete, estava sentado, igualmente enfrinhado em um guardanapo, um estrangeiro muito inquieto, olhando de continuo para um e outro lado, e, pela porta entreaberta do fundo da loja, percebia-se, em uma velha psychis, o contorno soffriavelmente magro de uma rapariga, que, ajudada pela mulher do cabelleiro, experimentava um vestido de quadros escossezes.

— O que vens tu aqui fazer a esta hora? exclamou Maciel, cujo semblante cobrou a expressão de sua habitual bonhomia, apenas reconheceu o amigo.

Eugenio sentou-se perto do toucador e explicou em poucas palavras o encontro que tivera, e o intuito que alli o trazia.

— Ora com effeito, disse Marcel, és bem candido. Para que mettes-te nisso, si ha nisso um barão? Viste uma rapariga interessante que sentia necessidade de algum alimento; pagaste-lhe um frangão frio, é digno de ti; nada ha a dizer. Não queres della reconhecimento algum, gostas do incognito; é heroico. Empenhar o relógio ou a firma por uma costureira de roupa branca, protegida por um barão, e que se não tem a honra de frequentar, isso não se pratica, que se saiba, sinão na Bibliotheca azul.

— Ri-te de mim, si quizeres, respondeu Eugenio. Sei que ha no mundo muito maior numero de infelizes do que eu posso soccorrer. Aos que não conheço, lastimo; mas si vejo algum, auxilio-o. Não posso, por mais que faça, mostrar-me indifferente ante o soffrimento. Minha caridade não vai até a procurar os pobres, não sou bastante rico para isso; mas, quando os encontro, dou-lhes esmola.



— Neste caso, retrucou Marcel, tens muito que fazer; não faltam pobres nesta terra.

— Que importa! disse Eugenio, ainda commovido com o espectaculo que testemunhára; será melhor deixar morrer os coitados e ir cada qual seu caminho? Essa malaventurada é uma desperdiçada, uma douda, tudo o que quizeres; não merece talvez a compaixão que desperta; mas eu sinto compaixão. Será melhor proceder como suas amigas, que, ao que parece, lembram-se tanto della como si já não existisse, e que hontem ajudavam-a a arruinar-se? a quem ha de recorrer? a um estranho que accenderá o charuto com a carta della, ou a Mlle. Pinson talvez, que ceia lautamente e dança muito alegre, enquanto a companheira morre de fome? Confesso-te, meu charo Marcel, que tudo isto, sinceramente, inspira-me horror. Essa desmioladazinha de hontem á noite, com a sua canção e os seus gracejos, rindo-se e

papagueando em tua casa, no mesmo instante em que a outra, a heroína do seu conto, expira em umas aguas furtadas, revolta-me o coração. Viverem assim como amigas, quasi como irmãs, durante dias e semanas, correr os theatros, os bailes, os cafés, e não saberem no dia seguinte si uma está morta e a outra viva, é peor que a indiferença dos egoistas, é a sensibilidade do irracional. A tua Mlle. Pinson e um monstro, e as tuas gabadas costureiras, com os seus costumes despejados, com as suas amizades sem alma, são mais desprezíveis do que tudo!

O barbeiro, que, durante o dialogo, ouvira silencioso, e continuava a passar o ferro frio na cabeça de Marcel, sorriu com malignidade quando Eugenio calou-se. Alternativamente parlador como uma pega, ou antes como um cabelleireiro que era, quando tratava-se da vida alheia; taciturno e laconico como um espartano, quando tratava-se de negocio, adoptára o prudente



habito de deixar sempre que fallassem primeiro os freguezes, antes de intrometer-se na conversação. A indignação que exprimia Eugenio em termos tão violentos fez-lhe todavia quebrar o silencio.

— O senhor é severo, disse rindo-se com ares fanfarrões. Tenho a honra de pentear Mlle. Pinson, e creio que é excellente pessoa.

— Sim, disse Eugenio, excellente com effeito, quando trata-se de beber e de fumar.

— E' possivel, continuou o barbeiro, não digo que não. A gente em moço ri, canta, fuma; mas nem por isso deixa de ter coração.

— Onde quer o senhor chegar, pai Cadedis? perguntou Marcel. Basta de diplomacia; explique-se claramente.

— Quero dizer, replicou o barbeiro mostrando o fundo da loja, que ha alli, pendurado a um prego, um vestidinho de sêda preta que os senhores conhecem sem duvida, si conhecem a proprietaria, pois ella

não possui uma guarda-roupa muito complicada. Mlle. Mimi mandou-me esse vestido esta manhã ao amanhecer; e presumo que, si não foi em auxilio da menina Rougette, foi porque ella tambem não rola em cima de ouro.

— Eis uma cousa curiosa, disse Marcel, levantando-se e entrando no fundo da loja, sem attenção para com a misera mulher dos quadros escossezes. Então a canção de Mimi ficou mentirosa, visto que ella empenha o vestido? Mas com que diabo fará ella agora as suas visitas? Então hoje não sahirá de casa?

Eugenio acompanhára o amigo.

O barbeiro não os enganára: em um canto empoeirado, no meio de outras roupas de toda sorte, estava humilde e tristemente suspenso o vestido unico de Mlle. Pinson.

— E' este mesmo, disse Marcel; reconheço este vestido por tel-o visto novinho ha dezoito mezes. E' o vestido de andar por



casa, o de montar e o uniforme de parada de Mlle. Mimi. Deve haver na manga esquerda uma nodoazinha do tamanho de uma moeda de cinco soldos, feita com vinho de Champagne. E quanto emprestou o senhor sobre isto, pai Cadedis? pois supponho que este vestido não está vendido, e que acha-se nesta sala apenas como penhor.

— Emprestei quatro francos, respondeu o barbeiro; e assevero-lhe, senhor, que foi mera caridade. A outra qualquer não adiantára mais de quarenta soldos; pois a peça está horripelmente madura, e vê-se a travez della que é uma lanterna magica. Mas sei que Mlle. Mimi me ha de pagar; vale os quatro francos.

— Misera Mimi! proseguio Marcel. Era agora capaz de apostar meu boné que ella pedio emprestada essa pequena quantia para mandal-a a Rougette.

— Ou para pagar alguma divida importuna, disse Eugenio.

— Não, disse Marcel, conheço Mimi; re-

puto-a incapaz de despir-se por amor de um credor.

— Ainda é possível, disse o barbeiro. Conheci Mlle. Mimi em melhor posição do que está agora; tinha então muitas dividas. Iam diariamente á casa della para penhorar o que possuia, e effectivamente acabaram por tomar-lhe todos os moveis, excepto a cama, pois os senhores sabem sem duvida que não se penhora a cama do devedor. Ora, Mlle. Mimi tinha nesse tempo quatro vestidos em muito bom estado. Vestia todos quatro um por cima do outro, e deitava-se com elles para que não lh'os penhorassem; é por esta razão que eu me admiraria si, tendo hoje apenas um vestido, o empenhasse para pagar dividas.

— Misera Mimi! repetio Marcel. Mas realmente como se arranjará? Então andava enganando os amigos? então possui uma roupa desconhecida? Talvez esteja doente por ter comido muito bolo, e, com effeito, si está de cama, não tem que ves-

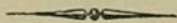


tir-se. Não importa, pai Cadedis, este vestido mette-me pena, com as mangas pendentes que parecem estar pedindo misericordia; olhe, tire quatro francos nas trinta e cinco libras que acaba de adiantar-me, e ponha-me o vestido em um guardanapo, para que eu o leve á coitadinha. E então, Eugenio, continuou, que diz a isto a tua caridade christã?

— Que tu tens razão, respondeu Eugenio, em fallar e proceder como procedes, mas que tambem eu não deixo talvez de tê-la; aposto, si quizerdes.

— Está dito, acudio Marcel, apostemos um charuto, como os membros do Jockey-Club. Tambem já não tens que fazer aqui. Tenho trinta e um francos, estamos ricos. Vamos daqui á casa de Mlle. Pinson; tenho curiosidade de vê-la.

Pôz o vestido embaixo do braço, e ambos sahiram da loja.



VII

—Mademoiselle foi á missa, respondeu a porteira aos dous estudantes, quando chegaram á casa de Ml e. Pinson.

— A' missa ! disse Eugenio admirado.

— A' missa ! repetio Marcel. E' impossivel, não sahio. Deixe-nos entrar ; somos amigos velhos.

— Affianço-lhe, senhor, respondeu a porteira, que ella sahio para ir á missa ha perto de tres quartos de hora.

— E a que igreja foi ?

—A S. Supplicio, como de costume : não falta um dia.



— Sim, sim, sei que ella ora a Deus; mas parece-me extravagante que ella hoje tenha sahido.

— Ahi vem ella, senhor; volta a esquina: olhe.

Mlle. Pinson, sahindo da igreja, volta com effeito para casa. Marcel, mal dera com ella, sahira-lhe ao encontro, impaciente por vêr-lhe de perto o vestido. Tinha, á guisa do vestido, uma saia de cassa escura, meia encoberta sob uma cortina de sarja verde, da qual fizera, como lhe fôra possivel, um chale. Deste vestuario singular, mas que no fim de contas não attrahia os olhares, em razão da sua côr escura, sahiam-lhe a cabeça graciosa, ornada com o bonézinho branco, e os pézinhos calçados de borzeguins. Envolvera-se na cortina com tamanha arte e precaução, que parecia realmente um chale velho, e que quasi se não via o bordado. Em summa, achava meio de agradar ainda mettida nesses pannos velhos, e de provar mais

uma vez que uma bonita mulher é sempre bonita.

— Como acham-me ? perguntou aos dous moços affastando um pouco a cortina, e deixando vêr a cintura fina apertada no corpinho. São uns trajes menores de manhã que Palmira acaba de trazer-me.

— A senhora é encantadora, disse Marcel. Por minha vida, nunca seria capaz de pensar que se pudesse ter tão bom aspecto com o chale de uma janella.

— Deveras ? retrucou Mlle. Pinson ; no entanto pareço um embrulho.

— Embrulho de rosas, respondeu Marcel. Agora estou quasi arrependido de haver-lhe trazido o seu vestido.

— O meu vestido ? Onde o achou ?

— Naturalmente onde elle estava.

— E libertou-o do captiveiro ?

— Sim, paguei-lhe o resgate. Fica-me querendo mal por essa ousadia.

— De modo algum ! sob condição de desforra. Estou bem contente por tornar a vêr



meu vestido ; pois, para dizer-lhes a verdade, ha já muito tempo que vivemos juntos, e tomei-lhe amisade insensivelmente.

Assim fallando Mlle. Pinson subia ligeira os cinco andares que conduziam á sua camarazinha, onde os dous amigos entraram com ella.

— Não posso entretanto, continuou Marcel, restituir-lhe este vestido sinão com uma condição.

— E então ! disse a costureira. Que asneira ! Condições ! não estou por essa.

— Fiz uma aposta, disse Marcel ; é preciso que a senhora diga-nos francamente por que empenhou este vestido.

— Deixem-me então vestil-o primeiro, respondeu Mlle Pinson : dir-lhes-hei depois o meu porquê. Mas previno-os de que, si não querem fazer do meu armario ou do telhado sala de espera, é preciso que, emquanto eu me visto, os senhores velem a face como Agamemnon.

— Não seja essa a duvida, disse Marcel ;

somos mais serios do que suppõe-se, e não aventuraremos um olhar sequer.

— Esperem, continuou Mlle. Pinson; estou cheia de confiança, mas a prudencia das nações diz-nos que duas precauções valem mais que uma.

Ao mesmo tempo desembaraçou-se da sua cortina, e estendeu-a delicadamente em cima da cabeça dos dous amigos, de modo a tornál-os completamente cegos.

— Não se meçam, disse-lhes; é em um instante.

— Tome cautela consigo, disse Marcel. Si houver algum buraco na cortina, não respondo pelo resultado. Não se quer contentar com a nossa palavra, por conseguinte ella está livre e desembaraçada.

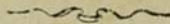
— Felizmente meu vestido tambem o está, disse Mlle. Pinson; e minha cintura tambem, accrescentou rindo-se e puchando a cortina. Coitado do meu vestidinho! parece-me novosinho. Sinto um prazer em vêr-me dentro d'elle!



— E o seu segredo ? dir-no-lo-ha agora ? Vamos, seja sincera, não somos falladores. Porque e como uma moça como a senhora, prudente, arranjada, virtuosa e modesta, pendurou assim de uma assentada toda a sua guarda-roupa em um prego ?

— Porquê?... porquê?... respondeu Mlle. Pinson, parecendo hesitar ; depois tomou os dous moços cada um por um braço, e disse-lhes puxando-os para a porta : Venham commigo, e verão.

Como Marcel esperava, a moça levou-os á rua de l'Epeson.



## VIII

Marcel ganhára a aposta. Os quatro francos e o pedaço de bolo de Mlle. Pinson estavam em cima da meza de Rougette, com os destroços do frangão de Eugenio.

A misera enferma ia um tanto melhor, mas estava ainda de cama; e por maior que fosse a sua gratidão para com o seu bemfeitor desconhecido, mandou dizer aos rapazes pela amiga que a desculpassem, e que não estava em estado de recebê-los.

— Como a reconheço em tudo isto! disse Marcel; estivesse ella a morrer em cima da palha das suas aguas-furtadas, e ainda



assim representaria o seu papel de duqueza com a propria talha d'agua.

Os dous amigos, postoque, a pezar seu, viram-se pois obrigados a voltar para casa como tinham vindo, não sem rirem entre si dessa altivez e recato tão singularmente aninhados em um pardieiro.

Depois de irem á Escola de Medicina assistir ás lições do dia, jantaram juntos, e á noite foram dar um passeio ao boulevard italiano. Ah!, enquanto fumava o charuto que ganhára de manhã :

— Depois de tudo isto, dizia Marcel, não te vês obrigado a concordar que eu tenho razão de gostar, em fundo, e até de estimar estas miseras creaturas ? Consideremos desapaixonadamente as cousas sob um ponto de vista philosophico. Esta Mimi, que tanto calumniaste, não fez, despojando-se de seu vestido, obra mais louvavel, mais meritoria, atrevo-me a dizer até mais christã, que o bom rei Roberto deixando um pobre cortar-lhe a franja do manto ? O bom

rei Roberto, de sua parte, possuia evidentemente muitos mantos; de outra parte, estava á mesa, diz a historia, quando um mendigo approximou-se d'elle, arrastando-se de quatro pés, e cortou com uma thesoura a franja de ouro da roupa de seu rei. A senhora rainha achou a cousa má, e o digno monarcha, é verdade, perdoou generosamente ao cortador de franja; mas talvez houvesse jantado bem. Repara a distancia que vai d'elle a Mimi! Mimi, quando soube do infortunio de Rougette, estava seguramente em jejum. Fica certo de que o pedaço de bolo que elle levára de minha casa estava destinado de antemão a compôr a sua propria refeição. Ora, o que fez ella? Em vez de almoçar, foi á missa, e ainda nisto mostra-se ainda pelo menos igual ao rei Roberto, que era piissimo, concordo, mas que gastava o tempo a cantar no côro, enquanto os normandos faziam o diabo a quatro. O rei Roberto abre mão da franja, e, em summa, fica-lhe o manto. Mimi manda



o vestido todo ao pai Cadelis, acção incomparavel, por isso que Mimi é mulher moça, bonita, casquilha e pobre; e nota bem que esse vestido lhe é necessario para poder ir, como de costume, á loja em que trabalha, ganhar o pão do dia. Não só pois ella privava-se do pedaço de bolo que ia comer, como põe-se voluntariamente em estado de não jantar. Observemos de mais a mais que o pai Cadedis está muito longe de ser mendigo, e de arrastar-se de quatro pés por baixo da mesa. O rei Roberto, renunciando á franja, não faz grande sacrificio, pois que acha-a já cortada, e cumpre saber si a franja estava cortada inviezada ou não, e em estado de ser de novo pregada; ao passo que Mimi, de motu proprio, bem longe de esperar que lhe roubem o vestido, arranca de cima de seu misero corpo a roupa, mais preciosa, mais util que o ouropel de todos os heriqueiros de Pariz. Sahe vestida com uma cortina; mas fica certo de que não iria assim sinão á igreja. Prefere

rira que lhe cortassem um braço a mostrar-se assim malamanhada no Luxemburgo ou nas Tulherias; mas ousa mostrar-se a Deus, porque é a hora em que ella resa todos os dias. Acredita-me, Eugenio, só no facto de atravessar com a sua cortina a praça Saint-Michel, a rua de Tournon e a rua do Petit-Dion, onde ella conhece a todos, ha mais valor, humildade e verdadeira religião, que em todes os hymnos do bom rei Roberto, de quem no entanto todos fallam, desde o grande Bossuet até o chato Auquetil, emquanto que Mimi morrerá ignorada no seu quinto andar, entre um vaso de flôres e um abainhado.

— Tanto melhor para ella, disse Eugenio.

— Si eu agora quizesse, disse Marcel, continuar nas minhas comparações, poder-te-hia fazer um parallelo entre Mucio Scœvola e Rougette. Julgas com effeito que seja mais difficil a um romano do tempo de



Tarquínio conservar o braço, durante cinco minutos, em cima de um brazeiro, do que a uma costureira contemporanea passar vinte quatro horas sem comer? Nem um nem outra gritaram, mas estuda os motivos. Mucio está no meio de um acampamento, diante de um rei etrusco que intentou assassinar; errou o golpe de modo lamentavel, está nas mãos dos soldados. O que ha de elle imaginar? Uma bravata. Para que o admirem antes que o enforcem, chamusca o punho em um tição (pois não está provado que o brazeiro estivesse bem aceso, nem que o punho ficasse reduzido á cinza). Nisto o digno Porsenna, estupefacto com a fanfarronada, perdoa-o e manda-o, para casa. A apostar que o sobredito Porsenna, capaz de tal perdão, tinha boa cara e que Scevola desconfiava que, sacrificando o braço, salvava a cabeça! Rougette ao contrario supporta pacientemente o mais horrivel e o mais lento dos supplicios, o da fome; ninguem a está vendo. Está só no fun-

do de umas aguas-furtadas, e não tem lá para admiral-a, nem Porsenna, isto é, o barão, nem os romanos, isto é, os vizinhos, nem os etrusco, isto é, os credores, nem o proprio brazeiro, pois o fogão está apagado. Ora, porque soffre ella sem queixar-se? Primeiro por vaidade, é facto, mas Mucio está no mesmo caso; segundo por grandeza d'alma, e nisso está a sua gloria; pois si conserva-se muda por traz do seu ferrolho, é exactamente para que os amigos não saibam que está a morrer, para que não se compadeçam do seu valor, para que sua camarada Pinson, que conhece que é boa e delicada, não se veja obrigada, como fez a dar-lhe o vestido e o bolo. Mucio, no lugar de Rougette, fingiria morrer calado, mas havia de ser em alguma encruzilhada ou á porta de Flicoteaux. Seu taciturno e sublime orgulho seria um modo delicado de pedir ao auditorio um copo de vinho e uma ponta de pão. Rougette, é verdade, pe'lio um luiz ao barão, que persisto em comparar a Por-



senna. Mas não vês que o barão deve evidentemente a Rougette algumas obrigações pessoasas? Isto salta aos olhos dos menos atilados. Como, demais, acertadamente nõtaste, póde succeder que o barão esteja no campo, e neste caso Rougette está perdida. E não creias poder responder-me neste ponto com a vã objecção que se oppõe a todas as boas acções das mulheres, a saber, — que não sabem o que fazem, e que correm para o perigo como os gatos nos telhados. Rougette sabe o que é a morte; vio-a de perto na ponte de Iena, porque já uma vez atirou-se n'agua, e eu perguntei-lhe si havia soffrido com isso. Disse-me que não, que nada sentira, salvo no momento em que a haviam tornado a pescar, porque os ca-traeiros pucharam-na pelas pernas, e haviam-lhe, segundo dizia, raspado a cabeça na borda da barca.

— Basta! disse Eugenio, poupa-me com os teus horriveis gracejos. Responde-me seriamente: acreditas que tão horriveis prova-

ções, tantas vezes repetidas, sempre ameaçadoras, possam emfim produzir algum fructo? Estas miseris raparigas, entregues a si proprias, sem apoio, sem conselho, terão criterio bastante para adquirir experiencia? Haverá um demonio, preso a ellas, que vota-as para sempre á desventura e á loucura, ou, apesar de tantos desregramentos, poderão voltar ao bem? Eis ahi uma que ora a Deus, dizes tu; vai á igreja, cumpre com os seus deveres, vive honestamente de seu trabalho; as companheiras parecem estimal-a... e vós outros extravagantes não a tratais com a leviandade costumada. Eis ahi outra que passa continuamente do estouvamento á miseria, da prodigalidade aos horrores da fome. E' fóra de duvida que ella deve lembrar-se por muito tempo das lições crueis que recebe. Suppões que, com advertencias prudentes, um proceder regular, algum auxilio, possa-se fazer de semelhantes mulheres seres razoaveis? Si assim é, di-



ze-m'ó ; offerece-nos uma oportunidade. Vamos já d'aqui á casa da misera Rougette; está sem duvida ainda bem enferma, e a amiga vela-lhe á cabeceira. Não me des-animés, deixa-me obrar. Quero tentar trazê-las ao bom caminho, fallar-lhes com sinceridade ; não pretendo pregar-lhes sermão, nem fazer-lhes exprobações. Quero approximar-me desse leito, tomar-lhes as mãos, e dizer-lhes....

Nesse momento os dous amigos passaram por defronte do café Tortoni. O vulto de duas raparigas, que tomavam sorvetes perto de uma janella, desenhou-se á claridade dos lustres. Uma dellas agitou o lenço e a outra deu uma gargalhada.

— Com a bréca ! disse Marcel, si lhes queres fallar, não precisamos ir tão longe, porque ellas aqui estão, com a graça do Senhor ! Reconheço Mimi pelo vestido, e Rougette pela pluma branca, sempre no caminho da gulodice. Parece que o Sr. barão andou bem.

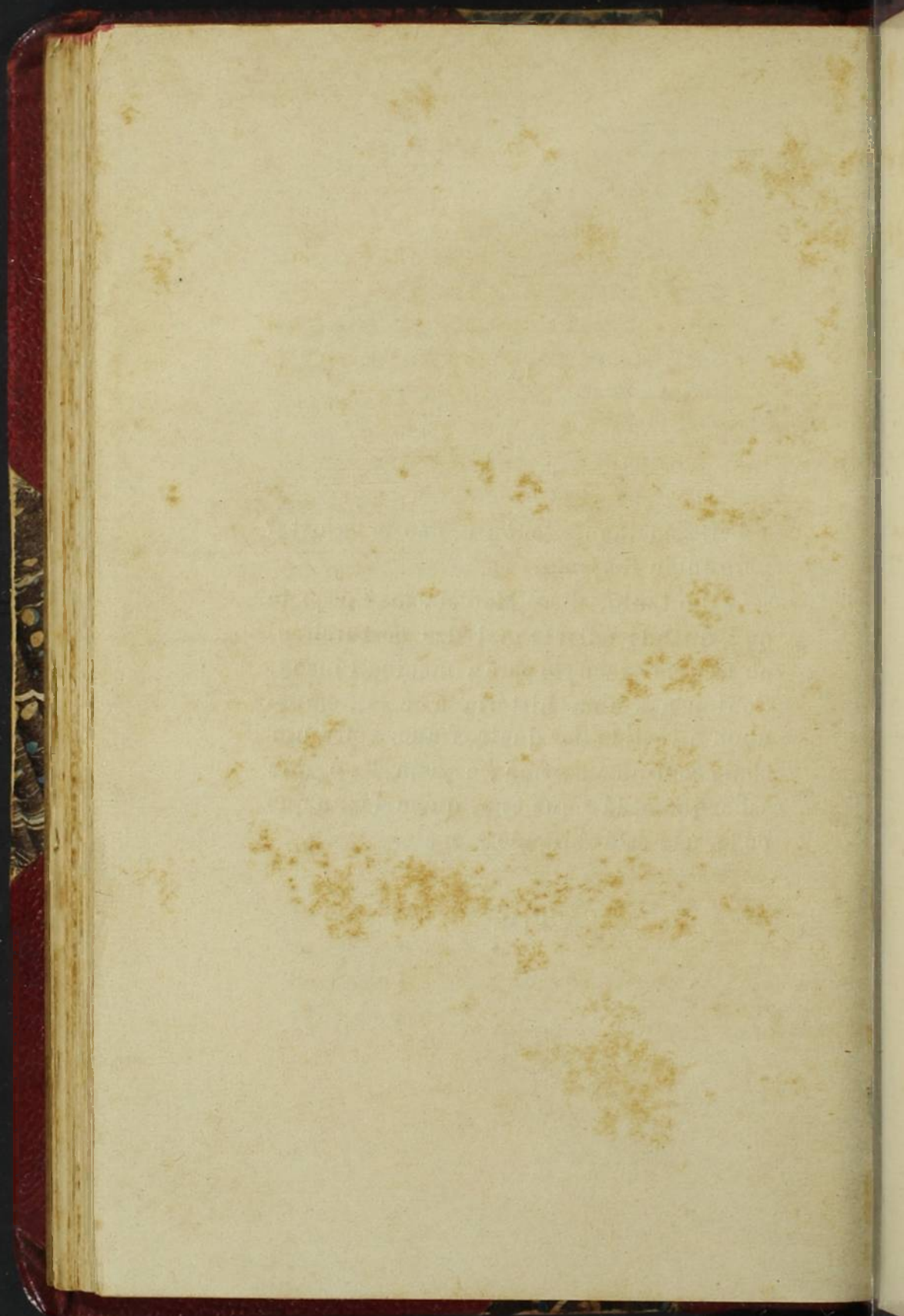
## IX

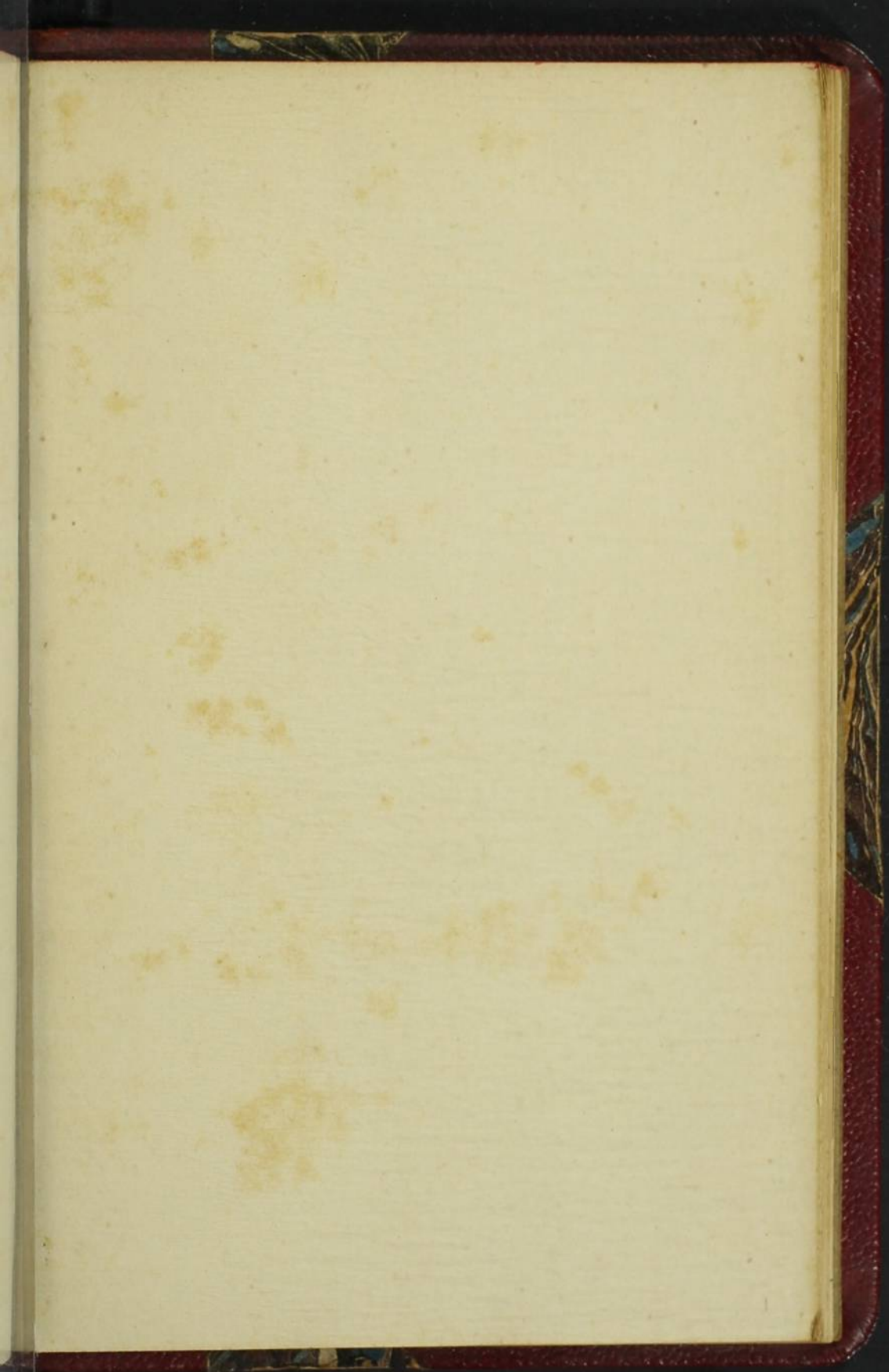
—E semelhante loucura, não te assusta?  
perguntou Eugenio.

—Um tanto, disse Marcel ; mas peço .te  
que, quando fallares mal das costureiras,  
abras uma excepção para a menina Pinson.  
Contou-nos uma historia á ceia, empen-  
nhou o vestido por quatro francos, fez um  
chale com uma cortina ; e quem diz o que  
sabe, quem dá o que tem, quem faz o que  
póde, não está obrigado a mais.

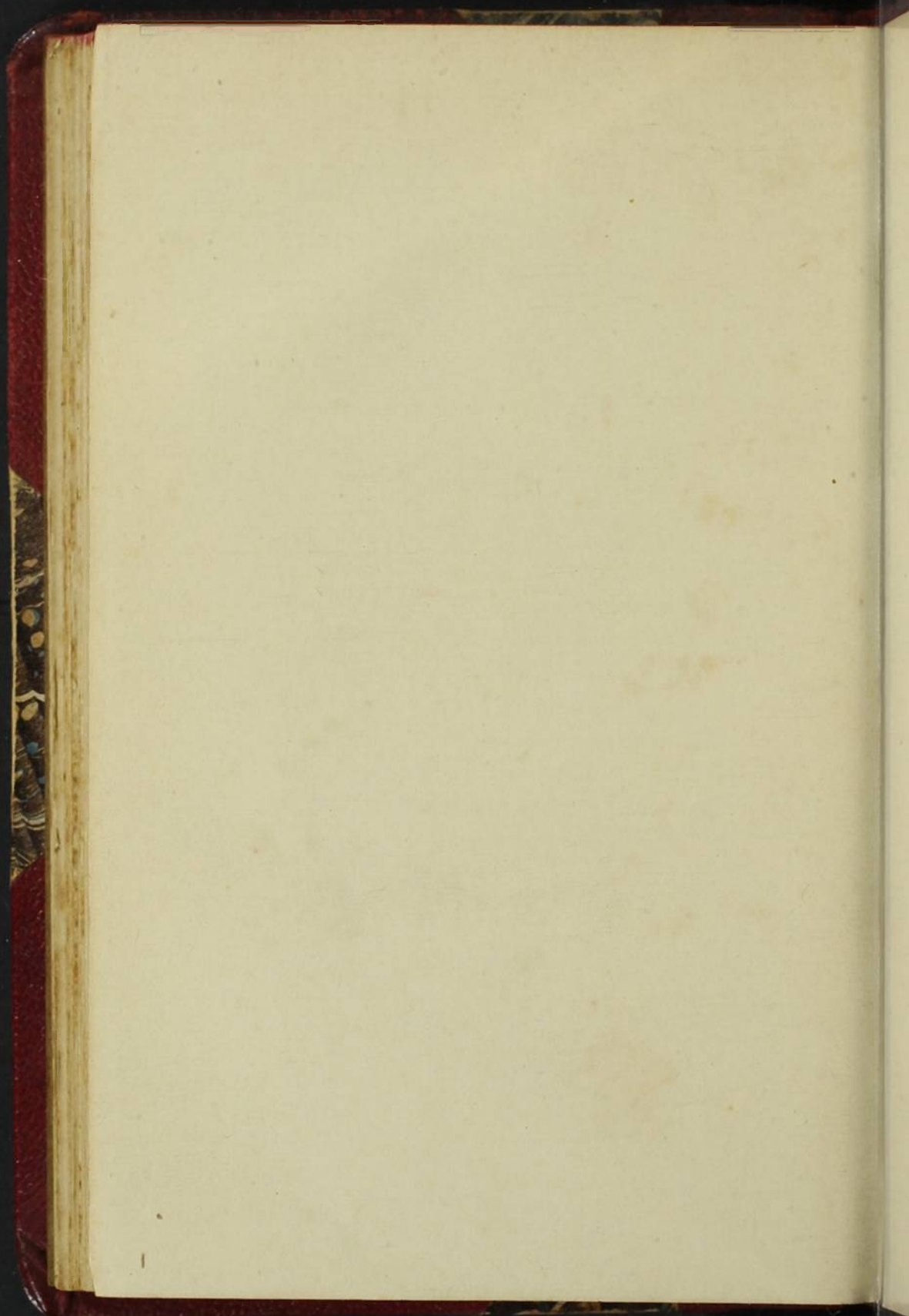
FIM.

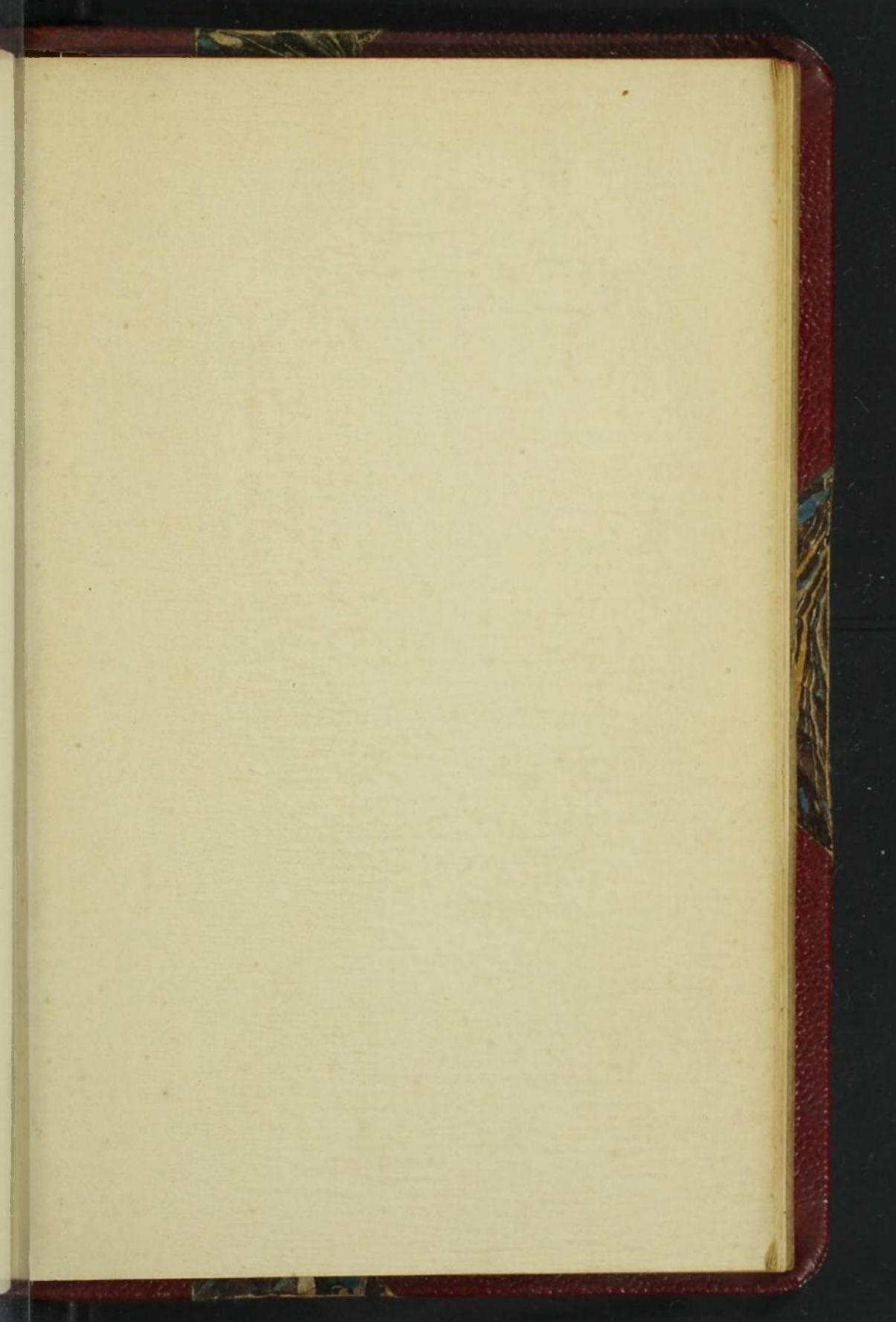




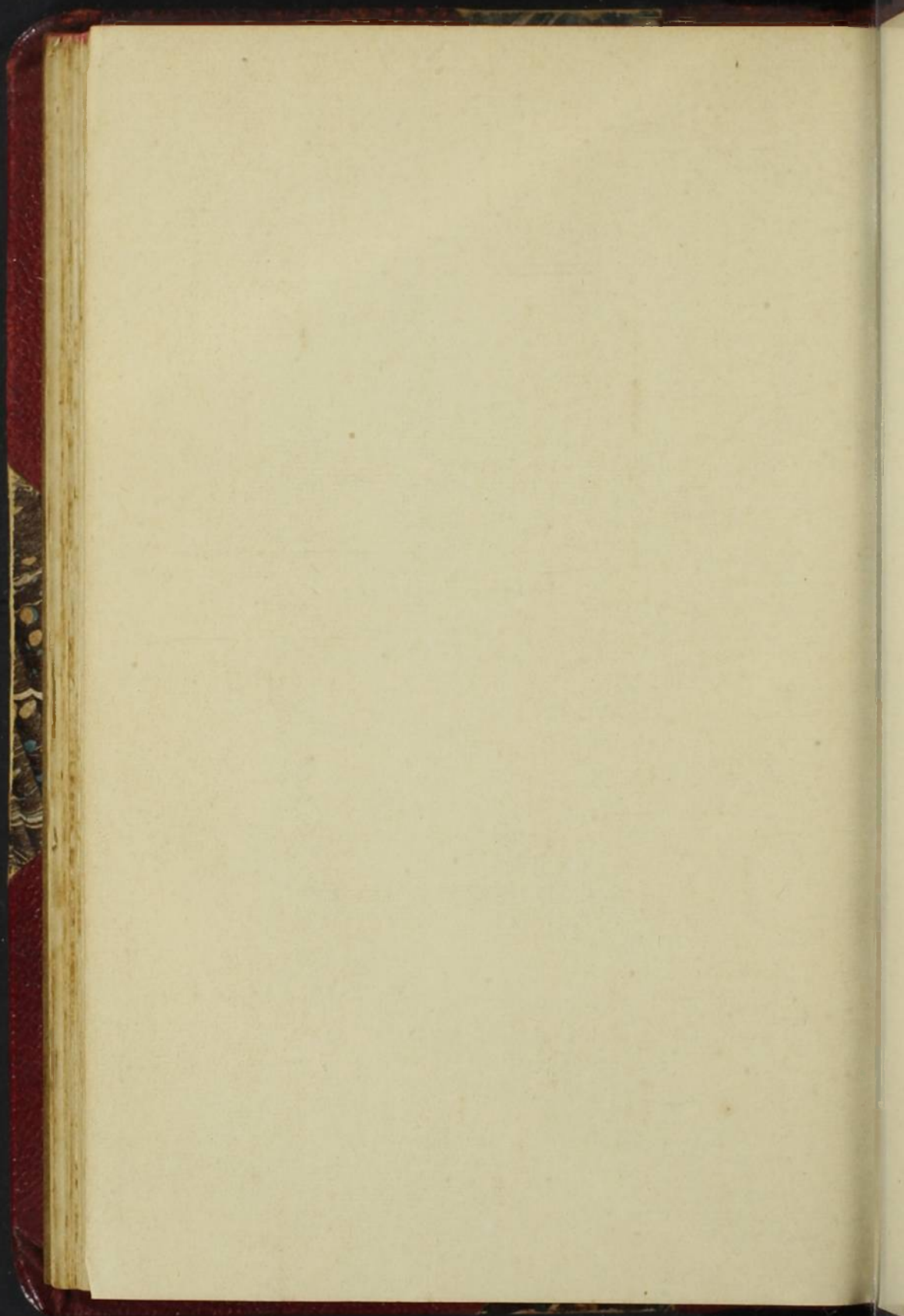


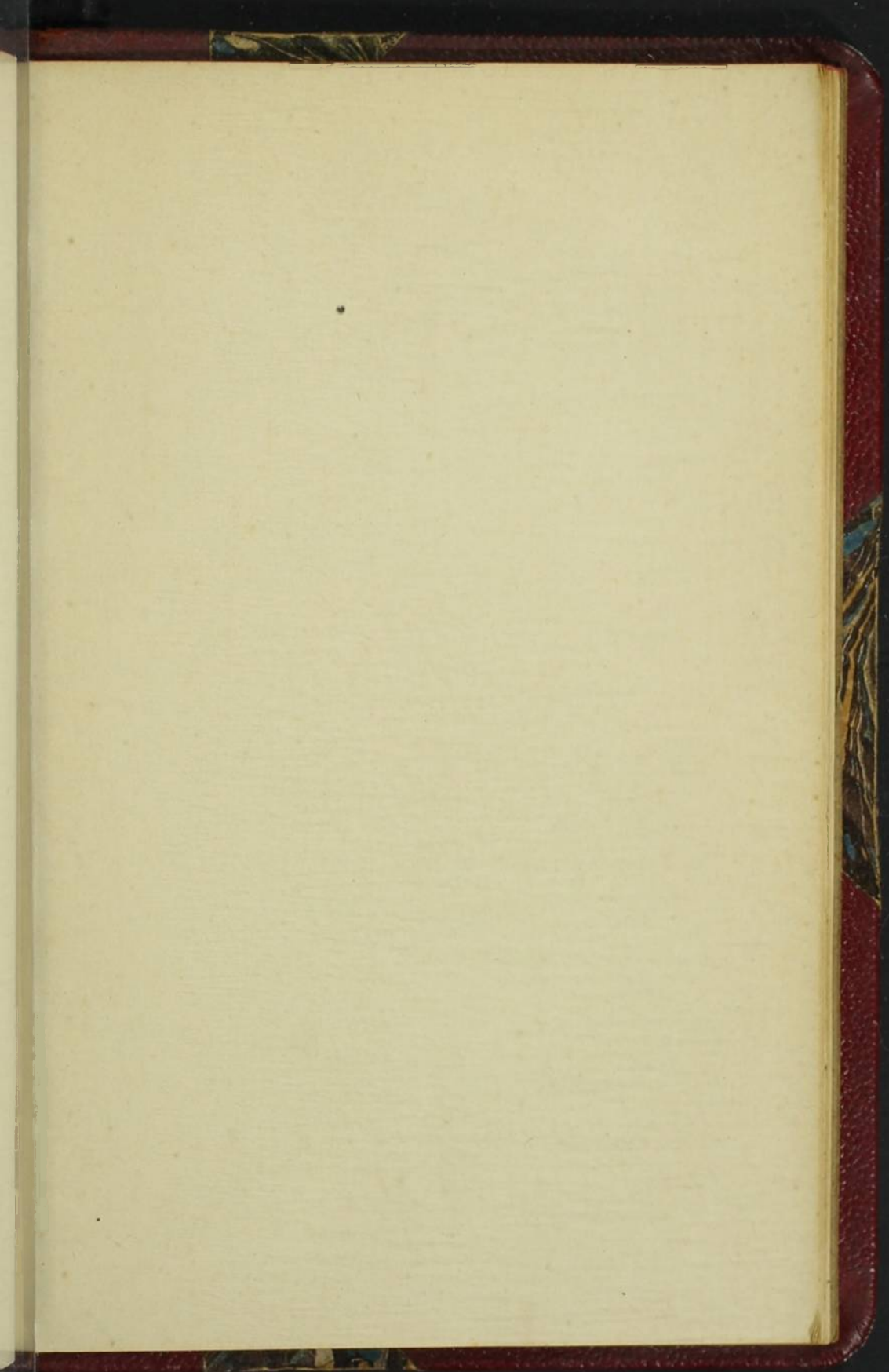




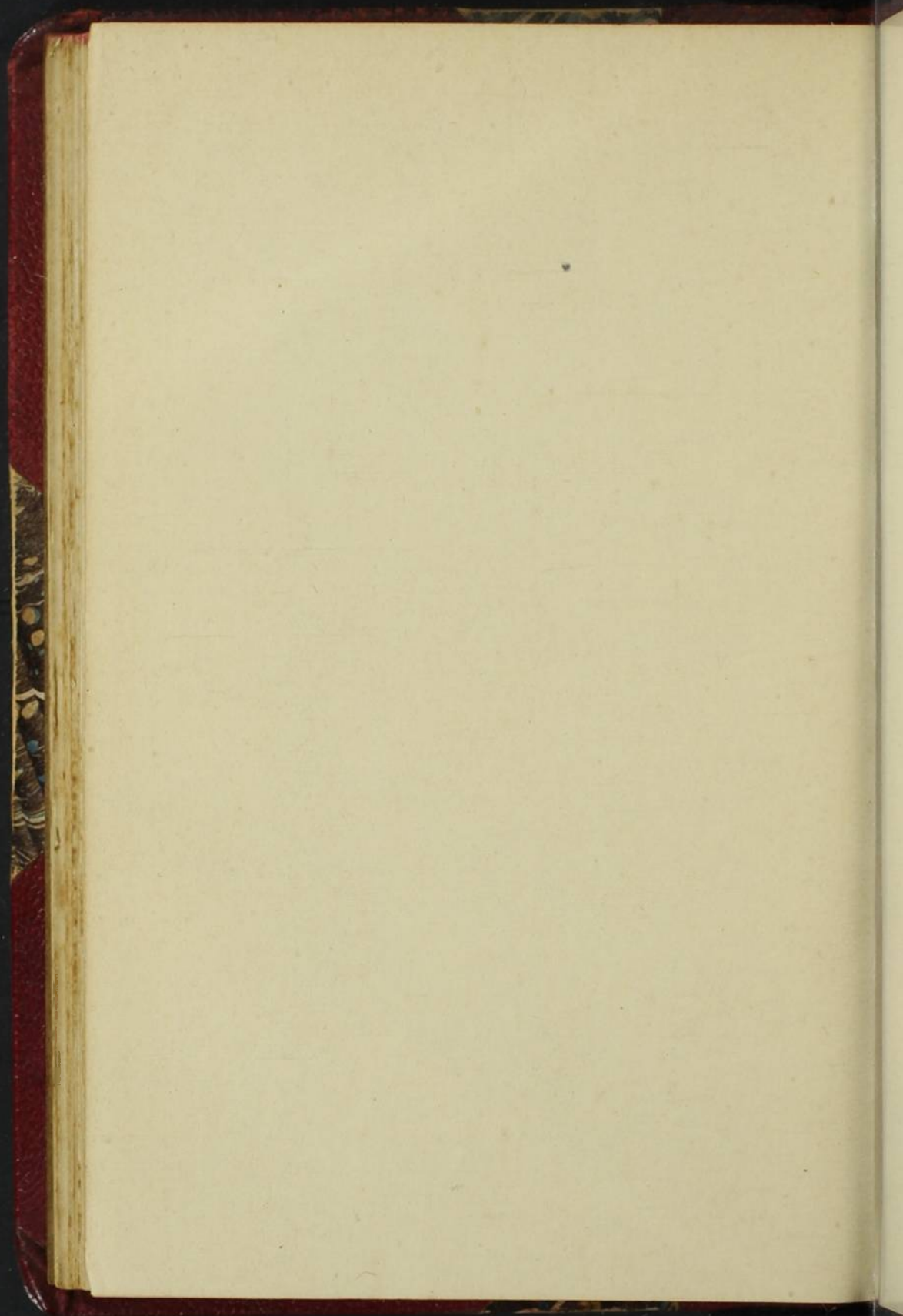


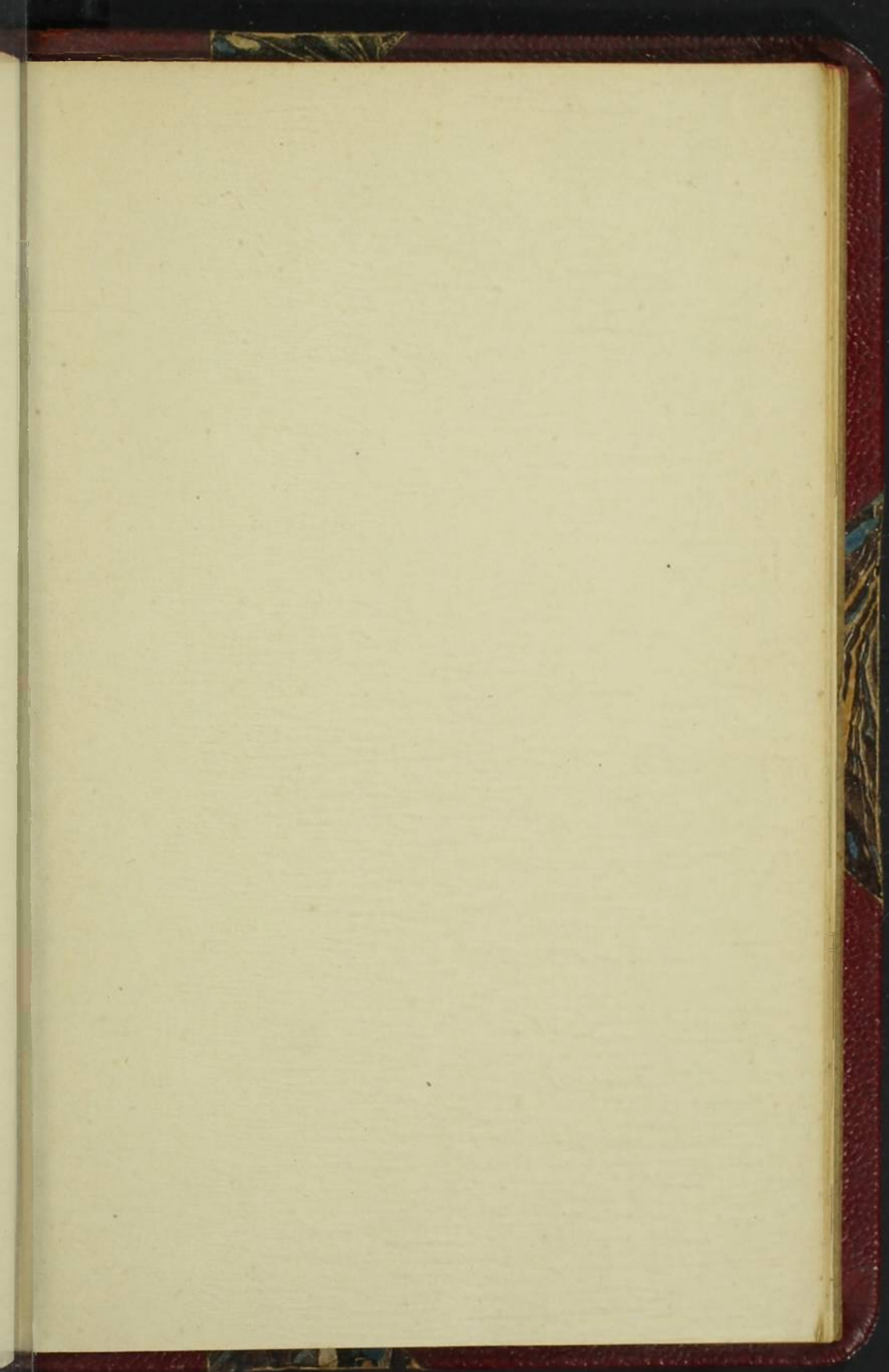




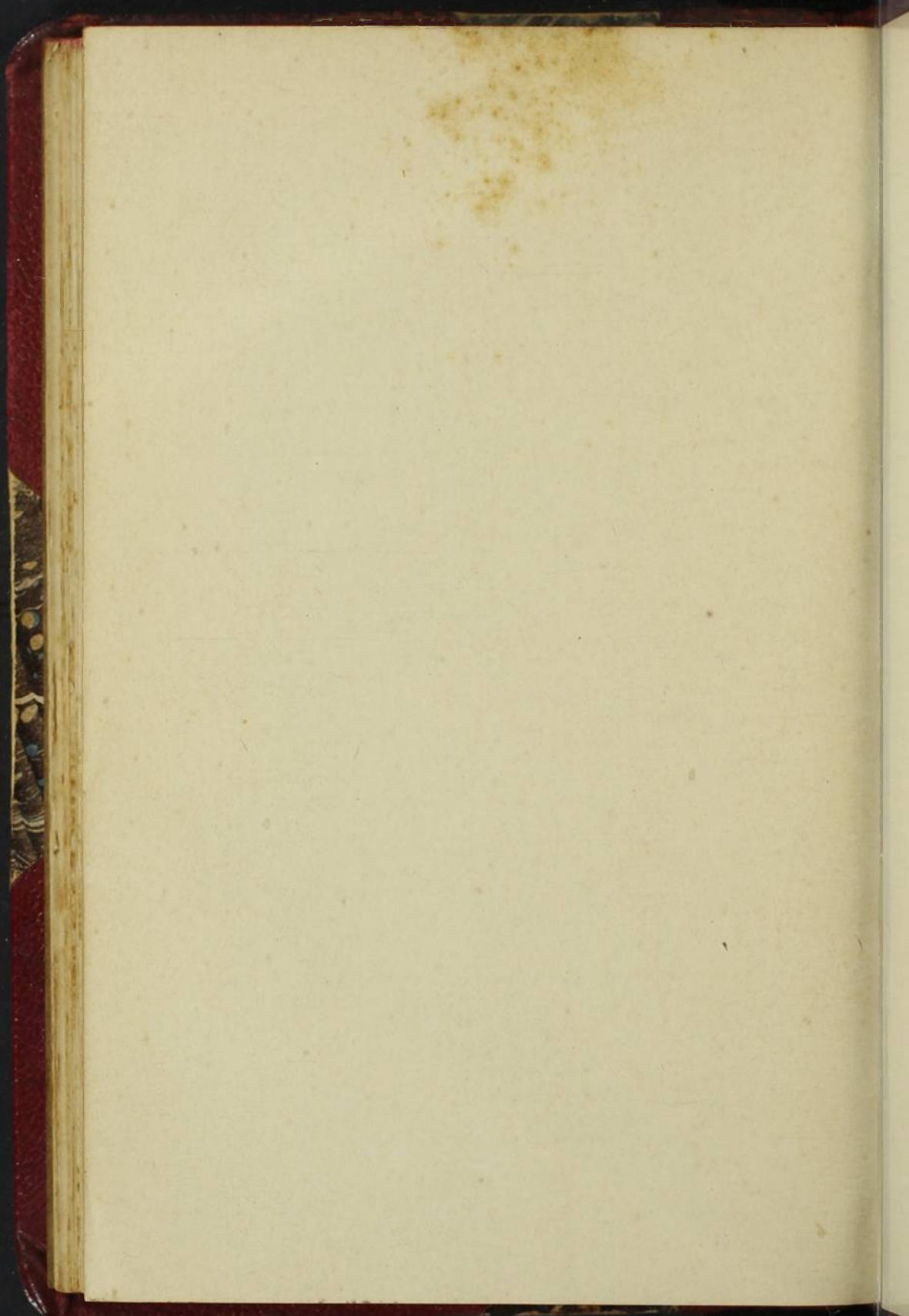


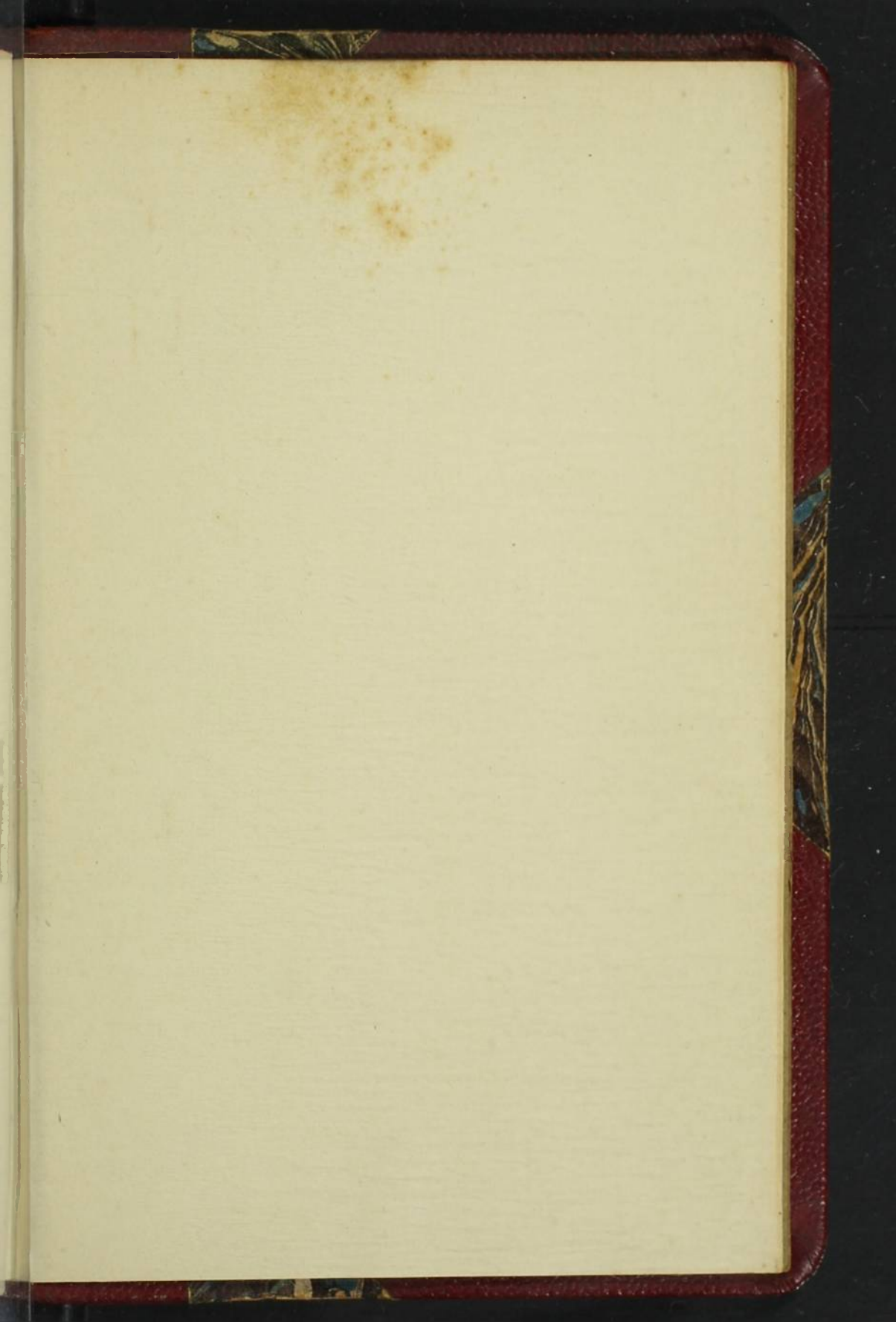




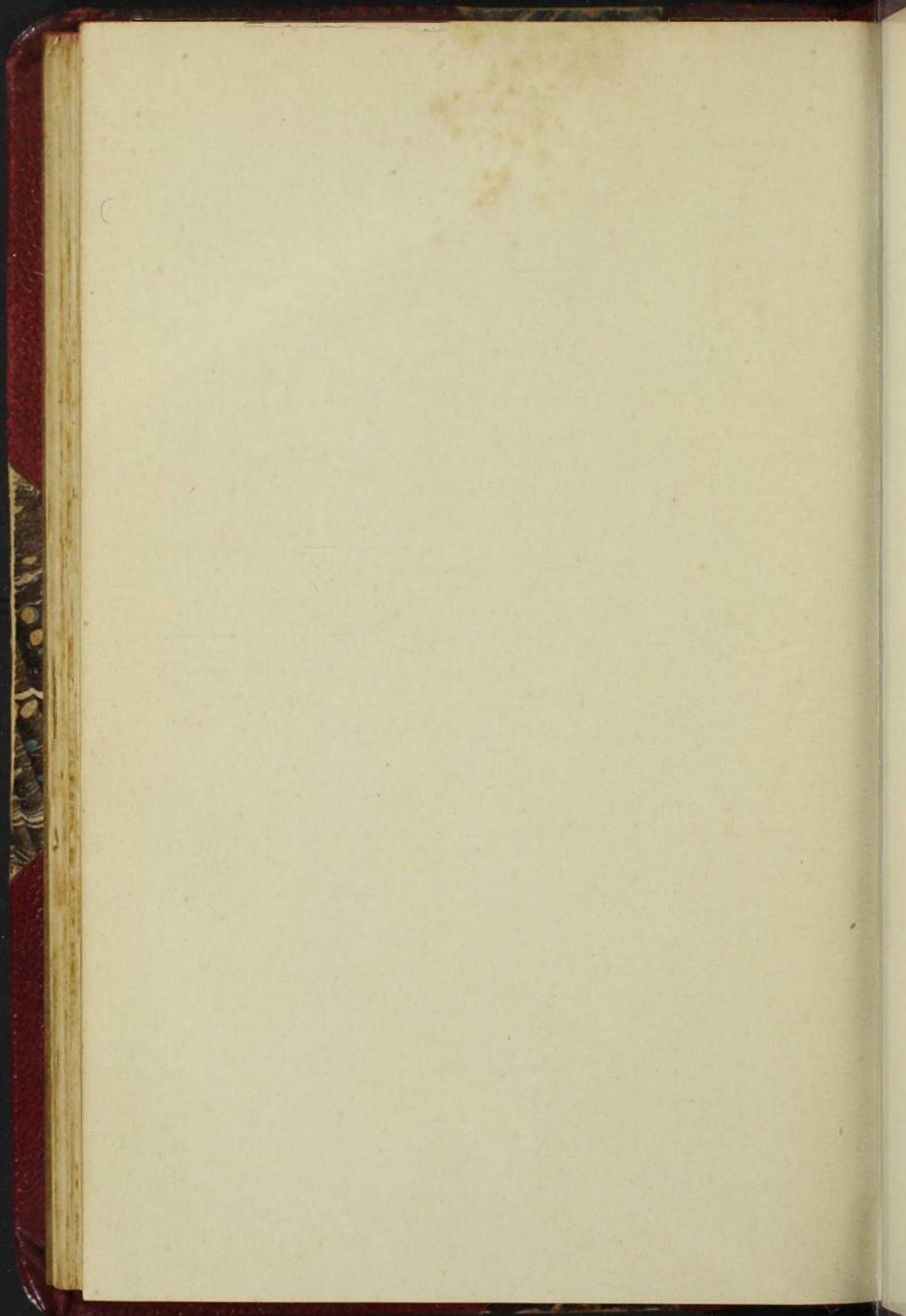


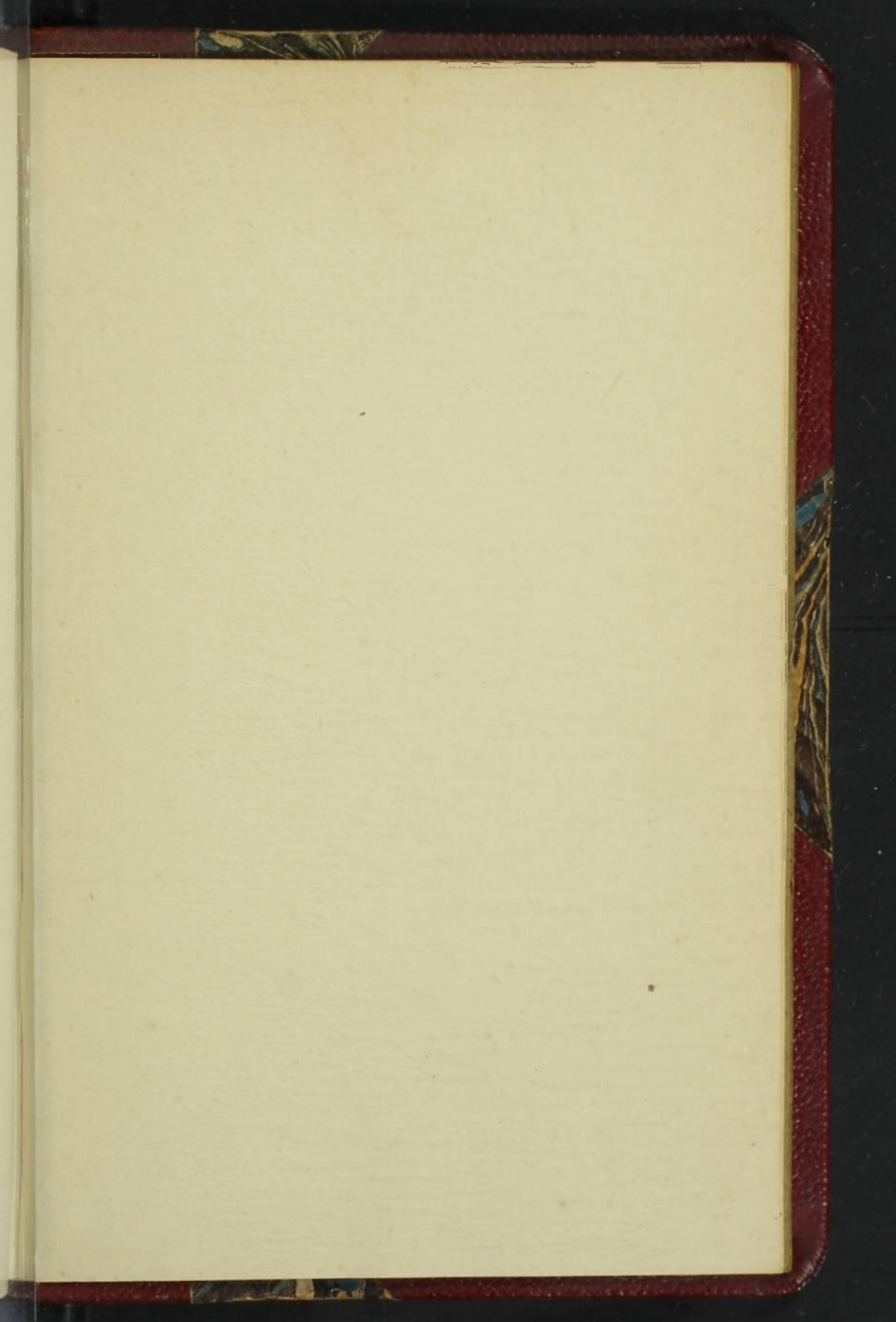




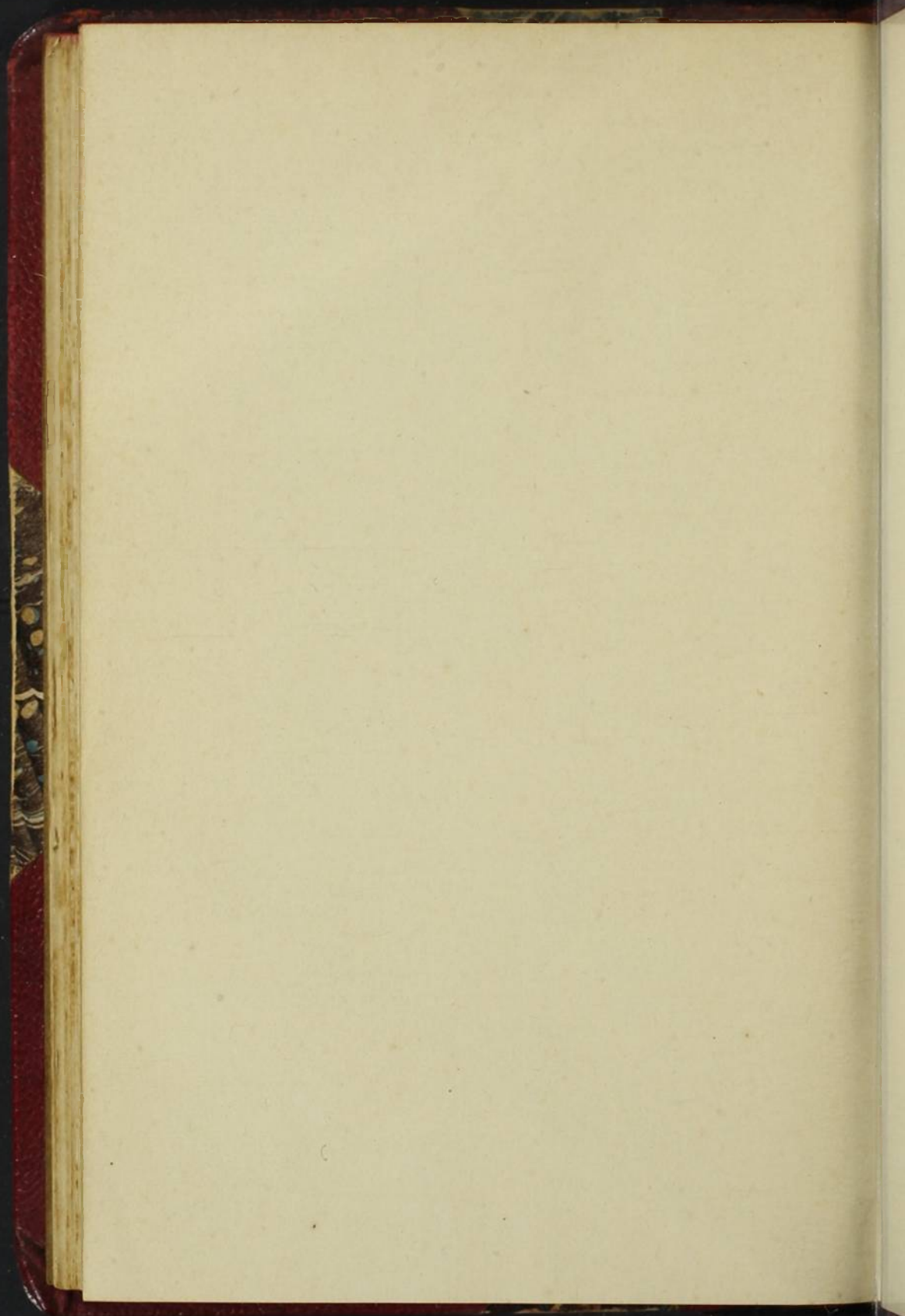


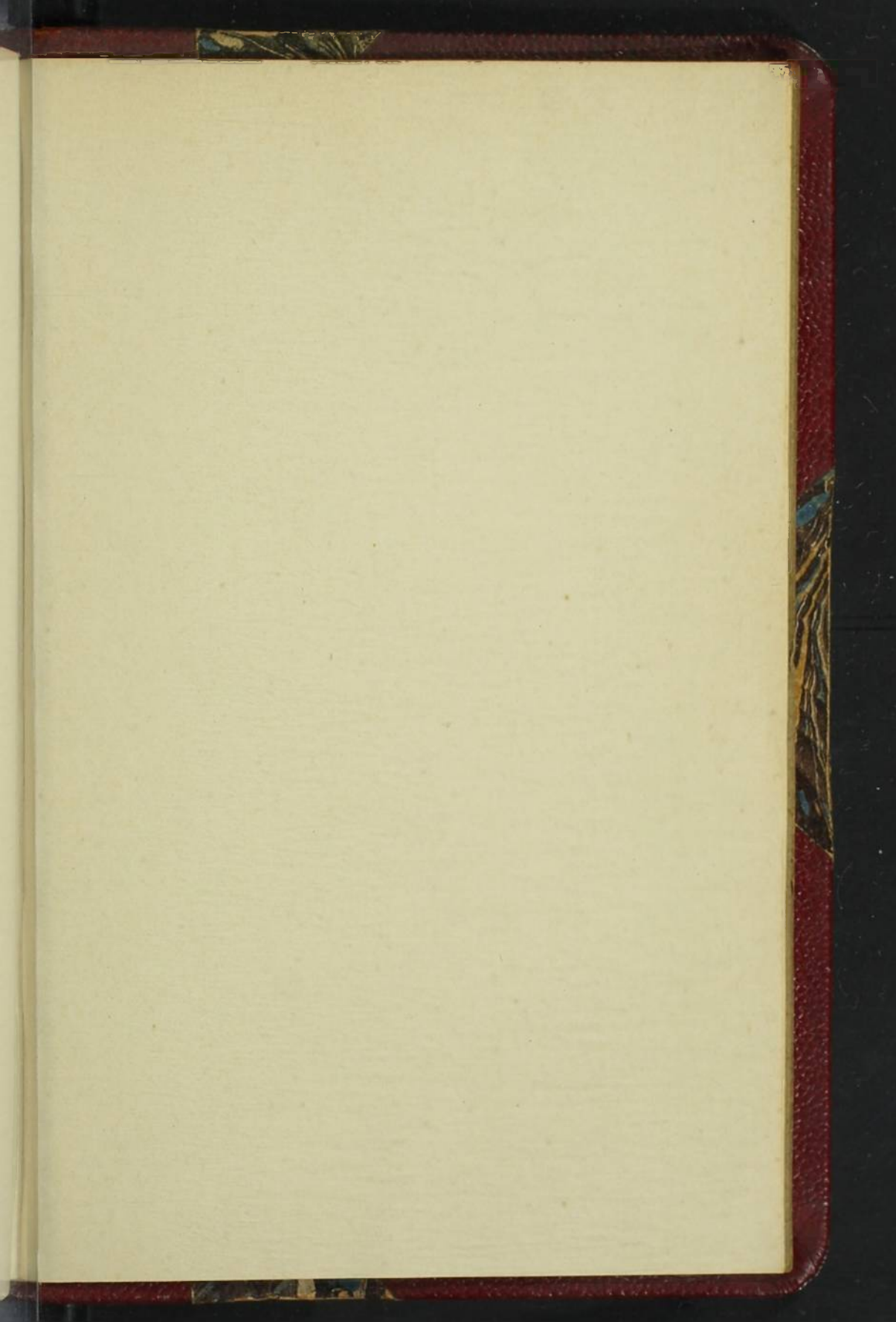




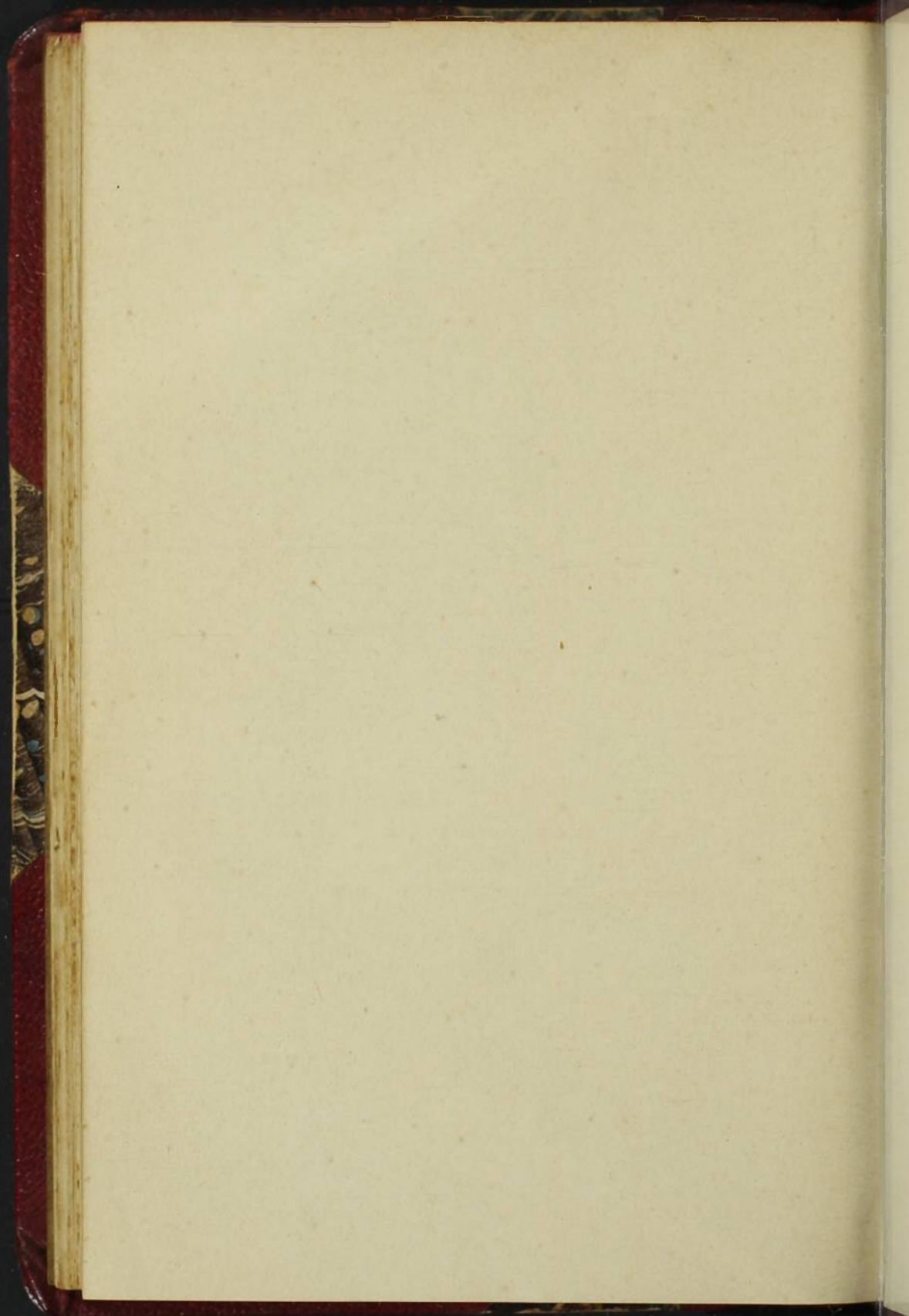


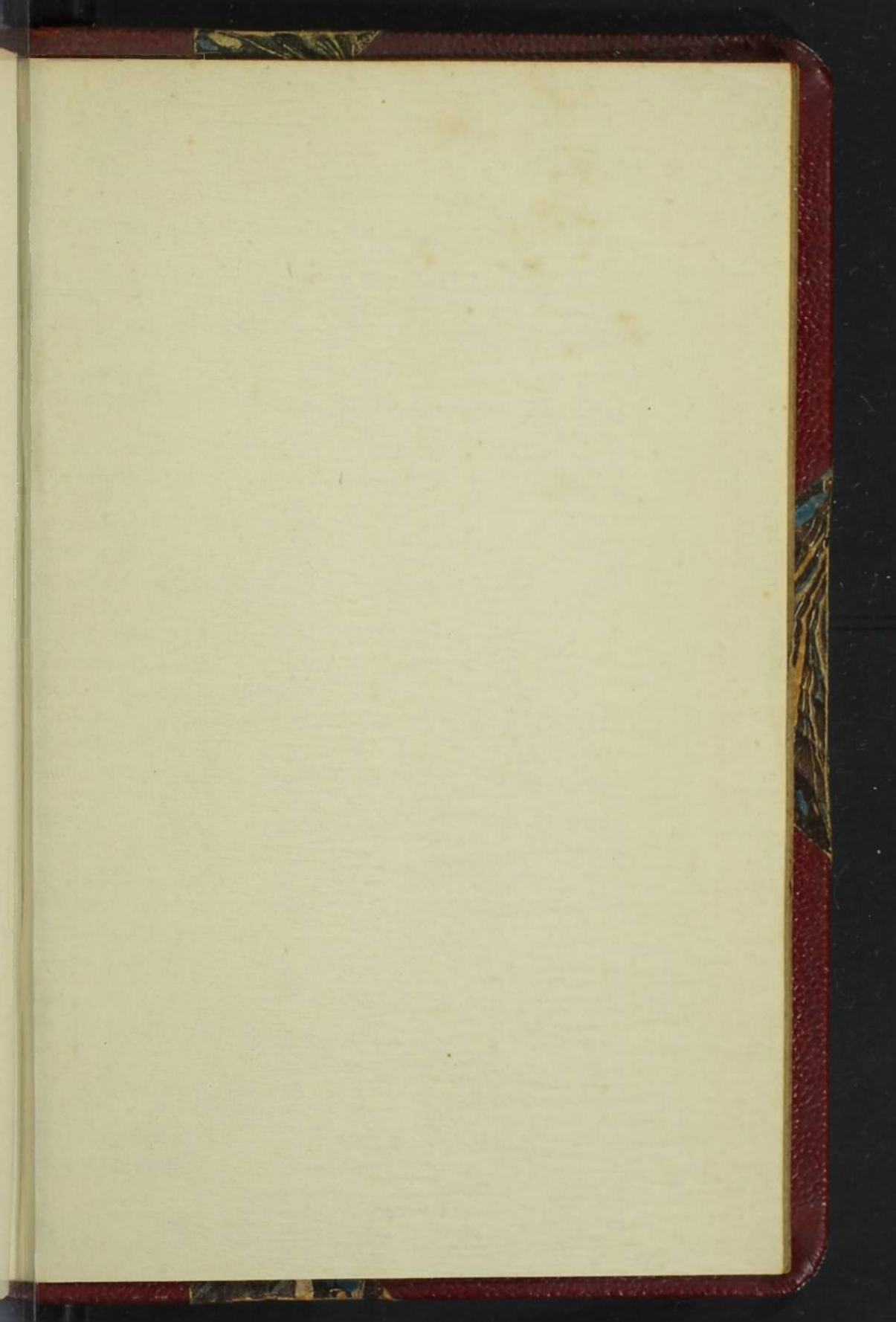




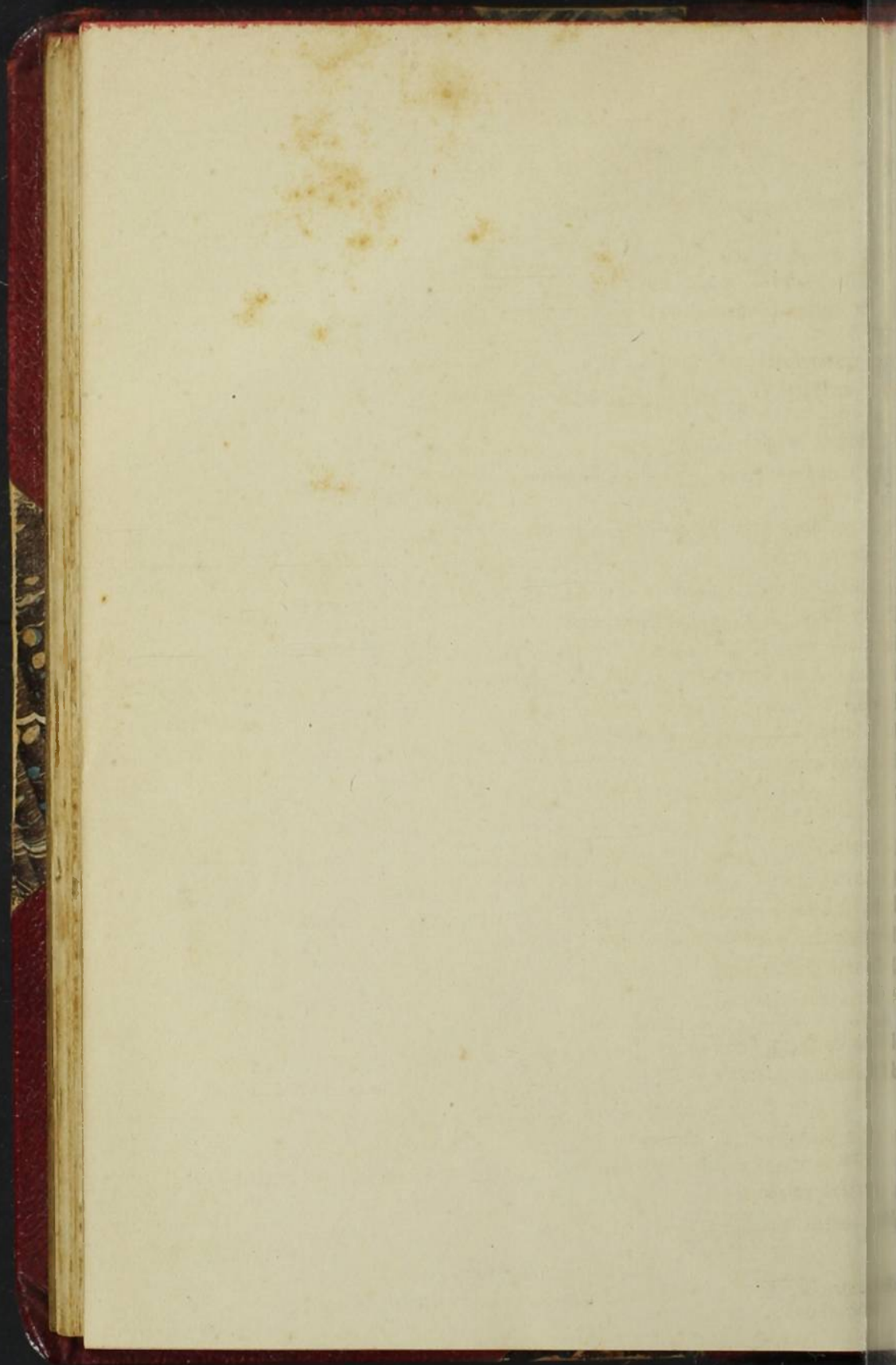












### J. M. de Macedo.

o Forasteiro, romance brasileiro, 3 v. in-8° enc.	7\$000,
broc. . . . .	5\$000
Os quatro pontos cardeaes. — A Misteriosa, romances, 1 v. forte in-8° enc.	3\$000, broc. . . . .
	2\$500
Um noivo a duas noivas, romance, 3 v. in-8°, enc.	8\$000,
broc. . . . .	6\$000
A namoradaira, romance. 3 v. enc.	8\$, broc. . . . .
	6\$000
As mulheres de mantilha, romance historico, 2 v. broc.	4\$000,
enc. . . . .	5\$000
A luneta magica, romance, 2 v. in-8° enc.	5\$000. br. . . . .
	4\$000
As victimas algozes, quadros da escravidão, 2 v. enc.	7\$000,
broc. . . . .	5\$000
A nebulosa, 1 v. enc.	3\$000, enc. . . . .
	2\$000
Culto do dever, 1 v. enc.	3\$000, broc. . . . .
	2\$000
Memorias de um sobrinho de meu tio, enc.	5\$000, broc. . . . .
	4\$000
Moço louro, 2 v. enc.	5\$000, broc. . . . .
	4\$000
Os dous amores, 2 v. enc.	5\$000, broc. . . . .
	4\$000
Romances da semana, 1 v. enc.	3\$000, br. . . . .
	2\$000
Rosa, 2 v. enc.	5\$000, broc. . . . .
	4\$000
Sicentina, 3ª edicção, 3 v. br.	7\$000, broc. . . . .
	5\$000
Theatro completo, 3 v. enc.	. . . . .
	9\$000
Inxo e vaidade, Primo da California, Amor e Patria, comedia, 1 v. in-8° broc.	. . . . .
	2\$000
Isabella, comedia, 1 v. in-8° broc.	. . . . .
	1\$500
Fantasma Branco, comedia 1 v. in-8°	. . . . .
	1\$500
Moço Othelo,, comedia, 1 v. in-8° broc.	. . . . .
	\$500
Primo da California, comedia, 1 v. broc.	. . . . .
	1\$000
Incinatio quebra louça, comedia, 1 v. broc.	. . . . .
	2\$000
Historia do Brasil, 2 v. in-4° enc.	. . . . .
	8\$000
— — 1 v. in-4° enc.	. . . . .
	3\$000
Lições de Corographia do Brazil, 2 v. in-8° enc.	8\$000, broc. . . . .
	6\$000
Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro, 2 v. in-4° com estampas enc.	8\$000

### J. Norberto de Souza e Silva

Historia da conjuração Mineira, Estudos sobre as primeiras tentativas para a independencia nacional, 1 v. in-4°	7\$500, br. . . . .
	6\$000
Escritoras celebres, 1 v. in-8° enc.	. . . . .
	2\$000
Trabalhos entre espinhos, 1ª v. in-8° enc.	. . . . .
	2\$000

### Maria Desraisnes

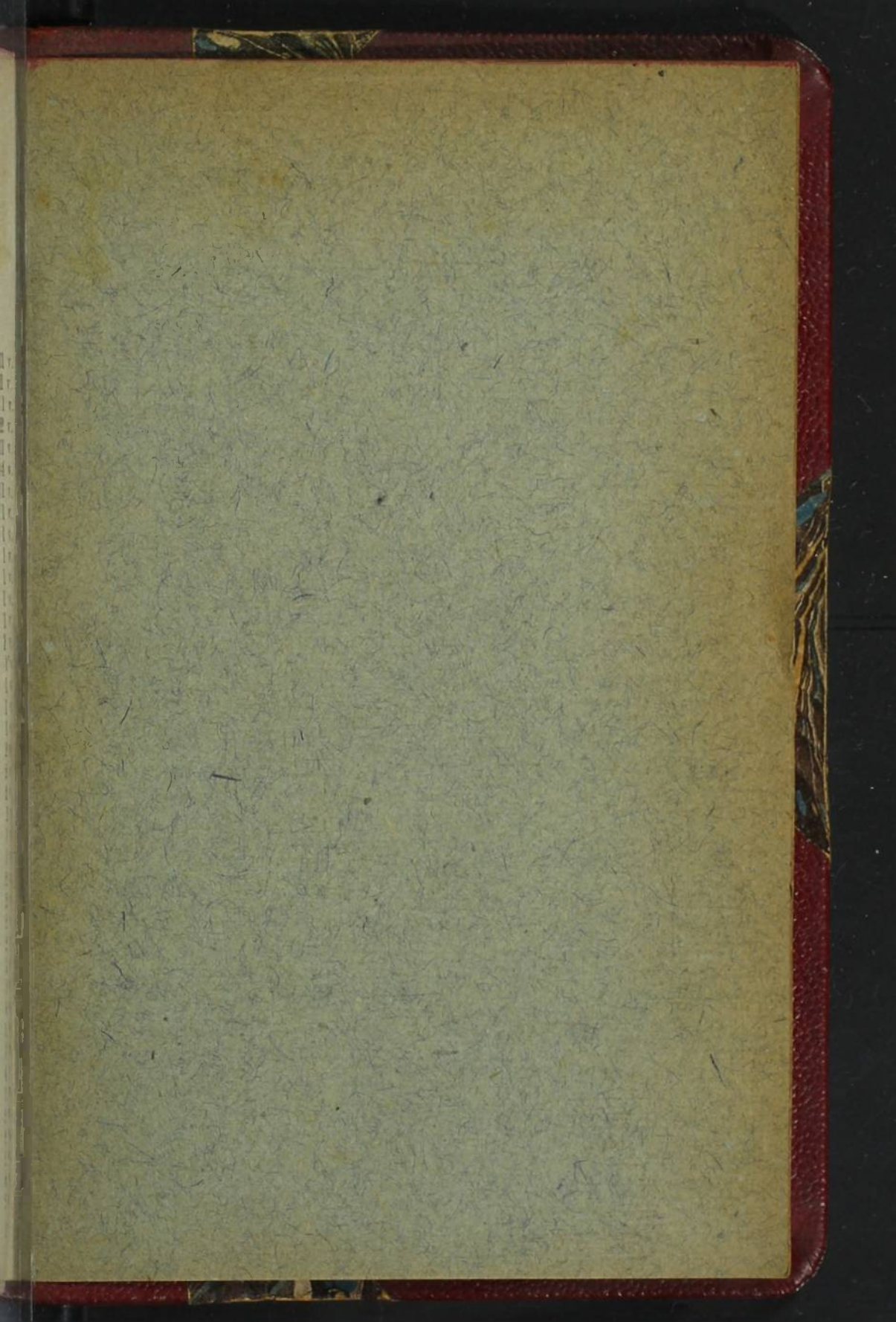
Carta contra A. Dantas Filho, refutação do Homem-Mulher, broc. in-12.	. . . . .
	\$300



# BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA

Collecção in-12 a 1\$00 o volume

Alfredo de Musset,	— O Segredo de Javotte. . . . .	1 v.
Pires de Almeida	— Martyres da Vida intima. . . . .	1 v.
Jorge Velho	— Folhas silvestres. . . . .	1 v.
Alberic Second	— A viscondessa Alice. . . . .	2 v.
Demophilo	— Cathecismo Constitucional . . . . .	1 v.
J. de Alencar	— Til . . . . .	4 v.
Bern. Guimarães	— O Indio Affonço. . . . .	1 v.
O. Fenillet	— Julia . . . . .	1 v.
J. Sandeau	— João de Thommeray. . . . .	1 v.
Fausto	— Um casamento de tirar o chapéo. . . . .	1 v.
—	— A Caça de um Baronato. . . . .	1 v.
—	— Scenas da Vida Republicana . . . . .	1 v.
—	— Um Provinciano Ladino . . . . .	1 v.
—	— Dous dias de Felicidade no Campo . . . . .	1 v.
Kock Junior	— Um marido por um pé de meia. . . . .	1 v.
—	— O Pandego. . . . .	1 v.
—	— O bom do Sr. Leitão . . . . .	1 v.
—	— Contos jocosos. . . . .	1 v.
Augusto Emilio Zaluar	— Contos da Roça . . . . .	2 v.
A. Belot	— A mulher de Fogo . . . . .	2 v.
A. Belot e J. Dautin	— O Matricida. . . . .	2 v.
A. Belot e J. Dautin	— Dacolard e Lubin. . . . .	2 v.
E. About	— O Nariz de um Tabellião. . . . .	1 v.
A. Dumas Filho	— O Homem-Mulher. . . . .	1 v.
—	— Sophia Printemps. . . . .	2 v.
P. de Kock	— Fricquette. . . . .	2 v.
—	— Memorias. . . . .	2 v.
—	— A Casa Pardaillon & C. . . . .	2 v.
A. Assolant	— Confissão de um Badense. . . . .	1 v.
—	— O Doutor Judassohn. . . . .	1 v.
E. Gaboriau	— A Vida Infernal. . . . .	6 v.
—	— A Corda na Garganta . . . . .	5 v.
Max-Valrey	— Martha. . . . .	3 v.
P. Féval	— O Sobrevivente. . . . .	4 v.
E. Feydeau	— A. Arte de Agradar. . . . .	1 v.
X. de Montépin	— O Marido de Margarida. . . . .	2 v.
—	— A Condessa de Nancey. . . . .	2 v.
—	— O Amante de Alice . . . . .	2 v.
—	— O Bigamo . . . . .	4 v.
Arsène Houssaye	— Lucia . . . . .	2 v.
Fervaques & Bachaumont	— Rolande. . . . .	2 v.





b

17516

